

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

EMMANUELLE VIEIRA DE MELO LEITE

**Do Despertar ao Trabalhar: a produção do médium espírita kardecista  
em dois diferentes contextos etnográficos.**

Orientadora: Profª. Dra. Mísia Lins Reesink

Recife  
2014

EMMANUELLE VIEIRA DE MELO LEITE

**Do Despertar ao Trabalhar: a produção do médium espírita kardecista  
em dois diferentes contextos etnográficos.**

Dissertação orientada pela Profa. Dra. Mísia L. Reesink e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Recife  
2014

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291

L533d Leite, Emmanuelle Vieira de Melo.

Do despertar ao trabalhar : a produção do médium espírita kardecista em dois diferentes contextos etnográficos / Emmanuelle Vieira de Melo Leite. – Recife: O autor, 2014.

144 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Mísia Lins Reesink.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2014.

Inclui referências e anexo.

1. Antropologia. 2. Espiritismo. 3. Mediunidade. 4. Médiuns. I. Reesink, Mísia Lins (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2014-133)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em 29/08/2014

---

Profa. Dra. Mísia Lins Reesink  
(Orientadora – UFPE)

---

Prof. Dr. Roberto Mauro Cortez Motta  
(UFPE)

---

Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués  
(UFPA)

À minha mãe, por todo amor e dedicação.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais. Ao meu pai pelo exemplo de profissional acadêmico e pesquisador bem sucedido. E em especial à minha mãe, porque sem ela eu não seria nada. Muito obrigada!

Aos meus familiares. À minha vovó Ainda que pelas lições de como encarar a vida de forma mais leve e humana. Ao irmão mais velho por simplesmente ser irmão mais velho – cuidadoso e preocupado; e ao irmão do meio por, sem saber, me forçar a melhorar meus argumentos através das nossas inúmeras discussões (vulgo, brigas de irmãos). Às cunhadas, primos e primas, tios e tias, madrinha e padrinho, afilhada pelo apoio e torcida mesmo não entendendo bem o que eu faço/pesquise. Muito obrigada!

Aos amigos e amigas, os que moram perto e aos que moram longe, por compreenderem os meus momentos de ausência, me apoiarem sempre que precisei e torcerem por mim. Muito obrigada!

À minha orientadora, prof<sup>a</sup> Mísia, por ter acreditado no meu potencial desde a graduação me ajudado tanto no decorrer das duas pesquisas quanto na escrita da monografia e desta dissertação. Muito obrigada!

Às docentes: Maria Aparecida Nogueira, decisiva na minha formação durante a graduação; e Roberta Campos por contribuir em vários momentos como minha coorientadora. Muito obrigada!

Aos colegas do PPGA. Os da turma do mestrado, pela convivência durante o ano de 2012, e os do NERP pela companhia durante os eventos e as viagens. Em especial à Paula Neves, “Paulinha”, com quem dividi todas as alegrias e aperreios de todo esse processo. Muito obrigada!

À todos que apesar de não terem sido citados passaram e/ou ainda estão presentes na minha trajetória e colaborando de alguma forma para este trabalho, seja por

conversas sobre os temas nele envolvidos ou somente pelas demonstrações de apoio e interesse. Muito obrigada!

Aos meus interlocutores, da Fraternidade Peixotinho e do Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins, por me darem autorização para realizar esta pesquisa sendo sempre bastante prestativos, pela disponibilidade em responder a todas as minhas dúvidas. Sem vocês a pesquisa não teria sido possível. Peço de antemão desculpas por qualquer limitação e falhas na minha interpretação da vossa vivência religiosa. Muito obrigada!

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, à Carla e à Ademilda – espero ter escrito o nome corretamente, por todo apoio. Muito obrigada!

Ao CNPq/CAPES, por ter possibilitado e financiado esta pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho é um estudo comparativo entre a Fraternidade Espírita Peixotinho e o Hospital Espiritual Maria Claudia Martins, no qual o processo de formação dos médiuns que atuam nesses contextos é colocado como ponto norteador das análises dos rituais e atividades das duas instituições kardecistas. O indivíduo que se caracteriza como médium, para esse grupo religioso, é aquele que serve de intermediário entre o “mundo visível” e o “mundo invisível” servindo como veículo pelo qual aqueles que não estão mais “encarnados” possam agir no “mundo material”. Trata-se do membro do movimento espírita responsável pela revelação e atualização dos preceitos dessa doutrina, devido ao seu contato constante com os espíritos. Procurei apontar as semelhanças e divergências na produção e atuação dos médiuns nos dois locais a partir dos dados obtidos através de observações participantes e entrevistas semiestruturadas.

### **Palavras-chave:**

Espiritismo, mediunidade, médiuns, trajetórias, noção de pessoa, corpo, movimento espírita brasileiro.

## **ABSTRACT**

This work is a comparative study between the Fraternidade Espírita Peixotinho : Hospital Espiritual Maria Claudia Martins, where the formation process spiritualistic mediums who act in those contexts plays the guiding role of the rituals and activities analysis on both kardecists' institutions. The person typified as medium, for this religious group, is the one that serves as middleman among the “visible world” and the “invisible world” serving as a vehicle by which those who are not “incarnate” can take action in the “material world”. The spiritualistic mediums are the members of the Spirit Movement who are responsible for revealing and updating the concepts of this doctrine, due to their direct contact with the spirits. I researched for similarities and differences in the production and acting of mediums on both sites with data obtained through participant observation and semi-structured interviews.

### **Keywords:**

Spiritualism, mediumship, mediums, trajectories, the notion of person, body, Brazilian spiritualist movement.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto Peixotinho .....	30
Figura 2 – Entrada e Térreo da Fraternidade Peixotinho .....	35
Figura 3 – Primeiro andar da Fraternidade Peixotinho .....	36
Figura 4 – Segundo andar da Fraternidade Peixotinho .....	37
Figura 5 – Logo marca da Fraternidade Peixotinho .....	39
Figura 6 – Térreo do Hospital Maria Claudia Martins.....	55
Figura 7 – Primeiro andar Hospital Maria Claudia Martins.....	56
Figura 8 – Logo marcas dos hospitais espirituais .....	58
Figura 9 – Recorte do primeiro andar da Fraternidade Peixotinho .....	93
Figura 10 – Recorte do segundo andar da Fraternidade Peixotinho .....	96
Figura 11 – Recorte do primeiro andar do Hospital Maria Claudia Martins.....	99
Figura 12 – Recorte do térreo do Hospital Maria Claudia Martins.....	99
Figura 13 – Recorte primeiro andar do Hospital Maria Claudia Martins.....	100
Figura 14 – Quadros dos Doutores Espirituais do Hospital Maria Claudia Martins....	119
Figura 15 – Plexos e Centros Vitais.....	125

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Glossário analítico .....	62-63
Tabela 2 – Tipos de Mediunidade.....	67-68
Tabela 3 - Quadro Sinótico dos Plexos.....	143

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>PRELÚDIO: OS CAMPOS E AS DISPUTAS</b>	
1. Francisco Peixoto Lins .....	24
1.1 Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins .....	31
1.2 Hospital Maria Claudia Martins.....	43
1.3 Glossário analítico.....	61
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>MÉDIUM, MEDIUNIDADES E PRÁTICAS MEDIÚNICAS</b>	
2.1 Médiunidade.....	65
2.1.1 Tipos de Mediunidade .....	67
2.1.2 O processo de iniciação do médium espírita .....	73
2.1.2.1 Na Fraternidade Peixotinho .....	74
2.1.2.2 No Hospital Espiritual M <sup>a</sup> Claudia Martins .....	77
2.2 Práticas Mediúnicas .....	81
2.2.1 Observando as práticas mediúnicas: Eu no campo .....	85
2.2.2 A prece.....	89
2.2.3 Reuniões da Fraternidade Peixotinho.....	92
2.2.4 Sessões do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins .....	96
2.3 O papel dos médiuns: centro espírita e sociedade .....	102

## **CAPÍTULO III**

### **OS CAMINHOS DA MEDIUNIDADE: MÉDIUNS E SUAS TRAJETÓRIAS**

3.1 Os encarnados e os desencarnados.....	105
3.1.1 Os <i>Trabalhadores-voluntários</i> .....	105
3.1.1.2 A vocação dos médiuns stricto sensu .....	107
3.1.1.3 Doutrinador ou Médiun lato sensu .....	114
3.1.2 Os agentes espirituais do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins .....	117
3.1.2.1 Os Doutores Espirituais .....	117
3.1.2.2 As Falanges espirituais .....	123
3.2 Aprofundando a relação da concepção de corpo, noção de pessoa e mediunidade no Espiritismo kardecista .....	123
3.2.1 Reflexões sobre a categoria “corpo” .....	128
3.2.2 Notas sobre a noção de pessoa.....	130
3.3 O tripé espírita: estudo, caridade e mediunidade .....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	135
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	139
<b>ANEXO A</b> .....	143

## INTRODUÇÃO

Uma das principais características do Espiritismo é a sua crença na existência de dois planos: o material – “visível” – e o espiritual – “invisível” -, sendo o primeiro habitado pelos seres *encarnados* e o segundo pelos *desencarnados*. O seu fundador, Allan Kardec, defendia a possibilidade de existir comunicação entre esses dois mundos. A figura que viabilizaria a comunicação entre essas duas realidades seria o médium, indivíduo que se posiciona como intermediário entre o “mundo visível” e o “mundo invisível”, servindo como veículo pelo qual aqueles que não estão mais “encarnados” possam agir no “mundo material”. Segundo este ponto de vista, os médiuns foram os responsáveis pela revelação<sup>1</sup> dos preceitos desta doutrina. Foi por intermédio deles que os preceitos espíritas kardecistas tomaram forma.

Apesar do aumento significativo de pesquisas sobre o Espiritismo, diversos autores apontam que esse campo ainda é pouco estudado<sup>2</sup>. A ênfase na figura do médium decorre dessa carência de trabalhos antropológicos que tenham esse ator específico como foco e tema principal. Assim, Anselmo Paes (2011) comenta na sua tese sobre esse aspecto lembrando que existem pesquisas acerca da mediunidade e do transe no Espiritismo, mas não “sobre a experiência do *médium* espírita, suas sensações, os esquemas de organização do constante trabalho de educação e controle de si, os esforços de adequação às expectativas típicas dos grupos espíritas” (p. 276, grifo do autor). Em outras palavras, não é problematizada a produção do médium espírita kardecista.

Uma segunda questão é apontada por Cavalcanti (2006). Ela comenta na sua pesquisa na década de 1980 que a bibliografia levantada para pesquisar o Espiritismo

---

<sup>1</sup> Kardec, apesar de não ter sido médium, elaborou um questionário e o aplicou em diversos locais – fenômeno das “mesas girantes” – onde existiam indivíduos com mediunidade apta a interpelar os espíritos através de reuniões mediúnicas. A compilação das respostas obtidas levou ao surgimento de um dos livros base da doutrina espírita: O Livro dos Espíritos (1857), que juntamente com o Livro dos Médiuns (1861), Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), o Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868), formam o Pentateuco da codificação espírita kardecista. Dentre as principais crenças presentes nesses livros estão: ideia de progresso social através de reencarnações, a teoria do carma ou lei da causalidade-retorno, a busca por aprimoramento espiritual por meio do refinamento moral, a defesa de práticas como a caridade e a prece, e a noção de que existe um mundo “invisível” que abarca tudo que existe no universo e que se manifesta no mundo “visível” por meio dos médiuns. Exigem-se deles atitudes características de um “bom espírita”: a prática da caridade, o estudo das obras mais renomadas, o exercício da paciência e o controle das emoções.

<sup>2</sup> Giumbelli (1997), Stoll (2002), Cavalcanti (2006), Madureira (2010), Paes (2011).

Kardecista, emergiu em proximidade com os estudos sociológicos sobre religiões afro-brasileiras. Isso se deu ao ponto dela propor no seu livro uma

visão do Espiritismo como um sistema simbólico integrado, e dotado de uma cosmologia e um sistema ritual característicos. Uma religião urbana e letrada que se expandia discretamente entre as camadas médias e cuja lógica interna exercia ativa pressão sobre a incorporação de elementos provenientes de outras matrizes religiosas (CAVALCANTI, 2006, p.1).

Seria preciso, então, estudar o Espiritismo dentro do seu contexto. Existe, assim, a necessidade de trabalhos antropológicos que abordem aspectos da doutrina espírita que saiam um pouco do eixo convencional que tende a estudar o catolicismo, os movimentos pentecostais, e as religiões afro-brasileiras. A própria antropologia se enriqueceria com uma maior diversidade e quantidade de estudos que abordem o contexto espírita kardecista, os quais servem como mais um local para observar como os brasileiros estão lidando com o contexto religioso na atualidade.

Portanto, a partir da abordagem de cunho antropológico, e dialogando principalmente com a literatura sobre o espiritismo já disponível, dei continuidade às reflexões iniciadas na graduação acerca da mediunidade dentro do contexto kardecista, de modo a contribuir mais uma vez para o aumento da produção de conhecimento acadêmico e diminuir a lacuna existente na literatura antropológica sobre esse assunto. Como dito, a produção do médium não tem sido discutida, e acredito que este ponto é essencial para compreensão do Espiritismo como um todo.

Diante disto, apresento este trabalho como uma proposta para compreender um processo cuja investigação nenhum pesquisador realizou ainda: o processo de formação do médium espírita kardecista, desde o *despertar* da mediunidade, passando por todas as etapas por eles vivenciadas, até a formação do médium de sucesso, em dois contextos etnográficos da vivência religiosa do Espiritismo: a Fraternidade Espírita Peixotinho, e o Hospital Espiritual Maria Claudia Martins.

O Objetivo desta dissertação é, portanto, analisar etnograficamente como se dá a produção do médium kardecista nesses dois contextos etnográficos diferentes. Para tanto, procurei identificar, nas práticas e nos discursos, as representações espíritas kardecistas acerca da questão da mediunidade: suas implicações, conteúdos, rituais, legitimidade e prestígio para os praticantes dessa doutrina. Além disso, de forma comparativa, viso a descrever as diferenças de comportamento, organização, rituais,

etc., observadas entre os *trabalhadores-voluntários* e frequentadores em ambas os ambientes espíritas.

### **Dialogando com a literatura.**

As principais pesquisas sociológicas e antropológicas que estudaram o Espiritismo de forma mais geral, foram as de Marion Aubréé e François Laplantine (2009), Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2008), Bernardo Lewgoy (2004), Antoniette de Brito Madureira (2010), Sidney Greenfield (1999), Reginaldo Prandi (2012), Célia Graças Arribas (2010), Emerson Giumbelli (1997, 2003).

Os pesquisadores franceses elaboraram uma obra que trata do movimento espírita desde o seu início nos EUA, passando pelo desenvolvimento na França até a sua chegada ao Brasil, contando, também, como ele se encontrava nos dois países no período em que a pesquisa foi realizada. Trata-se, portanto, de um manual essencial para qualquer pesquisa que trate sobre o Espiritismo.

Cavalcanti (2008) traz descrições e análises acerca da cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa a partir do seu estudo em um centro espírita do Rio de Janeiro. Neste trabalho, a autora coloca questões relevantes no que tange às sessões mediúnicas, mediunidade e médiuns. Ela aponta a presença, nesse contexto, de dois elementos fundamentais da doutrina espírita: a caridade e o estudo. Portanto, os rituais espíritas englobam a tríade estudo-caridade-mediunidade de tal maneira que para que sejam bem sucedidos é indispensável a presença de todos os três elementos.

Já a contribuição de Lewgoy (2004) decorre do seu entendimento, a partir da biografia e trajetória de Chico Xavier, de diversos elementos da cultura brasileira de mediação e como esses aspectos são elaborados pelo médium mineiro dentro da cosmovisão espírita kardecista. Madureira (2010) tem como campo de estudo centros espíritas localizados em dois estados do Nordeste brasileiro – o Rio Grande do Norte, e Pernambuco -, o que coopera no entendimento do movimento espírita na sociedade nordestina, além de abordar com bastante ênfase a questão das emoções no seu trabalho.

Greenfield (1999) elaborou um rico estudo de curas espirituais, especialmente aquelas que ocorriam em contextos espíritas, que é uma referência essencial para qualquer pesquisador que lide com esse mesmo aspecto. Prandi (2012) elabora uma

contribuição sociológica para o entendimento do processo histórico do Espiritismo kardecista, as suas principais ideias, suas particularidades; além de analisar o impacto que essa religião gerou na sociedade – principalmente na brasileira – e a forma como ela se relaciona com outras crenças religiosas.

Arribas (2010) propõe a divisão das obras que abordam o surgimento do Espiritismo no Brasil em dois conjuntos: “de um lado, os autores que procuram explicar as singularidades brasileiras do espiritismo como deturpações dos princípios originalmente estabelecidos na França; de outro, os autores que o enxergam como uma reconstrução original do original.” (2010, P. 32).

Já Giumbelli (1997, 2003), procura compreender o processo que levou à formação do que entendemos hoje como “espiritismo brasileiro” mostrando, por meio do estudo de processos históricos, como agentes externos ao campo religioso – aparato policial, judicial, comunidade médica – influenciaram na constituição e formação dessa religião.

Partindo mais especificamente para as leituras sobre mediunidade, nota-se a importância de pensar sobre como o Espiritismo lida com as categorias de corpo e das emoções dentro das suas práticas religiosas, além da noção de pessoa dentro do processo de formação do médium espírita kardecista. Busquei nas análises seminais de Marcel Mauss (2003) o entendimento dessas categorias para trabalhar esses tópicos a partir dos meus dados etnográficos. Coloco as contribuições maussianas em contraponto com as interpretações feitas por Raymundo Maués (2000) devido à proximidade das duas discussões com o meu campo. Thomas Csordas (2008) traz elementos interessantes no que diz respeito ao campo empírico das terapias religiosas, a maneira como os indivíduos vivenciam seus processos de cura e a relação com aqueles indivíduos que os auxiliam nessa experiência. Debato a sua definição do “paradigma da corporeidade” e procuro perceber se ela contribuía para entender o contexto pesquisado.

Trazendo a discussão para a concepção de corpo no Espiritismo, faço uso das colaborações de Paes (2011) e Tadvald (2007). Ambos abordam a representação espírita do corpo comentando sobre a sua proximidade com a concepção de corpo na modernidade, influenciada pelo individualismo. Paes adentra, também, na visão espírita de saúde e discute brevemente acerca da forma como é concebida a sexualidade nesse contexto. Tadvald contextualiza historicamente o ambiente no qual o Espiritismo kardecista surgiu para entender como as concepções desse período influenciaram na maneira como a doutrina espírita conceitua “corpo” e “pessoa”.

O campo da religião espírita suscita diversas questões que ainda necessitam ser abordadas, logo, procurei estudar algumas que ainda não foram pesquisadas a fundo e que contribuirão para o entendimento não só do contexto religioso kardecista, mas também de elementos da sociedade brasileira.

### **Breve contextualização da doutrina espírita.**

A doutrina espírita, fundada pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (que adotou o pseudônimo Allan Kardec), teve a sua origem em um movimento norte-americano chamado “modern spiritualism”. Esse movimento nasceu, de acordo com Marion Aubréé e François Laplantine (2009), em 1847, em uma cidade do estado de Nova York, noroeste dos Estados Unidos. “Em poucos anos, conta com milhões de adeptos nos Estados Unidos. Envia missões à Europa, primeiro à Inglaterra, depois à Alemanha e à França.” (P. 22).

Os eixos principais do “Modern Spiritualism” eram a reencarnação e o progresso da sociedade, que serão apreendidos por Kardec e servirão como pontos de partida da elaboração do Espiritismo.

Allan Kardec vai ter a sua atenção chamada, primeiramente, por um fenômeno chamado de “Mesas Girantes”, nas quais se sentavam várias pessoas que, por meio de códigos, entravam em contato com os espíritos presentes no recinto. Na tentativa de verificar se esses fatos eram armação, Kardec e outros indivíduos procuraram assistir e acompanhar a essas sessões, e ao concordarem de que existia ali uma comunicação com espíritos, o pedagogo teve a ideia de, juntamente com alguns colaboradores, fazer várias perguntas aos seres que se manifestavam. As respostas deram origem a um dos livros base do Espiritismo: *O Livro dos Espíritos*<sup>3</sup>, que teve a sua primeira edição publicada em 1857. No livro “O que é o Espiritismo”, Kardec comenta como foi feita essa pesquisa que deu origem às obras da codificação:

(...) Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método de experimentação: nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências, dos

---

<sup>3</sup> Além do Livro dos Espíritos (1857), mais quatro obras fazem parte da codificação feita por Allan Kardec, são elas: Livro dos Médiuns (1861), Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), o Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868).

efeitos procurava remontar às causas pela dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida nenhuma explicação senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão (...) Agi com os Espíritos como teria feito com os homens: eles foram para mim, desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações e não reveladores predestinados. (KARDEC apud CAVALCANTI, 1985, p.4).

Aqui temos um dos pontos principais do Espiritismo kardecista, a ênfase na agência dos espíritos na elaboração dos preceitos da doutrina. Os médiuns foram os veículos utilizados para que a mensagem chegasse até os ‘encarnados’, e Allan Kardec foi o ‘escolhido’ para ajudar na catalogação e organização dos ensinamentos que formam as bases do Espiritismo.

Para a elaboração das obras seminais da codificação feita por Kardec, os dados provieram dos próprios Espíritos, que, através de diversos médiuns, respondiam às inúmeras questões elaboradas pelo pedagogo francês, e, desta maneira, eles mantinham o controle sobre o livro que estava sendo escrito. Portanto, a doutrina espírita foi revelada, de acordo com os seus seguidores, pelos Espíritos, tendo sido Kardec e os seus colaboradores indivíduos investidos da missão de a codificar e divulgar.

Já no Brasil, o Espiritismo vai ser difundido por volta da segunda metade do séc. XIX, ainda durante o Império, quase simultaneamente à sua divulgação na Europa. Essa entrada é vista como “um entre outros modismos importados da França, potência largamente hegemônica no imaginário intelectual e estético das elites brasileiras da época” (LAPLANTINE & AUBRÉE, 1990, *apud* LEWGOY, 2008, p.87). Contudo, os autores ressaltam que o espiritismo brasileiro possui uma singularidade, posto que ele dá maior ênfase aos aspectos religiosos e místicos ligados às noções mágicas. Já na França, foca-se mais na dimensão experimental e científica da doutrina.

Coube à Federação Espírita Brasileira a unificação e divulgação do movimento espírita no país. Bernardo Lewgoy afirma que “o Espiritismo da FEB congregava uma alternativa religiosa minoritária ao catolicismo, dentro de um espírito ‘associativista’. (...) Historicamente, a FEB moveu-se numa dialética de oposição e sincretismo com a Igreja Católica” (2008, p.87). A ênfase na caridade, o assistencialismo, a procura por uma “religiosidade interior”, uma menor valorização dos rituais e o incentivo dos cultos familiares, colocam a FEB em posição de trocas sincréticas com a Igreja Católica. Com o passar dos anos, a essas características foram associadas, pela FEB, outros elementos que são hoje encontrados nas casas espíritas: terapia de passes, fluidificação de água,

atendimento fraterno, palestras, sessões de “desobsessão”, o que demonstra um grande enfoque para os aspectos mediúnicos e ritualísticos.

Emerson Giumbelli (1997, 2003), ao analisar os discursos médicos, policiais e jornalísticos da primeira metade do séc. XIX, que faziam uso da categoria de “baixo espiritismo” criada no contexto de criminalização do Espiritismo pautado no Código Penal de 1890, esclarece o motivo pelo qual a FEB assumiu esse papel direcionador dentro do movimento espírita brasileiro. O autor pontua que foi no cerne das atividades rituais e doutrinárias da FEB que ocorreu a formulação da oposição de práticas falsas ou verdadeiramente espíritas. Dentro desse panorama, o viés religioso apontado pela FEB denota uma estratégia de busca por se proteger – e também aos seus associados – de possíveis polêmicas e ataques provenientes tanto da comunidade médica quanto do aparato jurídico-policial:

daí a razão para que o “espiritismo” passe a estar investido do estatuto de “religião” – e “religião” entre outras “religiões” – e que práticas anteriormente constituídas em alvo de ataques e polêmicas – mediunidade, possessão, todas as formas terapêuticas – passem a ser abordadas por referência exatamente a essa totalidade designada por concepções e visões “religiosas”. (GIUMBELLI, 1997, P.72).

Portanto, a FEB foi decisiva no processo de legitimação do Espiritismo kardecista no Brasil ao colocar o modelo mais “religioso” em detrimento do que exercia a prática de curas espirituais – mais “terapêutico”. No meu trabalho de conclusão do curso de ciências sociais (2011), trabalhei como essa mudança ocorreu a partir da figura do médium Francisco Peixoto Lins – mais conhecido como Peixotinho – cuja trajetória passou de mais “terapêutico” a mais “religioso” – pensando no sentido weberiano enquadrado essa passagem como uma racionalização. Contudo, é possível perceber nesta dissertação que o Hospital Maria Claudia Martins subverte o modelo estabelecido pela FEB e promove um retorno às práticas terapêuticas, em termos weberianos, uma volta à magia.

Outro ponto que diferencia o espiritismo brasileiro da sua matriz francesa é o enfoque dado aos médiuns espíritas. Na verdade, isso pode ser visto de uma forma mais ampla, como uma característica da própria sociedade brasileira, na qual os indivíduos possuem intimidade com as entidades dos seus contextos religiosos, sejam elas santos, eguns, ou orixás. Aubréé e Laplantine resumem bem essa noção:

O espiritismo à brasileira funda-se essencialmente na crença nas relações permanentes entre o mundo visível e o invisível que podem,

em quase todas as circunstâncias, ser mediadas por um terceiro. Essa ideia não é exclusiva do espiritismo. Ela nos parece, pelo contrário, constitutiva da cultura brasileira, cultura da mediação, que nunca opõe duas entidades (como dualidades de que os europeus são tão ciosos), mas procura, ao contrário, reuni-las. (AUBREÉ & LAPANTINE, 2009, P. 225).

Como dito, pretendo neste trabalho observar nos aspectos ritualísticos desta doutrina a produção dos médiuns dentro de dois contextos: em um centro espírita<sup>4</sup> e em um hospital espiritual<sup>5</sup>. Para tal, acredito ser importante utilizar categorias nativas e, dentre elas, duas foram particularmente relevantes no entendimento desta temática: o *despertar* – momento de descoberta da mediunidade stricto sensu – e o *trabalhar* – ponto a partir do qual o médium já se encontra devidamente treinado, orientado e pode efetivamente participar das reuniões e atividades mediúnicas.

### **As Estratégias de Pesquisa e o Trabalho de Campo**

Ambos os locais pesquisados se enquadram dentro da vertente kardecista, utilizando-se amplamente dos livros da codificação nas suas palestras e cursos, porém possuem diferenças nas suas práticas. Enquanto um está mais voltado para a divulgação dos ensinamentos doutrinários através de palestras públicas realizadas diariamente (Fraternidade Peixotinho), o outro direciona os seus eventos para os fins de semana, nos quais realizam diversos atendimentos médico-espirituais (HESMCM), em que os preceitos espíritas são passados como parte do tratamento.

A Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins, mais comumente citada como “Fraternidade Peixotinho” - na maior parte das vezes é referida simplesmente como “Peixotinho” -, foi local onde realizei a pesquisa para o meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais. Fica situada no bairro de Boa Viagem, Zona Sul da cidade do Recife, em Pernambuco. É frequentado, majoritariamente, por moradores do próprio bairro em que se encontra, tratando-se de um público em grande parte composto por pessoas da classe média – mais especificamente, os membros desse setor que se

---

<sup>4</sup> Fraternidade Espírita Francisco Peixotinho Lins.

<sup>5</sup> Hospital Espiritual Maria Cláudia Martins.

enquadram na parte média e alta –, contendo eventualmente membros da comunidade carente com a qual a Fraternidade realiza atividades sociais<sup>6</sup>.

Trata-se de um centro espírita afiliado à FEB e o seu processo de institucionalização – descrito no primeiro capítulo desta dissertação – é marcado pelo desencorajamento de práticas mediúnicas ligadas à mediunidade receiptistas, aos tratamentos de curas e às cirurgias espirituais. Passam, então, a preconizar os elementos recomendados pela federação: palestras doutrinárias, incentivo à leitura dos livros básicos<sup>7</sup> da doutrina e aplicação de passes.

Já o Hospital Espiritual Maria Cláudia Martins (HESMCM), apresenta um contexto bastante diferente. A instituição foi fundada a partir de uma dissidência do modelo federativo. Nesse local foi possível perceber uma volta à dimensão da cura religiosa do Espiritismo, deixada de lado pela FEB, e a valorização das mediunidades de cura e receiptista.

Está localizado no bairro de Cajueiro Seco, na região central da cidade de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco. Os seus frequentadores não se restringem a moradores da redondeza, tratam-se de indivíduos de diversas partes do Grande Recife, que souberam da existência desse hospital através de indicações de conhecidos que já frequentavam o local. Apesar de entre eles encontrarmos, também, pessoas da classe média, contudo, o público que frequenta é diferente daquele do “Peixotinho” (cujos participantes encontram-se nos estratos mais superiores dessa classe social). Enquanto no contexto de Boa Viagem encontramos, dentre os frequentadores, médicos, pessoas da área jurídica, comerciantes; em Cajueiro Seco, são funcionários em posições mais baixas em seus serviços, donas de casa, profissionais técnicos, etc. Além disso, no primeiro caso, o número de homens e mulheres não difere tanto quanto no segundo, no qual o sexo feminino está em maioria.

A pesquisa constou de observações participantes e/ou diretas, realização de entrevistas gravadas e não gravadas, acesso ao material (vídeos e textos) disponibilizado

---

<sup>6</sup> Dentre essas atividades estão aulas de reforço, de pintura, de costura, de música, grupo de assistência a gestantes.

<sup>7</sup> Livro dos Espíritos, Evangelho Segundo Espiritismo e obras psicografadas por Chico Xavier.

pelas instituições em suas respectivas páginas na internet, leitura de livros espíritas<sup>8</sup>. Os primeiros contatos com membros dos locais ocorreram por volta do final de março (2013) e consistiram em pedidos de autorização para a realização do trabalho. As idas a campo efetivamente se iniciaram em meados de maio e se estenderam até agosto de 2013, contando com alguns retornos para esclarecimentos e coleta de dados complementares. Durante esse período, frequentei tanto as atividades abertas ao público quanto aquelas onde ocorriam as práticas mediúnicas – sessões de desobsessão, cirurgias espirituais, tratamentos diversos, reuniões de desenvolvimento mediúnico, sessões de psicografia –, que ocorriam em dias e horários diversos ao longo da semana. Além disso, foram realizadas e gravadas entrevistas com diversos *trabalhadores-voluntários* – majoritariamente médiuns, mas também alguns doutrinadores – de cada local.

O “fazer campo” na antropologia é algo delicado no sentido que o nosso objeto espera algo de nós, ações, comportamentos, falas podem ser extremamente importantes e relevantes. Como no caso da antropóloga Jeanne Favret-Saada (2005), que na sua pesquisa sobre feitiçaria no Bocage ter sido “afetada” e se deixar afetar por aspectos do campo, foi algo primordial no desenvolvimento do seu trabalho. Contudo, como ela coloca,

quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista do nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (FAVRET-SAADA, 2005, p.160).

É necessário assumir um compromisso moral com os interlocutores e medir o que é falado, pois, como coloca Clifford Geertz (2012)

o etnógrafo não percebe – principalmente não é capaz de perceber – aquilo que seus informantes percebem. O que ele percebe, e mesmo assim com bastante insegurança, é ‘com que’, ou ‘por meios de que’, ou ‘através de que’ (ou seja lá qual for a expressão) os outros percebem (GEERTZ, 2012, P. 63).

---

<sup>8</sup> Livros da codificação e de autores recorrentemente citados nas palestras e estudos – Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco.

A preocupação com a subjetividade na relação do pesquisador com o seu objeto leva alguns cientistas sociais a optarem por estudar algo que fosse próximo a nós e com o qual tivéssemos intimidade para evitarmos a violência simbólica do distanciamento.

O fazer antropológico requer uma reflexividade constante. Nós não podemos negar, nem neutralizar, todas as sensações, emoções, valores que nos constituem, eles estão conosco no nosso dia-a-dia, nas nossas relações pessoais, e não temos como deixarmos de lado completamente quando formos fazer pesquisas. O que nós podemos fazer é refletir sobre esses aspectos, suas implicações naquilo que estamos trabalhando, e estarmos sempre atentos para repensar essas questões e ver qual a melhor forma de lidar com a relação razão e emoção.

## **Os capítulos**

Na busca por problematizar as questões envolvidas em torno da categoria de médium e do processo de construção dessa figura tão importante para o Espiritismo, começo o percurso deste trabalho com o **Capítulo 1, “Prelúdio: os campos e as disputas”**, no qual elaboro a descrição etnográfica das instituições pesquisadas colocando como ponto inicial as trajetórias pessoais dos principais atores no processo de fundação desses espaços. Enfatizo nas particularidades de cada local pesquisado: adesão ou não ao modelo federativo, entendimento do que as práticas espíritas devem ou não englobar, além dos conteúdos das atividades que realizam.

No **Capítulo 2, “Médium, Mediunidades e Práticas Mediúnicas”**, o cerne da discussão é a maneira como a categoria de médium, os tipos de mediunidades descritos pela literatura espírita e as práticas mediúnicas observadas se articulam com os processos de iniciação dos médiuns em ambos os contextos observados. Procuro reforçar a importância de noções de controle do corpo e das emoções, exemplaridade, pureza, perfeição, da tríade espírita – caridade, prece e estudo – para a análise dos tópicos levantados nesse capítulo. Aponto a questão do “despertar” da mediunidade e do ciclo no qual o médium passa por várias etapas até chegar no estágio do “trabalhar”, ou seja, de efetivamente fazer uso das duas aptidões mediúnicas dentro de uma instituição espírita.

No **Capítulo 3, “Os caminhos da mediunidade: médiuns e suas trajetórias”**, aprofundo as questões relacionadas à categoria de médium suscitadas no capítulo anterior através de relatos de diversos *trabalhadores-voluntários* das suas trajetórias

individuais de iniciação. A noção do *despertar* e *trabalhar* são evidenciados como pontos importantes do processo de formação do médium espírita. Denoto a centralidade do tripé espírita na vivência do médium espírita para que ele possa ser considerado “completo” e de sucesso que entendo como sendo a ‘pessoa plena’.

No fim de cada capítulo, elaborei uma conclusão parcial na qual reúno as principais questões debatidas e analisadas naquela seção. Recapitularei nas **Considerações finais** os pontos principais abordados ao longo de todo o texto.

## CAPÍTULO I

### PRELÚDIO: OS CAMPOS E AS DISPUTAS

Este capítulo será dedicado à descrição etnográfica dos locais estudados, assim como relatos abordando as trajetórias das principais figuras de ambas as instituições. Procurarei elucidar como cada um desses atores contribuiu para a fundação dos espaços pesquisados a partir das suas trajetórias pessoais. Ao final, elaborarei um glossário analítico com os termos nativos mais recorrentes para auxiliar a compreensão deste trabalho.

#### 1. Francisco Peixoto Lins.

As informações sobre a vida e obra de Peixotinho só puderam ser adquiridas através das pessoas que conviveram com o médium e elaboraram relatos sobre o que vivenciaram, porque de acordo com os informantes, ele não deixou nada documentado – somente algumas fotos. Ao iniciar a minha primeira pesquisa de campo na Fraternidade Espírita Peixotinho<sup>9</sup> um entrevistado comentou sobre o livro “*Materialização do Amor*”, cuja edição foi feita pelo genro do médium e no qual se encontra a trajetória do Peixotinho por meio da compilação de depoimentos diversos dos familiares e amigos dele, e das atas elaboradas durante as sessões mediúnicas das quais participou. Apesar da minha tentativa na época – e também posteriormente – de encontrar outros dados e outras fontes, além de perguntar mais detalhes sobre o médium cearense, todos se referiam ao livro ou a algum palestrante – normalmente parente de Peixotinho – e ao que havia sido comentado pelos familiares nas **reuniões públicas**.

Claudia Swatowski (2007), ao elaborar um artigo tendo como foco analítico o livro *Mistérios da Fé*, escrito por Edir Macedo e editado pela Universal Produções, se encontrou em uma situação equivalente à que tive na pesquisa de 2010/2011: recorrer a uma produção escrita nativa como fonte de dados. Perante tal conjuntura, ela faz a seguinte reflexão que considero relevante:

A não-ocorrência de uma interação face-a-face com o meu “informante”, mas sim de uma comunicação mediada, implica, por um lado, a inexistência de todos os elementos que se agregam a um

---

<sup>9</sup> O primeiro contato com a história de Peixotinho foi em 2010/2011 para o meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais.

contato pessoal (cf. Goffman 2003), e, por outro, a condição niveladora que a mediação implica. Além disso, diante de uma comunicação mediada, me encontro numa posição ambígua: a de pesquisadora e a de receptora. Não sou apenas aquela que traduz e analisa, mas, antes disso, sou receptora da mensagem como qualquer outro leitor. Com isso, quero chamar a atenção para o fato de que o pesquisador, ao tomar o texto de Macedo como fonte, não apenas opera uma tradução, mas participa de múltiplos contextos de recepção. Pois o pesquisador também possui uma trajetória marcada por experiências específicas e compartilha referências, visões de mundo e valores de determinados grupos sociais. (SWATOWISKI, 2007, p. 117).

Ao fazer a análise sobre esses dados, não perdi de vista as questões levantadas por Swatwosiki e o viés por trás desse tipo de fonte já que o livro foi editado pelos familiares de Peixotinho<sup>10</sup>.

Início com a descrição, de forma resumida, das análises feitas anteriormente<sup>11</sup> de dados coletados por mim para a elaboração do meu trabalho de conclusão do Curso de Ciências Sociais (UFPE) acerca desse médium que aprofundei na pesquisa de campo realizada recentemente para essa dissertação de mestrado (2013).

Francisco Peixoto Lins foi um médium cearense que teve atividade destacada no movimento espírita brasileiro, sendo conhecido internacionalmente entre os adeptos dessa doutrina. Mais conhecido como Peixotinho, nasceu no início do séc. XX no interior do Ceará. Ficou órfão de mãe na infância, sendo então criado pelo pai conjuntamente com os tios que moravam em Fortaleza. A família era extremamente católica e o influenciou a matricular-se em um Seminário para seguir carreira eclesiástica, permanecendo pouco tempo na educação religiosa, pois dizem que ele não se sentia satisfeito com as explicações recebidas.

A partir do descontentamento gerado pelas respostas de viés católico que lhe foram dadas, passa a não acreditar mais em um Deus bondoso e justo pregado pelo Catolicismo – crença que só será retomada a partir do contato com a doutrina espírita. Deixa o Ceará aos 14 anos de idade para trabalhar nos seringais no Amazonas. Regressa pouco tempo depois a Fortaleza devido a problemas de saúde. Por volta de 1920 é

---

<sup>10</sup> Leite, 2011.

<sup>11</sup> Leite, 2011.

acometido por uma crise de catalepsia, chegando a ser dado como morto e velado, mas por insistência de alguns familiares escapou do sepultamento.

Concomitantemente às doenças que sofria, Peixotinho apresentava rompantes de força física extrema para um indivíduo baixo e franzino. Foi devido a essa peculiaridade que seu primeiro contato com o Espiritismo surgiu: um vizinho atentou-se para os seus problemas e solicitou a família permissão para chamar uma equipe do Centro Espírita Cearense que pudesse lhe dar algum socorro espiritual por meio de *passes* e preces. De início, devido à crença religiosa católica, os familiares relutaram em aceitar que Peixotinho fizesse um tratamento espiritual, mas eventualmente acabaram percebendo que o médium apresentava sinais de melhora. A partir desse contato, o médium ficou curioso acerca do novo universo religioso com o qual se deparou e passa a ler romances espíritas e livros da codificação de Kardec. À medida que se recupera dos problemas físicos, passa a frequentar o centro espírita e a se engajar aos poucos ao movimento.

Existe uma diferença, no Espiritismo, entre o “iniciar-se” e o “desenvolver-se” apontada por Cavalcanti (2008). O primeiro trata do contato inicial e progressivo com a literatura espírita, o estudo e reflexão sobre os seus preceitos e a eventual aceitação deles. Já o segundo está ligado à mediunidade e ao *transe mediúnico*<sup>12</sup>. Portanto qualquer pessoa pode se tornar uma iniciada dentro da doutrina espírita, mas somente algumas irão desenvolver-se. Porém o iniciar-se vem sempre primeiro, como no caso de Peixotinho, primeiro se entra em contato e só depois inicia-se a execução das suas aptidões mediúnicas<sup>13</sup>.

Por volta de 1923 começa a servir ao exercito; nesta mesma época é orientado pelo major Vianna de Carvalho, que era o dirigente do órgão representativo do Espiritismo em Fortaleza, a iniciar sua educação mediúnica. Dava-se início a jornada de um dos médiuns mais importantes dentro do movimento espírita.

---

<sup>12</sup> Motta faz uma distinção entre o transe típico do Espiritismo e o que ele observa no Candomblé: “O transe de êxtase, típico do candomblé, significa alguma coisa de fundamentalmente diverso do transe de possessão, característico do espiritismo de origem européia (Motta, 1991). Não se trata do discurso de uma segunda personalidade, que vem substituir o discurso da personalidade ordinária do crente, mas da superação do discurso. Sua inteligência, sua afetividade, cada um de seus movimentos, que neste momento não são mais que dança ou gestos de dança, estão demasiadamente compenetrados pela irradiação do deus para que, ao fiel, sobre outra coisa além de um arrebatamento mudo. Trata-se de uma intuição supra-discursiva, ao mesmo tempo que estética.” (Id., 1995, p.35).

<sup>13</sup> No terceiro capítulo deste trabalho iremos analisar entrevistas feitas com diversos médiuns nas quais essa questão aparece com recorrência.

Devido à carreira militar, efetuou transferências para diversas cidades tais como: Campos (RJ), Niterói (RJ), Macaé (RJ) e Santos (SP). Praticamente em cada um desses lugares pelos quais passou ajudou a fundar centros espíritas frutos de Cultos do Evangelho no Lar, e vários tiveram suas instalações iniciais nos quintais das casas em que viveu – aspecto comumente citado como estando presente no início da trajetória da maioria dos centros espíritas brasileiros. Casou-se em fevereiro de 1933, com Benedita Muniz Vieira, carinhosamente chamada de “Baby”. Em dezembro do mesmo ano, nasce o primeiro dos nove filhos que teve, Guilbert – o único homem. Dois anos depois, em 1935, nasce a Aracy, filha que faleceu aos dois anos de idade e se tornou a sua guia espiritual.

O período antes da presença da filha Aracy no papel de *guia espiritual* é marcado pela presença de aspectos ligados à vida mundana: consumo de álcool e de cigarro, participação em festas, etc. O falecimento dela, e o seu retorno, caracteriza o início do seu chamamento definitivo a aderir completamente aos ideais da doutrina espírita: busca por uma vida mais ascética e dedicada somente a atividades que estivessem em consenso com o *ethos* espírita<sup>14</sup>. Em sua tese, Antoinette Madureira (2010) ressalta que para os espíritas a “salvação é, como para os protestantes (Weber 2004), algo que se consegue intramudanamente.”. A autora aponta que

o caminho para se começar a reforma íntima são exatamente os processos obsessivos, já que eles sinalizam, no caso do médium, para a necessidade de estudos que levem a um controle da mediunidade e à prática da caridade, para assim desenvolver virtudes que farão com que este se aproxime dos espíritos superiores e se afaste dos inferiores. (MADUREIRA, 2010, P. 39).

Tanto nos depoimentos do livro, como nos comentários<sup>15</sup> durante as palestras da Fraternidade Peixotinho, são enfatizadas as caridades praticadas pelo médium cearense, que apesar das dificuldades – financeira, saúde – nunca negou alimento e abrigo a qualquer necessitado que aparecesse à sua porta. Esse aspecto era reforçado por sua esposa, a Baby, de quem também são citados episódios onde realizou atos de caridade e assistencialismo. Uma parte considerável da procura por dar legitimidade a Peixotinho

---

<sup>14</sup> Algumas características presentes nesse *ethos*: discricção, seriedade, serenidade, controle, solicitude, paciência, indulgencia.

<sup>15</sup> Entre eles fala-se que depois das crises de asma, Peixotinho se ajoelhava ao lado da cama e agradecia a Deus por ter superado mais uma provação e assim poder continuar com o seu trabalho.

passa pela exaltação de aspectos como esse, repetidos em diversos depoimentos do livro, sempre reforçando a exemplaridade do médium como espírita que seguia o que é determinado pela doutrina.

Os fenômenos de *materialização* que caracterizam a particularidade da sua mediunidade (LEITE, 2011), e que o fizeram famoso, tem início no ano de 1936, na cidade de Macaé (RJ), e intensificam-se depois que a sua filha morre e passa a ser sua guia espiritual, sendo a fase áurea dos seus trabalhos o período de 1938 a 1944. A segunda fase da sua carreira mediúnica se inicia com a transferência para cidade do Rio de Janeiro, em 1945, no qual além das materializações produz receitas homeopáticas através da sua capacidade de *psicografar*<sup>16</sup>.

Os seus trabalhos mediúnicos, porém, eram prejudicados pela sua condição física frágil e debilitada – crises intensas de asma. Mesmo sendo um *receituário*,<sup>17</sup> nada podia ser feito para a sua situação. Não lhe era indicado nenhum tratamento espiritual para a sua condição porque tratava-se de uma doença entendida como *carmática* – os espíritas percebem esse tipo de enfermidade como uma provação obrigatória pela qual o indivíduo precisa passar para evoluir espiritualmente. Apesar disso, é sempre descrito como uma pessoa alegre e brincalhona, que aceitou bem as suas limitações sem deixar de trabalhar com o afincado que lhe era exigido por seus compromissos.

Peixotinho reformou-se do Exército no ano de 1952 com a patente de capitão. Aproveita a oportunidade para retornar à sua terra natal, o Ceará, e mantém excursões anuais às principais capitais do Nordeste (Fortaleza, Recife, Salvador) com o intuito de manter contato e ajudar os membros do movimento espírita de cada região a divulgar o Espiritismo. Efetua outra viagem a Minas Gerais para visitar Chico Xavier, com quem realiza uma série de trabalhos mediúnicos.

A partir de 1954 entra na fase final da sua carreira mediúnica, tendo participado de sessões e palestras até a véspera do seu falecimento. Faleceu no dia 16 de junho de 1966, na cidade de Campos, em decorrência de uma das suas crises de asma.

---

<sup>16</sup> Psicografia: capacidade do indivíduo de reproduzir através da escrita mensagens dos espíritos desencarnados.

<sup>17</sup> Médium que prescreve receitas de medicamentos homeopáticos indicados pelos médicos espirituais.

Era um médium raro porque detinha praticamente todos os tipos de mediunidades descritas na literatura espírita. Era vidente, habilitado para a *psicografia* e *psicofonia*<sup>18</sup>, produzia fenômenos de *voz direta* e *indireta*, entre outras. A faculdade mediúcnica que o tornou conhecido e excepcional foi a de *efeitos físicos*, que é a capacidade do médium liberar *ectoplasma*<sup>19</sup>. A liberação dessa substância possibilita *materializações*<sup>20</sup> de objetos e espíritos, sendo o médium cearense um dos primeiros, de que se tem conhecimento no Brasil, que realizou esses fenômenos. Além disso, o seu ectoplasma<sup>21</sup> era luminoso – efeito semelhante a fogos de artifício – algo raríssimo até entre médiuns de *efeitos físicos*. O dirigente da Fraternidade Espírita Peixotinho comentou sobre esse tópico:

Nos efeitos físicos você oferece material ao espírito para que nos toque, por isso que ela é muito ligada à mediunidade de cura, que foi a mediunidade de Peixotinho. Onde realizava as cirurgias, porque ele tinha o material anímico para tocar no corpo humano, para extirpar um tumor, para, é, cicatrizar qualquer problema interno, para englobar, né?! um câncer, ou qualquer problema das curas que ele fez, mas ele precisava dessa mediunidade diferenciada, para oferecer elementos aos espíritos para que esses espíritos tivessem tangibilidade no corpo humano. (A. L., dirigente da Fraternidade Peixotinho)

As reuniões mediúnicas das quais participava tinham o objetivo de promover *cirurgias espirituais* através das *materializações*. Esses procedimentos não constam registrados em vídeo, existem poucas fotos – segue abaixo uma delas – e na biografia do médium constam descrições dos rituais através de dez atas<sup>22</sup> de *reuniões mediúnicas* do período de novembro de 1946 a abril de 1948<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> Trata-se de uma característica dos médiuns *auditivos*, ou seja, que possuem a capacidade de escutar os espíritos.

<sup>19</sup> Nome dado pelos espíritas a uma substância composta por matéria neuro-orgânico-etérea.

<sup>20</sup> Fenômeno no qual os espíritos ganham forma física a partir do ectoplasma liberado pelo médium de efeitos físicos. Por meio deles os “desencarnados” podem tocar nos “encarnados” e atuar no mundo “visível”.

<sup>21</sup> “É o nome que se dá, em linguagem espírita, a uma substância que o ser humano tem possibilidade de exteriorizar, de natureza nervosa – matéria neuro-orgânica-etérea.” (VASCONCELOS, 2003, p. 19). Essa substância é rica em fósforo, ou seja, reage e entra em combustão com facilidade se exposta indevidamente à luminosidade.

<sup>22</sup> Descrições detalhadas feitas por uma das pessoas presentes em cada uma das reuniões e assinada pelos mesmos. Esse material era registrado e arquivado.

<sup>23</sup> Para mais detalhes: Leite (2011).



(Figura 1 – Foto Peixotinho. Fonte: Vasconcelos, “Materialização do Amor”, 2003.)

As mediunidades *inconscientes* são cada vez mais escassas, ao passo que as *conscientes* e *semiconscientes* tem sido as mais valorizadas, consideradas como sendo mais evoluídas, dentro do movimento espírita porque a lógica atual estabelece a supremacia da razão para convencer, atrair e manter novos adeptos. Por tal, em centros afiliados à Federação Espírita Brasileira não são mais encontradas sessões de cura e cirurgias espirituais, o tratamento recorrente nesses locais consiste básica e majoritariamente de comparecimento a reuniões públicas, passes e leituras recomendadas<sup>24</sup>.

Outro ponto que mereceu destaque no meu primeiro trabalho, e que acho pertinente comentar novamente, trata da **autonomia** do médium com relação ao mundo espiritual, visto que a influência da sua guia foi diminuindo à medida em que aderiu aos preceitos da doutrina espírita e às restrições que lhe eram impostas – alimentares (não podia comer carne nos dias de sessões mediúnicas), de deslocamento (não podia viajar de avião). Como podemos perceber a partir das respostas do dirigente da Fraternidade para os questionamentos acerca desse aspecto:

E: E o relacionamento com a guia dele?

A.L.: A Aracy?

E: Ah, Aracy, como é que era?

A.L.: Depois de desencarnada a Aracy ele começou a ter realmente um assédio muito grande dela por ele... ou um, uma, um método educativo. Então quando ele queria fazer coisas que não estivessem nas diretrizes ou na própria moralidade cristã, ou até mesmo da saúde, Era habitual naquela época que os homens fumassem, num é?! Era algo normal, a pessoa tinha que usar o cigarro e o bigode, era da natureza masculina. Então quando ele ia tentar fumar o Aracy aparecia para ele

---

<sup>24</sup> Livros da Codificação kardequiana – principalmente o Evangelho Segundo o Espiritismo e o Livro dos Espíritos.

e apontava para que ele não fizesse. Balança o dedinho "não", a presença de Aracy foi muito forte nesse sentido, mais forte até do que quando ele começou o trabalho na mediunidade espírita, tornou-se espírita... à medida que ele ingressou profundamente no trabalho espírita a Aracy não precisou estar com frequência, né? Com ele, até porque a própria conduta dele não precisava mais ser repreendida. Então os espíritos, eles respeitam muito a nossa, o nosso livre-arbítrio, e a nossa autonomia, ele tinha um compromisso mediúnico e no minuto que ele o assumiu o compromisso, bom "agora você toca seu barco e nós estamos aqui lhe protegendo".

Mantinha ainda contato direto com uma infinidade de espíritos *desencarnados* que participavam das *reuniões mediúnicas* que realizava, e cada um procurava à sua maneira passar orientações doutrinárias tanto para o médium quanto para o grupo presente em cada sessão servindo, em certa medida, de mentores espirituais. Compreendo a ligação de Peixotinho com o mundo espiritual como não sendo restrita somente a um *mentor* e sim a uma multiplicidade de espíritos que cumpriam o papel de seus orientadores, aparentemente caracterizando uma maior impessoalidade que o levava a ser mais autônomo inclusive independente de outros agentes, já que nenhum espírito em particular tinha ascensão definitiva sobre ele.

Percebo que Peixotinho, em seu contexto, tornou-se um indivíduo exemplar, representante de como um espírita deve se comportar no mundo material sem deixar de vivenciar os seus aspectos – matrimônio, paternidade – e continuar agindo de acordo com os preceitos da doutrina espírita.

### **1.1 Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins.**

A Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins<sup>25</sup>, mais comumente citada como “Fraternidade Peixotinho”, e na maioria das vezes referida simplesmente como “Peixotinho”. Fica situada no bairro de Boa Viagem, zona sul da cidade de Recife, em Pernambuco. O dirigente atual do local contou como foi o processo de fundação do *Peixotinho*:

Como nasceu nossa casa?! Essa casa nasceu como todas as casas espíritas pelo *Evangelho no Lar*, e das reuniões de tratamento à distancia que eram feitas da casa dos meus pais em Carpina. Por falta de termos aqui em PE uma casa que trabalhasse nessa normativa;

---

<sup>25</sup> Realizei minha primeira pesquisa no local em 2010/2011 para o meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais. Retornei ao local este ano (2013) no qual realizei um novo estudo para a elaboração desta dissertação.

normativa, inclusive recriada pelas próprias reuniões que Peixotinho fazia parte, nós fazíamos essas reuniões de *vibrações*; lógico, sem fenômenos, [...], nós fazíamos em casa. E o *Evangelho no Lar* foi crescendo, crescendo, crescendo, e ... e, e, o *Evangelho no Lar* foi crescendo, crescendo, [...] foi ultrapassado os limites da própria mesa da nossa casa, [...]; até que esse grupo reuniu-se para fundar a fraternidade, aí nasceu o Peixotinho. Coincidentemente, a fundação deu-se em 17 de março, a primeira reunião espírita foi no dia 17 de março, que é o aniversário de Baby, a mulher de Peixotinho. (A. L., dirigente da Fraternidade Peixotinho)

A Fraternidade foi fundada por uma das filhas do médium Peixoto Lins. Peixotinho fazia visitas a Recife, Salvador, e Fortaleza para palestrar e divulgar a doutrina espírita, e em cada uma dessas viagens levava uma das sete filhas consigo. Em uma de suas visitas a Recife, a filha que estava com ele acabou se apaixonando por um dos membros da FEP que era o responsável por recepcioná-los. Alguns anos depois ela decidiu mudar-se para Recife e casar com o rapaz. Esse casal faz parte do grupo citado pelo dirigente quando lhe perguntamos como tinha sido fundado o centro espírita. Por sinal, a família segue cuidando e organizando a Fraternidade, sendo o dirigente neto de Peixotinho, e outros parentes trabalhadores do local que exercem atividades diversas.

Com a fala do dirigente é possível notar a presença do *Evangelho no Lar* no ponto de partida que levou à criação do centro espírita. O próprio comenta recorrentemente em palestras a existência de outras casas espíritas fundadas por filhas do Peixotinho que surgiram também a partir dessa prática. Existe também a ênfase na ausência de fenômenos tais como aqueles presentes durante as reuniões mediúnicas promovidas por Peixotinho. Essa preocupação é vigente no movimento espírita atual, sendo recorrente a ideia de que a divulgação da doutrina para a adesão de novos indivíduos para essa religião deve ocorrer através da razão, das mensagens escritas; ou seja, o enfoque agora são os livros – os *psicografados* e os da codificação kardequiana – mais do que por manifestações que surpreendam os sentidos (visual, tátil, auditivo).

A tensão existente com a substituição da comprovação por meio da experiência sensível pela pautada na racionalidade das explicações escritas científicas e filosóficas remete à influência de Bezerra de Menezes. De acordo com Arribas (2010), esse líder espírita elaborou uma

série de artigos não só afirmando que o *uso da razão* era necessário para o entendimento do espiritismo, como seria tal uso o qual a todos levaria inevitavelmente a professá-lo, posto que o espiritismo, por ser

uma doutrina racional e coerente, a sua aceitação seria evidente, lógica – inevitável mesmo. (ARRIBAS, 2010, P. 156-157).

Ressalto que apareceu de forma recorrente na fala de diversos interlocutores a preocupação de deixar claro que o apelo maior na divulgação do Espiritismo atualmente deve ocorrer por meio da palavra, do estudo, da razão e não dos fenômenos. Seria esse um dos motivos que os kardecistas brasileiros utilizam para explicar a progressiva diminuição – alguns falam até em total desaparecimento – dos episódios de materializações provenientes de mediunidades de efeitos físicos.

Giumbelli (1997, 2003) discute os processos que levaram o movimento espírita brasileiro a optarem pela dimensão mais racionalizada da doutrina, na qual procuraram enfatizar o aspecto religioso, pois

foi necessário que suas práticas e suas doutrinas tivessem se tornado equivalentes – vale dizer, designadas por um mesmo conceito – a de outras religiões e também que os cientistas sociais fossem reconhecidos como os intelectuais mais capacitados para a sua observação. (GIUMBELLI, 1997, P. 35).

A preocupação com a legitimação decorreu da procura dos grupos adeptos ao espiritismo kardecista de estabelecer uma distinção clara entre eles e aqueles pertencentes ao “baixo espiritismo”<sup>26</sup>, termo com o qual Giumbelli se deparou na sua pesquisa. O papel da FEB foi essencial nesse processo, sendo a formuladora da “oposição entre ‘falsos’ e ‘verdadeiros’ espíritas” (2003, P.250).

Ainda analisando a fala do dirigente, o fato deste centro ter sido fundado pela família do médium Peixotinho faz com que ele se diferencie de outros devido a sua ligação íntima com uma personalidade importante dentro do movimento espírita. Logo, o nome do médium é citado em preces, histórias sobre a sua vida e/ou aspectos da sua mediunidade e dos trabalhos espirituais dos quais participou são contados nas palestras, em grande parte pelos membros da sua família. Existe um memorial na primeira sala após a entrada principal do prédio da fraternidade, contendo posters com fotos e trechos comentando a vida e a obra do Peixotinho. E é possível comprar na livraria o livro que reúne vários relatos de pessoas que conviveram e trabalharam com o Peixotinho e falam sobre a sua vida e obra<sup>27</sup> - existe também um livro editado posteriormente ao do

---

<sup>26</sup> Refere-se aos cultos de origem africana, por exemplo, o candomblé.

<sup>27</sup> Materialização do Amor (2003).

Peixotinho que traz a biografia<sup>28</sup> da sua esposa, Baby, escrito da mesma maneira: a partir de relatos.

A proposta da Fraternidade é a de ser um centro de divulgação e ensino da doutrina espírita. Aubré e Laplantine (2009) comentam que cada centro tem personalidade própria: uns são mais voltados para a saúde, outros focam mais na doutrinação, outros mais no Evangelho Segundo o Espiritismo, e alguns são artísticos.

Por se tratar de um centro espírita associado às federativas (FEP e FEB), as atividades que elaboram se encontram dentro do padrão dessas federações e são formuladas em acordo com o objetivo de educação espiritual dessa casa espírita: **reuniões públicas** (palestras), sessões privadas (mediúnicas, só para trabalhadores da casa), tratamentos (*passes, desobessão, feitos à distância*<sup>29</sup>), atendimentos médicos gratuitos, grupo de **estudos mediúnicos**, evangelização infantil, atividades diversificadas (reforço escolar, visita a hospitais, aulas de pintura e bordado, coral, grupo de música, grupo de teatro). Todas essas atividades são escaladas em um cronograma semanal, e seus horários são divulgados tanto no site da Fraternidade<sup>30</sup> quanto pela distribuição de panfletos – preparados semanalmente com a lista de atividades e seus respectivos horários de um lado, e do outro alguma mensagem espírita – durante as campanhas do quilo em certos pontos do bairro de Boa Viagem.

As sessões distribuem-se no calendário semanal da seguinte maneira: 1) **reuniões públicas**: realizadas quase todos os dias à tarde das 16h às 17h (só não ocorrem às quintas-feiras), e nas segundas e quintas-feiras à noite das 20h às 21h (a de segunda-feira à noite é de apoio ao tratamento desobsessivo); 2) **reuniões mediúnicas**: realizada às segundas-feiras das 16h às 18h e também das 20h às 21h, somente para os trabalhadores da casa; 3) **educação mediúnica**: realizada às segundas-feiras das 18h às 19h15min, somente para os trabalhadores da casa; 4) **tratamento à distância**: também chamada de reunião de *vibrações* ou *irradiações* realizada nas terças-feiras das 19h30min às 21h, o acesso a elas também é restrito a trabalhadores da casa; 5) **estudo da mediunidade**: leitura comentada dos livros de “André Luiz”<sup>31</sup>, ocorre nas quartas-

---

<sup>28</sup> Histórias Reais do Lar de Peixotinho (2011).

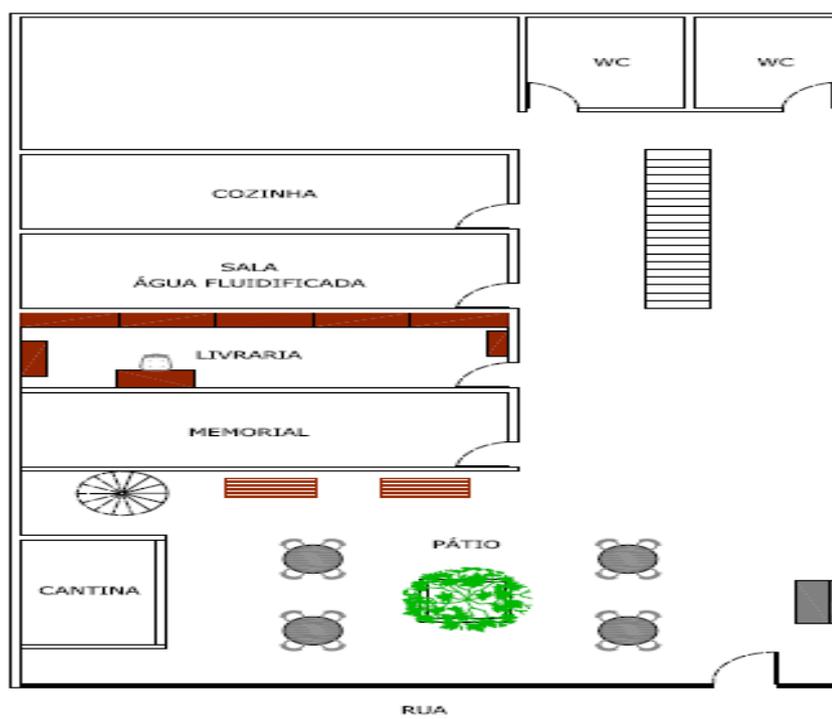
<sup>29</sup> Sessões de vibrações e irradiações.

<sup>30</sup> Site: <http://www.fraternidadepeixotinho.org.br/>

<sup>31</sup> Um dos espíritos do qual Chico Xavier psicografou diversas obras.

feiras das 20h às 21h e é aberta ao público; 6) **atendimento fraterno**: realização da entrevista onde é indicado o tratamento adequado<sup>32</sup>, ocorre nas terças-feiras às 7h.

O ambiente físico de um centro espírita possui um padrão que se repete na maioria das casas espíritas: uma casa ou pequeno prédio normalmente reformados e constituídos de diversas salas com divisórias – podem ser desde paredes até cortinas – onde o espaço é aproveitado para a realização das diversas atividades do centro espírita. A Fraternidade não foge muito a isso, sendo o local um pequeno prédio.



(Figura 2 - Entrada e Térreo da Fraternidade Peixotinho.)

A configuração espacial desse centro espírita que estudamos é composta por uma estrutura maior com dois andares, onde na entrada se encontra um pátio coberto com cantina e algumas mesas. Logo após, no térreo do pequeno prédio, estão a livraria<sup>33</sup>-biblioteca<sup>23</sup>, a sala de fluidificar<sup>34</sup> água, a cozinha e dois banheiros.

<sup>32</sup> Na Fraternidade Peixotinho o tratamento consiste na leitura do Evangelho, de dois livros recomendados – “Pão Nosso” e “Caminho, Verdade e Vida”, ambos ditados pelo espírito Emmanuel e psicografados pelo médium Francisco Xavier – e presença na reunião pública das segundas-feiras à noite.

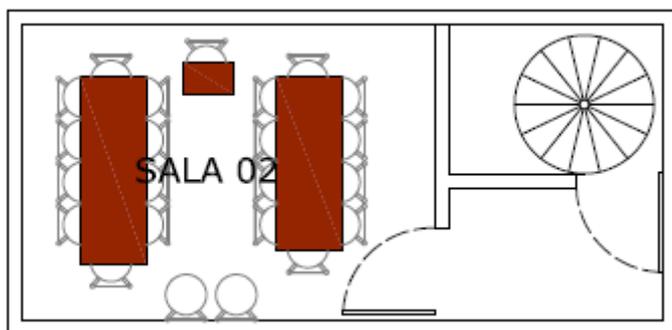
<sup>33</sup> Costumam funcionar somente nos horários das **reuniões públicas**.

<sup>34</sup> Processo no qual se aplicam passes para agregar bons fluídos à água. Não me autorizaram observar essa atividade.



(Figura 3 - Primeiro andar da Fraternidade Peixotinho.)

No primeiro andar se encontra a sala de passe; ao lado o salão onde se realizam as palestras públicas que remete à estrutura de um auditório: diversas cadeiras viradas de frente para uma tribuna onde ficam os palestrantes. Atrás da tribuna existia um hall que dava acesso ao recinto onde são realizadas as reuniões de estudos (Sala 01) e ao local onde ocorrem as reuniões mediúnicas (Sala 02) que foi fechado com uma parede possuindo atualmente a Sala 01 duas formas de acesso: uma escada (1) na frente do prédio e uma porta (2) atrás do palco na tribuna do salão principal. A escada que leva à Sala 02 encontra-se no ambiente fechado pela nova parede (3). Alguns trabalhadores que participam da sessão mediúnica demonstraram, em conversas informais que tiveram comigo, estarem contentes com a reforma porque sentem que agora possuem “mais privacidade” e não precisam mais “passar de frente para o salão enquanto a palestra ainda está acontecendo”.



(Figura 4 - Segundo andar da Fraternidade Peixotinho)

Ao lado desse pequeno prédio tinha uma casa onde se realizam as atividades com as gestantes, os reforços escolares, e onde os grupos de música e o do teatro se reuniam. Esse local passou por uma reforma e agora é uma casa residencial onde moram alguns membros da família<sup>35</sup> do Peixotinho. As atividades realizadas nela ocorrem agora em salas construídas na ampliação do primeiro andar que fica perto do salão principal.

As cores das mobílias são em tons claros, a Fraternidade preconiza em seus ambientes a cor branca, seja nas paredes, ou nas cadeiras e mesas deixando tons de azul escuro somente para alguns detalhes. É importante ressaltar que os tons de branco, azul e verde claros são escolhidos para a decoração dos ambientes nos centros espíritas por acreditarem que eles “tanto acalmam os vivos quanto atraem apenas os Espíritos superiores” (AUBREE & LAPLANTINE, 2009, p.208).

Antes das palestras, costumam colocar para tocar no salão principal músicas clássicas de fundo (sempre em tom baixo), e normalmente ao final delas voltam a executá-las durante a prece final e para as pessoas que ficam esperando a sua vez de “tomar o *passé*” depois da reunião. Esse ponto também já foi mencionado por Aubree e Laplantine (2009), ao falarem da preferência por músicas no estilo barroco ou romântico, e pelo fato de que a música costuma ser o único “barulho” aceito, a preferência por contenção das exaltações nas conversas antes das palestras e depois delas prega-se o silêncio para que as pessoas já comecem a se concentrar para receber o

---

<sup>35</sup> Procurei saber de uma informante o motivo dessa mudança e ela disse-me que alguns dos filhos do casal que fundou a Fraternidade tinham passado por um processo de separação e optaram por construir as suas casas em conjunto aproveitando a estrutura já existente no terreno. Porém, não tive como confirmar se essa foi a real e única razão para o ocorrido.

passa antes de entrarem na sala onde ele será concedido. A sala onde são aplicados os passes fica em semiobscuridade, enquanto nas palestras o ambiente só tem a luminosidade reduzida no momento da prece final ou quando o palestrante quer projetar algo através do retroprojektor.

Os frequentadores e trabalhadores são em sua maioria pessoas de classe média que moram no próprio bairro onde o centro se localiza, ou em bairros próximos a ele, sendo então um público da zona sul do Recife. Em uma ou outra palestra foi possível notar pessoas usando símbolos característicos de outras religiões, tais como crucifixos, pingentes e anéis com a imagem de Nossa Senhora e/ou escapulários. Ao refletir sobre esse aspecto imediatamente o correlaciono com a proposta implementada por Bezerra de Menezes e reforçada por Chico Xavier de que o espiritismo deveria ser visto como uma continuidade do catolicismo, essa noção é apoiada não só pelo discurso dos palestrantes – com referências à importância do Catolicismo em preservar os ensinamentos de Jesus Cristo ao conservar os textos da Bíblia – como nos intercâmbios com os frequentadores – muitos disseram que provinham de família católica – que preferem manter dos elementos da simbologia católica em um conjunto harmonioso com as práticas espíritas.

O vestuário dos voluntários do Peixotinho geralmente só apresenta padronização nos dias em que realizam campanhas do quilo, nas quais todos trajam uma blusa na cor azul escuro com dizeres – símbolo do centro espírita, uma frase espírita de médium conhecido ou do genro do próprio Peixotinho – em amarelo ou branco<sup>36</sup>. A mesma blusa é utilizada por diversos trabalhadores em outras atividades ao longo da semana, porém aqueles que participam das atividades mediúnicas não costumavam apresentar-se com esse traje, nem mesmo com uma cor ou estilo de vestimenta padrão. Muitos seguem direto ao local após o expediente das suas ocupações remuneradas.

---

<sup>36</sup> A depender do modelo, nas camisetas estilo ‘polo’ o tom é de azul marinho e os detalhes são em branco, já nas ‘T-shirts’ os detalhes são em amarelo.



(Figura 5 – Logo marca da Fraternidade Peiotinho. Fonte: buscador de imagens)

As recomendações são de utilizar o bom senso e trajarem roupas que não sejam muito curtas, decotadas, ou que possam atrapalhar nas atividades que irá executar e causar distração nos espíritos que serão atendidos. Um dia ocorreu o fato de uma doutrinadora estar com uma veste considerada como inadequada – a parte de cima não possuía mangas – e a voluntária que havia apontado para esta questão lhe emprestou um casaco de malha para que ela pudesse participar da reunião mediúnica. Percebe-se a presença do que Max Weber (1994) conceituou como ascetismo intramundano, no qual os indivíduos procuram seguir as restrições impostas pela sua religião no seu cotidiano ou pelo menos nas instituições religiosas nas quais o controle é mais elevado.

Nas minhas observações, percebi que dentre os frequentadores e *trabalhadores-voluntários* da Fraternidade as mulheres estão presentes em um número ligeiramente maior do que os homens. Assim como os adultos na faixa dos 30 aos 60 anos aparentam ser maioria, seguidos pelos idosos (mais de 60 anos) e jovens adultos (entre 20 e 30 anos). À medida que se avança na faixa etária, o número de mulheres parece aumentar. As crianças são vistas com mais frequência nas quintas-feiras, dia em que a evangelização infantil ocorre em horário concomitante ao da **reunião pública**. Os jovens também possuem seu horário de encontro: nos sábados à tarde ocorrem as reuniões da “Mocidade Eurípedes Barsanulfo”<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Nome dado ao grupo de jovens que frequentam a Fraternidade e para os quais é reservado horário e cronograma de palestra específico. A partir dele surgiu o grupo musical “Caravana da Luz”, composto por seus frequentadores e membros das comunidades carentes auxiliadas pelo Centro Espírita Peixotinho.

O público que frequenta a Fraternidade pode ser classificado da seguinte maneira: *trabalhadores-voluntários* (que podem ou não serem médiuns) e os frequentadores – que são os indivíduos que vão apenas ocasionalmente assistir às palestras sem estabelecer nenhum vínculo mais profundo com o local.

As reuniões que possuem o público maior são as da segunda e quintas-feiras à noite, o salão chega a ficar lotado e acredito ter sido esse um dos motivos que o levou a sofrer uma pequena ampliação. Na segunda-feira, a reunião visa o apoio ao tratamento desobsessivo, e apesar de a obrigatoriedade de assisti-la ser daqueles que estão fazendo o tratamento, a maioria das cadeiras do salão ficam ocupadas. Já na quinta-feira, a **reunião pública** – palestra seguida do *passé* – conta com a presença da maior audiência de todas as reuniões desse estilo que ocorrem em outros horários (nas tardes de segunda à quarta, e sexta-feira, e dos finais de semana). Depois dessas reuniões, onde foi possível observar uma quantidade razoável de frequentadores foram nas que ocorrem aos domingos à tarde.

Dentre os eventos anuais, destacam-se o aniversário da Fraternidade em Março; celebração do aniversário de Allan Kardec – codificador da doutrina – no mês de Outubro; palestras especiais no Natal; apresentação de peças promovidas pelo grupo de teatro<sup>38</sup>; apresentações musicais da banda “Caravana da Luz”; participação em seminários e congressos espíritas promovidos e/ou divulgados pela FEP; atividades variadas no Dia dos Pais e das Mães, etc. Mensalmente são realizadas visitas a um abrigo<sup>39</sup> e hospitais<sup>40</sup>. Durante a semana, além das reuniões públicas, são oferecidos atendimentos médicos gratuitos, reforço escolar para as crianças da comunidade carente<sup>41</sup> localizada próxima ao local, evangelização infantil, atendimento a gestantes, encontros do Grupo Musical Irmã Scheilla<sup>42</sup>.

Saliento que a semana é a unidade básica para o ciclo ritual dentro do Espiritismo, como é possível perceber pela organização das atividades da Fraternidade,

---

<sup>38</sup> O grupo chama-se “Grupo Teatral Anália Franco”.

<sup>39</sup> Abrigo visitado: Padre Venâncio.

<sup>40</sup> Hospitais visitados: Oswaldo Cruz, da Mirueira, Psiquiátrico em Aldeia.

<sup>41</sup> Comunidade Beira Rio.

<sup>42</sup> Grupo que dá aulas de flauta, violino, violão e teclado para as crianças e adolescentes da comunidade carente localizada próxima à Fraternidade Peixotinho.

as sessões são sempre oferecidas semanalmente e até mesmo duas vezes no mesmo dia. E os eventos comemorativos acontecem somente em datas especiais, portanto, ocasiões esporádicas.

A administração da Fraternidade Espírita Peixotinho é composta por cinco órgãos: I – A Assembléia Geral (AG); II – O Conselho Eletivo (CE); III – O Conselho Superior (CS); IV – A Diretoria Executiva (DE); V – Núcleos Administrativos. Sendo o Conselho Superior composto pelos ex-presidentes da Diretoria Executiva e presidido por um deles, escolhido por votação entre os demais. Já a Diretoria Executiva possui: presidente e vice-presidente; diretor administrativo e vice; diretor financeiro e vice; diretor secretário e adjunto. Mantém-se através de doações, campanhas de arrecadação de vários gêneros<sup>43</sup>, bazares, lanchonete e venda de livros.

Os núcleos administrativos são os responsáveis pelas atividades sociais, doutrinárias, culturais e de prestação de serviços da Fraternidade, e possui sete subdivisões, são elas:

- I. O Núcleo de Assistência Fraternal – NAF, responsável pelas ações solidárias, bem como pelas atividades da cantina e bazares.
- II. O Núcleo de Educação e Cultura – NEC, responsável pelas ações educacionais e culturais.
- III. O Núcleo de Atividades Doutrinárias – NAD, responsável pela coordenação das ações doutrinárias – reuniões públicas, estudos, pesquisas e investigações espíritas-cristãs, definidas em agenda aprovada pelo Conselho Superior.
- IV. O Núcleo de Atividades Mediúnicas – NAM, responsável pela coordenação das atividades mediúnicas, definidas em agenda elaborada pelo Conselho Superior.
- V. O Núcleo de Ação Jovem e Evangelização – NAJE, responsável pelos trabalhos da juventude, seus estudos e ação social, bem como pelo calendário das atividades de evangelização definidas segundo agenda elaborada pelo Conselho Superior.
- VI. O Núcleo de Livraria e Editoração – NLE, responsável pelos trabalhos de venda e edição de livros e periódicos de temática espírita-cristã.
- VII. O Núcleo de Campanhas, responsável pela Campanha da Solidariedade e outras de natureza e finalidades semelhantes, que vierem a ser autorizadas pela Diretoria Executiva, ouvido o Conselho Superior.

A Fraternidade Espírita Peixotinho contava, em 2010 aproximadamente, com cem voluntários, distribuídos nos diversos núcleos e em suas respectivas atividades. O

---

<sup>43</sup> Campanhas: do quilo, para arrecadar alimentos; de brinquedos durante o Natal; e outras sempre que surge alguma necessidade mais urgente.

centro espírita possui apenas três trabalhadores remunerados, os zeladores que são responsáveis pelos serviços de limpeza e vigilância do local.

O funcionamento de um centro espírita é bastante flexível e informal, as pessoas são normalmente conhecidas pelos seus nomes, não pelo cargo ou função que ocupam. A hierarquia existente entre os trabalhadores é baseada na noção de *hierarquia de potencial*<sup>44</sup>, na qual os indivíduos se posicionam de acordo com a relação entre as necessidades do centro, a indicação do seu dirigente e a capacidade do voluntário.

Nesse movimento funda-se uma hierarquia sim, mas que os espíritas pensam como nascida do *mérito*, da *moral individual*, nas próprias circunstâncias do trabalho, *uma hierarquia de potencial*. (CAVALCANTI, 2008, P.48 – grifos da autora.)

As regras básicas são: não interferir no trabalho do outro, o desempenho de uma função é tido como algo que está no âmbito das competências individuais; progressiva liberdade para executar as tarefas: à medida que o indivíduo vai sendo socializado dentro do meio espírita, ele vai ganhar autonomia por parte dos dirigentes para exercer as suas atribuições com mais liberdade podendo inclusive ser convidado a assumir outros cargos.

A hierarquia é então fruto de um exercício da vontade e do *livre-arbítrio* do Espírito encarnado. Como no Mundo Invisível, ela é essencialmente justa, pois repousa exclusivamente sobre a ordem da moral. (CAVALCANTI, 2008, P.49).

Normalmente, quando um indivíduo procura essa casa espírita para ser voluntário, lhe é questionado de início o que a pessoa gostaria de fazer – trabalhar com crianças, jovens, lidar com o público, etc. – e a partir disso vai-se tentando localizar com os dirigentes de cada núcleo tarefas que estejam precisando de trabalhadores.

Dentro da lógica espírita kardecista no ambiente de trabalho é pregado o respeito à hierarquia, procura-se manter um atmosfera de harmonia, valoriza-se a paciência, o controle, a tolerância e a compreensão; de tal forma que características tais como descontrole, rebeldia, conflito são percebidas como sinais de “inferioridade” e “imperfeição”. Como sinaliza Madureira, “parece-me claro que há no kardecismo, *emoções boas e ruins*, assinalando a necessidade de se empreender uma *educação dos afetos*.” (2010, p.39 – grifos da autora). Possíveis desavenças são logo controladas e

---

<sup>44</sup> Ver Cavalcanti (2008).

contornadas, procurando neutralizar e relembrar aos envolvidos o reconhecimento do lugar que ocupam e a sua importância tanto para o centro espírita quanto para o próprio trabalhador.

Assim, diante do que foi aqui exposto pudemos perceber que a Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins se enquadra, sem grandes divergências, dentro do quadro do espiritismo kardecista brasileiro, englobando os seus diversos aspectos e preceitos que tentamos descrever neste capítulo.

O outro local – HESMCM – onde foi realizada pesquisa de campo possui características bem peculiares que irei descrever a seguir.

## **1.2 Hospital Maria Claudia Martins.**

O Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins (MCM)<sup>45</sup>, chamado também simplesmente de “Maria Claudia” por seus trabalhadores, fica no bairro de Cajueiro Seco em Jaboatão dos Guararapes (PE) – município que faz parte da Região Metropolitana do Recife (RMR). Em conversa com o médium principal do MCM, ele contou como teve a iniciativa de fundar um hospital espiritual há mais ou menos 15 anos. A ideia surgiu a partir de acontecimentos que ele vivenciou junto com a mentora do hospital (Maria Claudia Martins<sup>46</sup>) em diversos centros espíritas pelos quais passaram. Questões relacionadas a longas cargas horárias de trabalho mediúnico-voluntário, desvalorização dos jovens (o médium tinha na época 20 anos de idade), discordâncias com o modelo da Federação Espírita Brasileira quanto à execução de diversas atividades e até mesmo aspectos administrativos. Além desses pontos, o fato do MCM promover um retorno às práticas espíritas vinculadas a curas espirituais – aspecto progressivamente abandonado e desvalorizado pela FEB ao longo do seu processo de se firmar como reguladora dos grupos espíritas – denota uma grande ruptura com o modelo espírita já estabelecido.

Percebe-se que a fundação do MCM ocorreu a partir de um conflito, o que vai de encontro à ideia propagada e defendida não só pelas federações espíritas, mas também

---

<sup>45</sup> Sigla oficial que consta no site e estampada na blusa de diversos trabalhadores. Neste trabalho irei utilizar também outra sigla – HEMCM – para fazer referência ao hospital por já ter sido utilizada pelos meus próprios interlocutores.

<sup>46</sup> Os nomes que estiverem sublinhados ao longo deste trabalho referem-se a espíritos ou na linguagem nativa: seres desencarnados.

pela grande maioria dos pesquisadores que estudam o Espiritismo brasileiro, de que trata-se de um movimento unificado e harmônico. Outra questão que chama a atenção, e reforça a contraposição aqui abordada, encontra-se esboçada no seguinte trecho de uma entrevista:

Eu na época tinha vinte anos, e fui lá na Federação fazer uma reunião. Aquilo ali se eu não tivesse uma base eu tinha desistido do Espiritismo e me tornado perseguidor, porque, doutor...é, Seu J., presidente da Federação, chegou e disse assim: “*Tem jovem obsidiado que faz tumulto onde chega...*”, aí eu disse “*Meu Deus do céu!*”. Eu ouvi aquilo ali e a mentora<sup>47</sup> disse “*Fique calado, você não vai falar nada.*”, eu disse: “Eu não vou falar um negócio desse?! Me tratando desse jeito?!”, e eles me provocando, né?! Aí ela: “*Não fale nada não, deixe pra lá.*”. Aí eu deixei, certo, eu disse: “*Tô fora dos trabalhos, eu vou para reunião pública.*”. Ai convidaram V. , acadêmico, ele é desencarnado já e foi presidente da federativa. E V. foi mais duro ainda! Na frente de todo mundo, eu sentado na plateia, ouvindo ele falar na minha, e ele disse assim: “*Tem jovem tão sínico que ainda vem para reunião pública!*”. Eu disse: “*Meu Deus, eu tenho que ficar calado de novo, Dona Maria Claudia?!*”, e Dona Maria Claudia: “*Fique.*”. Eu disse: “*Então tá certo, eu vou ficar, eu não posso voltar mais...*”. Aí, todo esse sistema que esta aí fora ela estudou tudo, e ela viu muitas falhas...ela viu falta de apoio, ela viu jovens...é...sendo expulsos, entendeu?! Para onde você ia, era o mesmo sistema. Você como jovem, você era irresponsável, você é tudo isso...agora está todo mundo querendo cuidar de jovem! E ninguém cuidou não, eu sou vítima e sei disso! (W., médium fundador do MCM)

No trecho acima se observa elementos de hierarquia no Espiritismo que não passam só pela questão moral, mas também geracional, na qual os jovens por mais que estudem e sejam engajados no movimento são considerados como despreparados. Portanto, mesmo se um jovem tiver sido socializado dentro da doutrina espírita por um período às vezes até mais longo que alguns adultos, a posição que ele ocupa devido à idade é inferior aos dos adultos.

O início da trajetória de W. carrega uma forte denuncia à negligencia vivenciada pela juventude dentro do movimento espírita brasileiro durante um período razoável que só veio ao termino recentemente, estando atualmente os grupos filiados à FEB mais atentos aos jovens de tal forma a existir em praticamente todos os centros espíritas

---

<sup>47</sup> Termo usado pelo médium para se referir à sua guia espiritual que é também o espírito fundador e mentor do HESMCM, provavelmente devido ao fato dela possuir essa dupla função-ocupação os trabalhadores do local preferam fazer a referencia usando “mentora” ao invés de “guia espiritual”.

“grupos de mocidade”<sup>48</sup>. Nota-se aqui uma diferença substancial entre o Espiritismo e as religiões afro-brasileiras quanto à maturidade espiritual dos praticantes das duas religiões: enquanto que na primeira a maturidade espiritual é bastante marcada pela idade cronológica, na segunda os dois elementos não são interdependentes.

Outro ponto que merece ser destacado é a interação do médium com sua guia, que o incentiva a manter a calma, ter disciplina e não entrar em conflito. Apesar de mais adiante ela mesma propor um novo sistema. A insatisfação com o modelo proposto e implementado pelas federações foi colocada de tal forma por W. que a sua guia espiritual acatou essa opinião colocando-os em uma relação de maior proximidade e de intensos diálogos. Isso diverge um pouco da mística que envolve o relacionamento médium-guia espiritual, porque o médium mais conhecido nacionalmente – Chico Xavier – mantinha uma relação bastante hierárquica e de extrema obediência ao seu guia espiritual – Emmanuel.

Aí, dona Maria Alves chegou quando eu iniciei lá pela administração dela e disse: “Ó W., eu estou aqui como presidente, tu estas vindo para cá. Tu tens carta branca para fazer o que tu quiser, tá certo?” – (...) A gente ergueu a instituição junto com ela. Dona Maria simpática, conversava com os jovens todos. Fizeram uma manobra e tiraram dona Maria do Gerluz. Agora por que? A casa estava cheia. Se a federação tivesse uma visão, iria dizer o que: “Olha, essa casa tinha três pessoas, agora tem 100. Vamos manter essa diretoria.”. Mas não, tiraram. Dona Maria saiu do sistema. Eu não admitia, eu ia com a mentora de lado! De repente eu vi que o direito de igualdade não existia. (W., médium fundador do MCM)

No trecho acima o médium relata uma das primeiras conquistas do método que procurava implantar: a recuperação de um centro espírita com o aumento do número de frequentadores. Porém, mais uma vez, a sua forma de atuar – “direitos e igualdades, tratamento de pacientes, conversação, sentir o drama do paciente” – entra em atrito com a FEP e foi preciso recuar.

Aí, foi que eu disse a ela que não queria mais: “Quero não!”. Ai ela “Você tá muito apavorado com o que aconteceu...”, eu peguei também obsessão grave, dentro de centro espírita que quase que eu morro, (...), aí ela me livrou dessa e disse “Eu vou-me embora, depois de quatro anos eu volto.”, “E eu vou ficar como?!”, ela disse “Não se

---

<sup>48</sup> Na Fraternidade Peixotinho o grupo existente possui o nome de “Mocidade Eurípedes Barsanulfo”. Já no MCM não existe um nome distinto para denominar o momento em que ocorre a evangelização dos jovens, inclusive porque alguns são pacientes em tratamento.

*preocupe não, vão lhe proteger.*”. O tempo passou, ai depois de quatro anos ela chegou. Aí quando eu vi ela eu disse “*Estava com saudade...*”, aí ela disse “*Eu tenho uma proposta para lhe fazer.*”, eu disse “*Olhe, se for a mesma eu não quero não! Eu não quero, primeiro, a senhora sabe como é o sistema; segundo, a senhora sabe que eu ia morrendo, ia morrendo com vinte dois anos, prematuramente por causa de obsessão espiritual de centro espírita e de federativa...*”, aí ela “*Calma, a gente veio com uma equipe implantar um hospital, implantar o nosso sistema, não é o sistema que esta aí. Você aceita?*”, eu disse “*Eu aceito se for tudo diferente do que está aí, viu?! Se for igual, eu não quero não.*”. Aí ela disse “*Vamos fazer o seguinte, à noite, eu venho lhe buscar toda noite para gente ir para as escolas estudar, você vai ter que estudar muito!*”, ai eu disse “*E como é que eu vou me lembrar depois?*”, “*Não se preocupe não que quando você acordar vem tudinho na sua mente...*”. É muito interessante, eu dormia à noite quando eu acordava vinha as informações todinhas, do que se tinha estudado, do que se ia fazer...tudo! (...) quando chegava paciente grave aqui ela dizia: “*Olhe, você não tem condições de tratar não, mande pra um centro espírita mais próximo. Esse caso é muito complicado*”, ai a gente mandava. Trabalho sempre assim, né? Compartilhado. Quando ela disse “*Olha, agora você está pronto pra receber qualquer tratamento*”, ai é que vêm as divergências, porque a gente começou a acolher, acolher...e na medida em que nós começamos a acolher aqui no bairro de Prazeres, a maioria dos centros espíritas fechavam. (...) A mentora disse “*Eu quero um isolamento total seu, não quero mais que você se envolva com nada de instituição espírita. Faz de conta que você morreu mesmo.*”. Ai o que começa aí, quando o hospital começa a funcionar, eles começam a me vetar em todos os centros espíritas. Meu nome tá vetado, aonde você for “*W.?*” Pode não. Agora por quê? Eu vou aceitar um sistema que não trouxe benefício nenhum pra ninguém? Não vou, não podia aceitar, como não aceito até hoje. (W., médium fundador do MCM).

A passagem acima possui elementos que merecem destaque. Dentre eles, encontra-se a relação de proximidade existente entre o médium e sua guia de tal forma que no nível do diálogo aqueles que não estão familiarizados com a dinâmica da doutrina espírita e suas estruturas de comunicação dificilmente identificaram que a mentora citada trata-se de um espírito. Portanto a conversa entre os dois ocorre, aparentemente, sem mediações, de forma direta e sem distinção de pessoa (encarnada) e espírito.

Além disso, pode-se perceber uma singela inversão ou transgressão no controle: o médium passa a fazer exigências à sua mentora, dentre as quais a forma e o ambiente onde irá exercer a sua faculdade mediúnica. A ideia de trabalho “compartilhado” trazida

pelo médium é essencial para entender a relação do médium-fundador com os médicos espirituais que já atuaram ou ainda atuam no HESMCM.

Depois da M<sup>a</sup> Claudia, o médium trabalhou com o espírito de uma pediatra chamada Dra Patrícia Bacelar<sup>49</sup>. Apesar da pouca idade – o espírito assume a forma de uma adolescente de 15 anos o que representa uma inversão quando comparado ao modelo da FEB no qual os mentores espirituais costumam se apresentar sob a forma física de indivíduos adultos que geralmente são mais velhos do que aqueles a quem prestam as orientações – atualmente a desencarnada responsável por guiar o hospital é denominado de Dra Cristina Santos, considerada por todos como uma grande disciplinadora. Acredito ser importante apresentar o destaque dado pelo médium à posição disciplinadora do espírito que se denomina Dra. Cristina, no momento atual é ela quem determina diversas diretrizes dos hospitais espirituais da rede e essa sua faceta de espírito exigente aparece constantemente no cotidiano do local.

Ai a gente vê aí, o sistema que tá aí não foi o que Kardec implantou. (...) Se você tem um sistema aberto, as coisas funcionam, mas o sistema lá fora é fechado. E tem mais uma coisa, é um sistema de escolha. *“Você é do meu grupo, venha pra cá. Você que não for se vire!”*. Então isso não pode funcionar mais assim não, pode não. (...) Quando eles estão vendo os hospitais se expandindo, um sistema aberto (...) tá tudo assustado aí. *“E agora? Violaram o sistema!”*. Então, quem violou o sistema foi o MCM que não aceitou. Então, a gente até hoje em quinze anos é a mesma frequência. (...) Pelo contrário, não cabia lá em cima, não tá cabendo aqui em baixo. (W., médium fundador do MCM)

As falas do médium encontram-se permeadas de elementos interessantes relevantes que pouco aparecem na literatura sobre o Espiritismo, fato já apontado por Arribas (2010): “os estudos acadêmicos sobre tal fenômeno no Brasil tendem a explicar pouco, melhor dizendo, a contemplar de forma insatisfatória uma análise relacional entre os agentes envolvidos na produção e reprodução desse contingente religioso” (P. 20).

O ponto principal dos relatos é o motivo que levou à fundação do MCM: discordância com o sistema implementado pela Federação Espírita o que se contrapõe

---

<sup>49</sup> O hospital fundado em Camaragibe foi batizado com o seu nome.

ao ideal de harmonia e unificação divulgado pelas federações<sup>50</sup>. Apontam, no modelo federativo, a desvalorização dos jovens; falta de apoio aos centros espíritas federados – precário esclarecimento com relação a práticas padrão (por exemplo, o **passé** e a **reunião mediúnica**), diminuição na quantidade de frequentadores; interpretação das obras de Kardec de forma incorreta; falta de “conversação” com os pacientes; grupos fechados com disputas de poder; alto controle do que (e como) podem ser feitas certas atividades.

Portanto W. enfatiza que o MCM procura se distanciar do padrão de sistema organizacional da FEB por meio da aplicação de um modelo no qual buscam seguir de forma mais literal os escritos de Kardec e das principais produções literárias intelectuais de doutrinadoras do movimento espírita brasileiro – de figuras como Dr. Bezerra de Menezes, Chico Xavier – além das recomendações das diversas mentoras espirituais do hospital. Dentro dessa conjuntura procuram ter um maior diálogo com os pacientes, defendem a existência de um ambiente onde os direitos e igualdades sejam os mesmos para todos. Percebe-se no discurso de W. que o modelo proposto por ele remete à releitura das obras de Allan Kardec à qual são agregados elementos da Umbanda – “falanges espirituais<sup>51</sup>” – e do Pentecostalismo – proselitismo, defesa da “mediunidade com Jesus”.

É importante ressaltar que foram as experiências e vivências mediúnicas de W. que deram início ao processo de rompimento com o modelo federativo levando assim à confluência da história da fundação do hospital com a trajetória do médium. W. é neste contexto o ponto de onde partem as referências que direcionam as dinâmicas e discursos da instituição, as decisões importantes devem necessariamente passar por ele porque é o único que incorpora a mentora espiritual do hospital e é ela quem dita todas as principais diretrizes que regem o local.

O contato corriqueiro e próximo com a Dra. Cristina e a participação da sua guia espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins no seu processo de formação enquanto espírita e médium contribuem para que W. esteja em posição de destaque dentro do MCM, ao ponto de alguns frequentadores e trabalhadores terem expressado preocupação quanto aos rumos

---

<sup>50</sup> Madureira (2010) encontrou uma multiplicidade de grupos religiosos que se declaravam espíritas, mas que não aderiam ao modelo federativo chegando até a considerá-lo como “inflexível”.

<sup>51</sup> Este ponto será abordado no terceiro capítulo.

dos hospitais espirituais quando o médium eventualmente vier a falecer. O presenciei em diversos momentos tranquilizar todos que possuíam esse tipo de inquietação com a segurança de que quando o dia do seu desencarne estiver se aproximando a equipe espiritual do hospital estará ciente e preparará outro médium para receber a Dra. Cristina ou qualquer outro espírito<sup>52</sup> que esteja no comando da rede hospitalar no momento em questão.

Ainda tratando do distanciamento – do modelo federativo – é importante ressaltar que esse aspecto também está enfatizado no nome do local: trata-se de um **hospital espiritual**<sup>53</sup>, e não um **centro espírita**. Inclusive, alguns interlocutores reforçam a distinção dizendo que ao centro espírita cabe o papel de divulgar a doutrina, já o hospital espiritual fica com os tratamentos espirituais. O foco, então, é tratar pessoas que estejam com problemas de ordem espiritual e nesse grupo estão aqueles cujos sintomas são atribuídos a mediunidade não disciplinada. Ou seja, um retorno ao modelo do Espiritismo que existia durante o séc. XIX quando a doutrina começou a ingressar no Brasil.

Portanto o grande diferencial do MCM está em um aspecto que foi marcante no início do movimento espírita brasileiro: a ênfase na medicina espiritual e no treinamento, que neste caso é feito também nos próprios médiuns para que eles possam *trabalhar* nos hospitais espirituais. De acordo com informações concedidas pelo dirigente (N.C.), o MCM assumiu recentemente o posto de Núcleo Central de orientação, supervisão e estabelecimento de diretrizes operacionais para todos os hospitais espirituais do Nordeste que venham a ser fundados e que queiram estar interligados a ele institucionalmente e espiritualmente. As decisões são tomadas em conjunto e o Núcleo Central assume a responsabilidade de dar o treinamento daqueles que estiverem interessados. O treinamento prepara as novas equipes não só na área

---

<sup>52</sup> Mesmo sendo considerados espíritos que estão na escala evolutiva em um patamar superior ao dos encarnados que trabalham no hospital existe a possibilidade de passarem por uma nova reencarnação o que, logicamente, acarretaria no afastamento dessa entidade. Um dos voluntários entrevistados, ao me contar que conhece o MCM desde a sua fundação, relatou já ter presenciado esse momento com um dos primeiros doutores espirituais a atender na instituição.

<sup>53</sup> Definido pelos seus próprios membros como sendo uma instituição “onde são tratadas patologias espirituais nas diversas áreas da medicina espiritual e material, tais como neurologia, psicologia, clínica geral, dentre outras.” Além da “prática e divulgação da Doutrina Espírita como Religião, Filosofia e Ciência, nos moldes da Codificação de Allan Kardec; e da evangelização do ser humano, conforme preceitua o *Evangelho Segundo o Espiritismo*.” No local são realizados majoritariamente tratamentos espirituais, porém é importante deixar claro que em nenhum deles existe a presença de cortes ou incisões.

administrativa e burocrática, mas, principalmente, nas questões relacionadas com o trabalho espiritual: como conduzir as diversas práticas tais como reuniões, passes, tratamentos e além disso preparar a equipe de médiuns que exercerá todas essas atividades<sup>54</sup>.

A rede atualmente conta com mais dois hospitais em funcionamento além do MCM<sup>55</sup>, o Hospital Espiritual Patrícia Bacelar<sup>56</sup> e o Hospital Espiritual Ricardo Menezes<sup>57</sup>, e com projeto em curso para inaugurar um ainda em 2013 – na cidade de Timbaúba<sup>58</sup> - e outro em 2014 – na cidade de Vitória de Santo Antão<sup>59</sup>. Ao questionar o médium fundador do MCM – W. – acerca das razões que levaram à escolha desses determinados lugares a seguinte conversa se desenrolou:

Se Dona Maria Cláudia Martins - que é a mentora daqui - hoje faz uma proposta de abertura de um hospital, essa proposta vem determinada pela justiça divina. Se for determinado por eles, a gente vai e abre. Sempre que a gente abre um hospital em uma localidade, diminui muito o índice de crimes. Mas cai mesmo. Camaragibe: caiu muito o índice de crime<sup>60</sup>. Então, essa determinação vem da justiça divina. Então, quando a gente abre, para você ter uma ideia: nos primeiros meses, de dez consultas que são feitas, nove são **hipnoses**<sup>61</sup>. Veja a gravidade do problema, como é sério. Depois de um ano, de dez consultas que são feitas, você vai encontrar agora três casos de **hipnose**. (...) Agora, atualmente aqui em Pernambuco, o pior local que é Vitória de Santo Antão. (...) Que a gente conhece pelo seguinte: abuso sexual de pais com filhos, a gente encontrou muito em Vitória.

---

<sup>54</sup> Consistem de movimentos com as mãos (passes), uso de algodões, pilhas descarregadas encobertas com várias camadas de esparadrapos, e lanternas. As medicações receitadas consistem somente de água fluidificada.

<sup>55</sup> Possui por volta de mil pacientes inscritos e duzentos *trabalhadores-voluntários*.

<sup>56</sup> Localizado na cidade de Camaragibe, na Região Metropolitana de Recife (PE), conta com média de novecentos pacientes inscritos.

<sup>57</sup> Localizado na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste do estado de Pernambuco. Em cinco meses de fundação já conta com quatrocentos pacientes em tratamento.

<sup>58</sup> Localizada na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco. Possui uma lista de espera com duzentos pacientes.

<sup>59</sup> Localizada na Zona da Mata do estado de Pernambuco. Já conta com uma lista de espera de trezentos e cinquenta pacientes.

<sup>60</sup> A correlação feita pelo médium é a de que a criminalidade diminui a partir do momento em que ocorre uma queda no número de casos de hipnose e obsessões graves diagnosticados pelos hospitais espirituais.

<sup>61</sup> Processos de hipnose são classificados pelos meus interlocutores como sendo um dos níveis mais elevados de um processo de obsessão, onde o obsediado não tem autonomia para agir e tomar decisões por conta própria.

(...) Então, essas entidades têm um poder de atuação e de induzir. Como aquele ser ignorante, ele recebe a compulsão e pratica o ato. (W., médium fundador do MCM)

Sobre o processo de abertura de um novo hospital espiritual, W. explicou que o grupo interessado ao solicitar ajuda ao HESMCM precisa primeiro se desvincular das federações e posteriormente passar por treinamentos tanto a parte burocrática administrativa, como receber orientações acerca da forma como devem ser dirigidas as **reunião pública e reunião mediúnica**. Todo esse processo dura cerca de um ano. Existe uma segunda etapa na qual todos passam a ser estagiários e atuam com a supervisão de membros e médiuns do MCM. Então um médium receitista vai ao local ministrar o curso de medicina espiritual. É cobrado um grande envolvimento e muito estudo porque os médiuns devem estar preparados para responder perguntas de médicos “materiais”.

O processo de expansão da rede de hospitais espirituais não tem como causa somente a falta de apoio da FEP para com alguns centros espíritas, o grupo pesquisado entende também como uma missão planejada pela equipe espiritual montada pela mentora Maria Claudia Martins. Portanto esse ambiente de praticas kardecistas se difere dos demais por representar a tentativa de um grupo de se distanciar do modelo sugerido pela FEB criando o seu próprio sistema que está em expansão. Essa estratégia defende um retorno aos princípios dos fundamentos kardecistas, buscam voltar à “essência” da doutrina espírita a partir de uma releitura que denota a presença no MCM de uma perspectiva mais fundamentalista.

Todo o cuidado e preparo ao abrir uma nova instituição hospitalar deve-se à responsabilidade e às cobranças que permeiam esses locais. Como o próprio W. coloca a questão do trabalho contínuo e da renúncia: “A gente não tem feriado. Aqui não tem. O único dia que eu folgo aqui é 1º de Janeiro e dia das mães. Mas o restante vira o ano trabalhando. Não pára não.”.

Prandi comenta brevemente sobre a existência de subdivisões e questões de poder no movimento espírita:

Há diferentes correntes no kardecismo, e nem tudo que se pratica em um centro ou é realizado por um médium é aceito por todos os espíritas. Médiuns famosos podem ter suas carreiras ignoradas e às vezes rejeitadas por organizações kardecistas de peso no meio religioso. Muitos mantêm seus próprios centros alheios às tentativas de controle por parte de federações e grupos preocupados com a unificação da religião e com sua ortodoxia. Mas, qualquer que seja a

forma da terapia espírita, o local de sua aplicação, sua base institucional e os agentes envolvidos, o lema kardecista de que sem caridade não há salvação é sempre lembrado, em toda parte. (PRANDI, 2012, P. 90)

Logo, é possível perceber que a busca por unificar o movimento espírita brasileiro em torno do controle da FEB não se encontrar finalizada e uniformizada.

A proposta do MCM é de tratar de medicina espiritual. Ou seja, é um local no qual aqueles que estiverem com problemas de ordem espiritual podem buscar auxílio e, eventualmente, a melhora da sua condição por meio do esclarecimento e aprimoramento moral que dentro da lógica kardecista passa pelo estudo e pela prática da caridade. Todas as suas atividades giram em torno desse eixo, mesmo as atividades de Evangelização e os cursos ministrados.

Mesmo não sendo filiado às federações algumas de suas atividades são similares: **reuniões públicas** (palestras), atendimentos de medicina material<sup>62</sup> gratuitos, **grupo de estudos mediúnicos e doutrinários**, evangelização infantil e juvenil, **atendimento fraterno** (triagem), **desenvolvimento mediúnico**<sup>63</sup>, **reuniões de desobsessão**<sup>64</sup>. Contudo outras não são encontradas em centros federados, representam a especificidade da instituição: atendimentos de medicina espiritual<sup>65</sup>, curso de medicina espiritual<sup>66</sup>, curso de treinamento e qualificação de médiuns receitistas<sup>67</sup>. As atividades estão

---

<sup>62</sup> Distinção colocada pelos próprios membros do hospital já que eles trabalham também com a medicina espiritual. Os profissionais voluntários são das seguintes áreas: psicologia, pediatria, clínica geral e fisioterapia. Os médicos materiais são voluntários, os seus pacientes normalmente são pessoas carentes indicadas pelos médicos espirituais.

<sup>63</sup> Os tipos de mediunidade são “desenvolvidos” em dias diferentes. Em uma sessão é praticada a psicofonia, em outra a psicografia e assim segue. De acordo com os organizadores essa medida é para evitar mistificação e falta de controle nos médiuns em desenvolvimento.

<sup>64</sup> Vale salientar que apesar da desobsessão ser algo comum nos centros espíritas que seguem o modelo da federação, no caso do MCM esse processo é dividido em três momentos: TAE (Tratamento de Assistência Espiritual) no qual ocorre a resolução dos processos obsessivos mais simples, o SEMI-HE (Semi-Hipnose Espiritual) e o HE (Hipnose Espiritual) onde são abordados os casos mais graves chamados; todos são sem a participação do paciente que fica em casa recebendo o tratamento à distancia.

<sup>65</sup> Consistem em consultas, aplicação de ectoplasma, radioatividade, passes e cirurgias espirituais.

<sup>66</sup> Primeira etapa do processo de iniciação dos médiuns que será melhor abordado no terceiro capítulo.

<sup>67</sup> Categoria específica de médiuns que incorporam os médicos espirituais. A denominação vem, provavelmente, do fato de somente os médicos espirituais prescreverem as receitas – e conseqüentemente os tratamentos – dos pacientes. De acordo com o estatuto do HESMCM, os médiuns receitistas pertencem ao “Núcleo Central, que os avaliará e os orientará espiritualmente, cabendo também ao referido Núcleo a função de suprimento de *trabalhadores-voluntários* aos demais hospitais, bem como a padronização dos trabalhos operacionais e consoante com sua função de Assistência Médica Espiritual, todos os médiuns

organizadas em um cronograma semanal que me foi enviado pelo dirigente do MCM por mensagem eletrônica: 1) atendimentos materiais (psicólogos, médicos, fisioterapeutas, dentistas – todos voluntários): de segunda à quarta-feira em horários diversos; 2) **tratamentos de apoio espiritual (desobsessão<sup>68</sup>)**: terças-feiras e quartas-feiras das 19h30 às 21hrs; 3) **tratamentos à distância**: quintas-feiras das 18h50 às 19h30; 4) **estudos doutrinários<sup>69</sup>**: quintas-feiras das 19h30 às 20h45 e sábados das 18h45 às 20hrs; 5) **atendimentos emergenciais**: realizados em plantões nas quintas-feiras das 19h30 às 21hrs e sábados das 19hrs às 20h30; 6) **desenvolvimento mediúnico** (psicografia e psicofonia<sup>70</sup>): sextas-feiras das 19h15 às 20h30; 7) **atendimento fraterno** (triagem): domingos das 8h às 11hrs; 8) **atendimento espiritual**: aos domingos, as consultas sendo das 10h às 12hrs e os tratamentos das 12hrs às 14h30<sup>71</sup> e das 16h às 17h30<sup>72</sup>; 9) **palestra pública doutrinária<sup>73</sup>**: domingos das 14h50 às 15h45; 10) **curso de medicina espiritual<sup>74</sup>**: domingos das 18h às 19h30.

A cada mês os temas das palestras (e quem as irá proferir) podem ser encontrados em quadros afixados no salão principal do MCM, nesses mesmos quadros encontra-se a escala mensal de atividades ao lado de mensagens psicografadas<sup>75</sup> dos doutores espirituais cujos conteúdos giram em torno de ensinamentos doutrinários e recomendações. Possuem também um setor específico para as fichas dos pacientes e

---

receitistas e todos os *trabalhadores-voluntários* dos Hospitais Espirituais deverão ter o Curso de Medicina Espiritual, além de não lhes ser permitido o receituário de qualquer medicação material.”.

<sup>68</sup> No contexto do MCM as sessões de desobsessão são subdivididas em três instancias: TAE, HE e SEMI-HE. São todos Tratamentos de Apoio Espiritual, variando somente o grau de obsessão tratado em cada um sendo no TAE os considerados mais “leves” e simples, aumentando a complexidade nos demais.

<sup>69</sup> Restritos a trabalhadores da instituição e ocorrem sempre em concomitante aos Atendimentos Emergenciais.

<sup>70</sup> Apesar de ocorrerem no mesmo horário as aptidões são trabalhadas em ambientes distintos. Explanarei mais à frente o motivo quando for descrever a sessão que observei.

<sup>71</sup> Nesse primeiro horário atua somente uma equipe sob o comando de uma doutora espiritual.

<sup>72</sup> Já no segundo momento mais de uma equipe realiza tratamentos concomitantes em ambientes diferentes cada uma sob a regência de um doutor ou doutora espiritual. No quadro básico do hospital constam duas doutoras (Patricia Bacelar e Cristina Santos) e um doutor (Oscar Smith). A decisão de onde cada um atenderá costuma ocorrer no dia das sessões pelos próprios doutores.

<sup>73</sup> É parte do tratamento espiritual, sendo obrigatória para os pacientes.

<sup>74</sup> O seu horário de início pode variar um pouco porque só começa quando os tratamentos encerram aspecto que depende da quantidade de pacientes que comparecem ao local.

<sup>75</sup> Algumas podem ser lidas no site do MCM: <http://www.nucleodemedicinaespiritual.com.br/index.html>

uma lanchonete.

A parte administrativa do MCM é composta por: Assembleia Geral, Diretoria e Conselho Fiscal. A primeira é o órgão supremo da instituição, sendo constituída pelos associados, fundadores e efetivos que possuam direitos estatutários. Já a Diretoria é composta por: Diretor Presidente, Diretor Vice-Presidente, Primeiro e Segundo Diretor Secretário e Primeiro e Segundo Diretor Tesoureiro; é eleita e empossada pela Assembleia Geral Ordinária para um mandato de três anos e é permitida a reeleição. O Conselho Fiscal compõe-se de três membros efetivos e dois suplentes, eleitos pela mesma Assembleia Geral.

Todas as atividades são estruturadas em forma de Setor/Coordenação, resumidas da seguinte forma:

01 – Setor/Coordenação de Evangelização Infanto-Juvenil e de Grupo Jovem.

02 – Setor/Coordenação de Atendimento dos Médicos Espirituais, em seus diversos horários, no sábado, no domingo e nos dias de emergência, com uma Estrutura de Atendimento Espiritual composta de: Médiuns Receitistas, Doutrinadores, Médiuns de Incorporação e Médiuns Passistas.

03 – Setor/Coordenação de Estudos Doutrinários nas quintas-feiras e sábados, visa o ensinamento dos princípios doutrinários aos *trabalhadores-voluntários*; é responsável também pelas Palestras Públicas Doutrinárias aos domingos, as quais destinam-se à divulgação dos princípios doutrinários aos pacientes em geral.

04 – Setor/Coordenação de Tratamento de Assistência Espiritual - TAE, conhecido comumente como “tratamentos desobsessivos”, nos seus diversos graus de gravidade, que vai desde do acolhimento de uma “entidade espiritual enferma”, um “processo de perseguição espiritual por causa e efeito” até “processos graves de hipnose espiritual”, formando equipes com Doutrinadores, Médiuns de Incorporação e Médiuns Passistas.

05 – Setor/Coordenação de Fichas de Atendimento (prontuários dos pacientes) que vise o controle e o acompanhamento desde o primeiro atendimento até a alta do pacientes.

06 - Setor/Coordenação do Laboratório de Medicação onde as águas recebem as fluidificações sob a orientação e prescrição dos médicos espirituais.

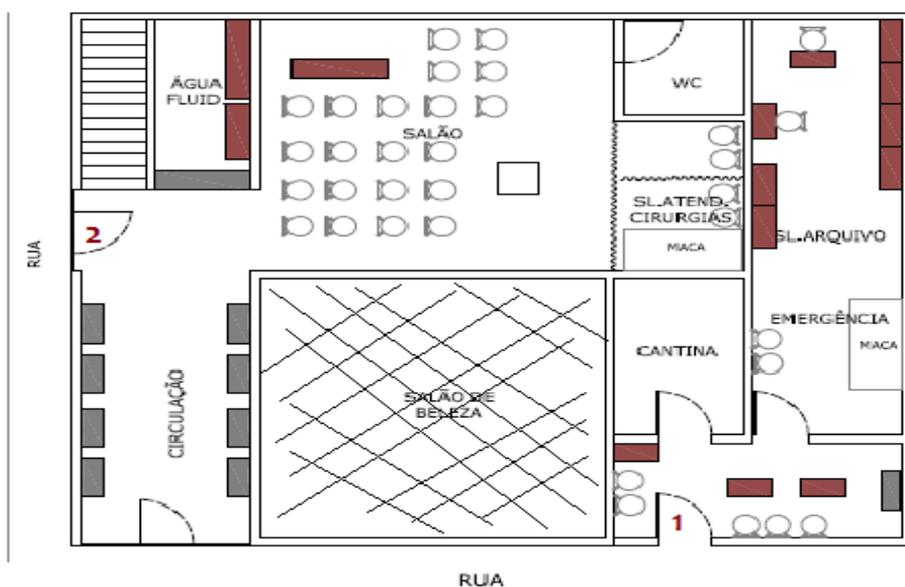
07 – Setor/Coordenação de Tesouraria que possui o controle de conta bancária em nome do CNPJ do Hospital, para reverter os recursos doados pelos associados na manutenção do hospital.

O ambiente físico segue em parte o padrão das demais casas espíritas: é um local reformado, porém bastante repartido e com áreas alugadas:

E.: “Esse ambiente aqui é alugado?”

W.: “Esse ambiente aqui é meu e eu forneci gratuitamente. Essa parte de lá é da minha mãe aí é alugado. Como ela não tem renda, aí é alugado por ela. Mas como essa parte debaixo é minha que ela me deu, essa parte eu forneci gratuitamente. Mas no hospital de lá<sup>76</sup> a planta tem de tudo. A gente já tem planos de sair daqui. E também tem muito trabalho da Dra. Cristina para se fazer em termos de divulgação pública porque ela quer um espiritismo dentro de favela, não quer um espiritismo centrado não. Para isso tem vários projetos. Agora, porque esses projetos não podem sair? Porque não tem salão, não tem espaço não. Se ela botar um projeto desse em andamento, vai colocar esse povo onde? Aí, ela segurou o projeto.”

O local se organiza da seguinte forma, a começar pelo térreo:

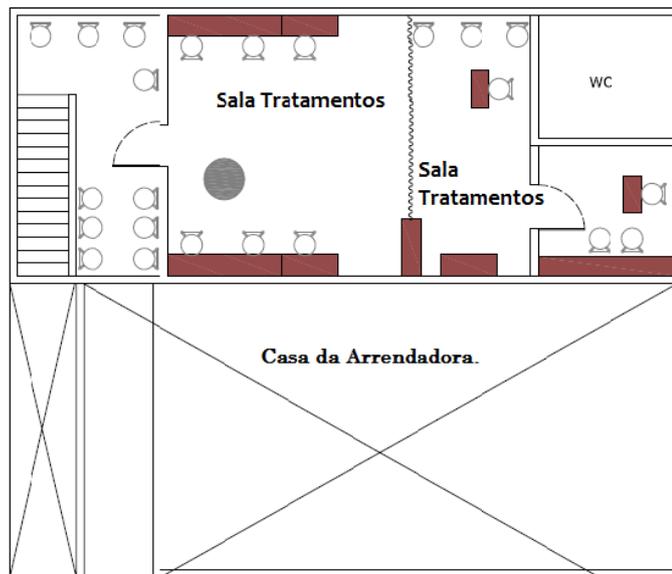


(Figura 6 - Térreo do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins)

Em uma das entradas (1) estão localizados três ambientes: cantina, sala de arquivos – onde são guardadas as fichas dos pacientes, e sala de emergências. Em outro acesso (2) encontram-se: uma sala pequena onde é feita a fluidificação da água e um corredor com uma escada de acesso ao primeiro andar, o salão onde ocorrem as palestras e alguns tratamentos, a sala de cirurgias.

No primeiro andar localizam-se duas salas onde ocorrem tratamentos diversos e as sessões de desenvolvimento mediúnico e ao lado a residência da pessoa que alugou os demais espaços:

<sup>76</sup> Referência ao terreno doado para construção da nova estrutura do MCM que está aguardando a liberação do inventário da doadora. Além do terreno, o MCM já possui doação de material e mão-de-obra para a realização do projeto.



(Figura 7 - Primeiro andar do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins)

Mesmo parecendo um ambiente confuso e caótico à primeira vista, tudo é muito bem subdividido e organizado de tal forma que tanto os pacientes quanto os trabalhadores sabem exatamente para onde devem se encaminhar e se posicionar. As cores predominantes nos ambientes são tons de verde-claro e o branco que, como já foi mencionado neste capítulo, busca acalmar os *encarnados* e atrair os Espíritos Superiores.

Costumam, assim como na Fraternidade Peixotinho, colocar antes de qualquer atividade músicas instrumentais ou clássicas em tom baixo. Sendo também o único ruído aceito juntamente com a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo, vistos como combinação ideal para atingir a concentração necessária aos trabalhos e tratamentos espirituais.

Todos os ambientes são bem iluminados com luz artificial branca<sup>77</sup> que não é desligada em nenhum momento, algumas raras vezes a iluminação é reduzida para alguma cirurgia ou tratamento específico – como o de *eletrolaser*<sup>78</sup>. Nesse ponto

<sup>77</sup> Não adotam lâmpadas de outras cores nem a penumbra.

<sup>78</sup> Chamada de eletroterapia, prática descrita na apostila do Curso de Medicina espiritual na qual: “Os eletrodos funcionam semelhantes ao LASER, agindo de forma precisa e, sendo manipulados pelos médicos espirituais, agem descontaminando as regiões em que a doença, por sua proximidade, já começou a afetar. (...) Especificamente, os eletrodos absorvem a contaminação fluídica causada por entidades (seja intencionalmente ou não), fazendo com que o organismo se restabeleça mais rapidamente, pois aproximadamente 5% dessa contaminação é eliminada, aos poucos, pelo sistema excretor humano. (...) Salientamos, também, que para cada tipo de doença existe um tipo de eletrodo específico, capaz de absorver, de forma mais rápida e precisa, os fluidos contaminantes, evitando sequelas orgânicas futuras.”

percebemos mais uma diferença quanto ao outro local pesquisado que segue o padrão sugerido pelas federações. As justificativas dos trabalhadores do MCM para manter os recintos iluminados em todos os rituais foram diversas: pouca luminosidade prejudica a visão dos médiuns<sup>79</sup>; para os médiuns iniciantes o escuro gera insegurança que pode levar a bloqueios psicológicos; tanto os pacientes quanto os espíritos recém-desencarnados podem ter reações de medo ao se depararem com um ambiente com pouca luminosidade.

Ao contrário da Fraternidade, onde os frequentadores e trabalhadores são da mesma classe social e moram no mesmo bairro, no MCM existe entre eles uma pluralidade de classes e residências. São pessoas de diversos bairros, apesar de uma parte razoável residir nos arredores do hospital<sup>80</sup>. Quanto à classe social, mesmo em ambos sendo encontradas pessoas de classe média (dentro da classificação econômica), o público que frequenta é diferente daquele do Peixotinho (cujos participantes encontram-se nos estratos mais superiores dessa classe social e alguns são até mesmo das classes mais altas). Enquanto no contexto de Boa Viagem encontramos médicos, pessoas da área jurídica, comerciantes, dentre os frequentadores; em Cajueiro Seco são funcionários em posições de menos destaque em seus serviços, donas de casa, profissionais técnicos, trabalhadores de setores administrativos, professores-educadores. Além disso, no Peixotinho o número de homens e mulheres não difere tanto quanto no MCM, onde o sexo feminino representa a maioria tanto dos pacientes quanto dos voluntários.

Foi possível notar entre os pacientes – pouco entre os trabalhadores – a presença de símbolos de outras religiões, majoritariamente do Catolicismo, tais como crucifixos, pingentes, escapulários e anéis. Contudo, o MCM possui uma grande devoção à figura de Nossa Senhora<sup>81</sup> – chamada por eles frequentemente de Mãe Santíssima – cuja importância está no mesmo patamar da de Jesus Cristo e dos *Espíritos Superiores*. Logo, mesmo entre os que trabalham no local, é comum encontrar pessoas usando símbolos que fazem referência a imagens marianas – estampas de blusas, pingentes, etc. Novamente, cabe enfatizar a influência proveniente das ideias de Bezerra de Menezes no movimento espírita brasileiro ao colocar o Espiritismo como uma continuidade do

---

<sup>79</sup> Menos a daqueles que possuem mediunidade sonambúlica.

<sup>80</sup> Esse fato ocorre porque a divulgação do hospital ocorre majoritariamente através do “boca-a-boca”, ou seja, por meio da rede social daqueles que conhecem o local.

<sup>81</sup> Não encontrada no centro pesquisado que possui ligação com as federações.

Catolicismo sendo, assim, aceita a manutenção de alguns elementos da simbologia católica.

Existe também a discreta presença de evangélicos que passam despercebidos porque as recomendações de vestuário do MCM muito se assemelham àquelas pregadas por diversos grupos evangélicos – blusas com mangas, saias no joelho, calça jeans, sem decotes, etc. – aos quais esses indivíduos pertencem. Os membros do hospital falam do respeito a outras religiões e dizem que a principal leitura que deve ser feita durante o tratamento serve para todas porque se trata de um trecho da Bíblia – o salmo 91 – e uma prece, chamada Prece de Cáritas.

Em geral, no HESMCM os *trabalhadores-voluntários* vestem<sup>82</sup> de forma mais recorrente uma das blusas padronizadas<sup>83</sup> – branca ou verde – com a logomarca da instituição – que varia para cada hospital espiritual da rede como mostra a imagem retirada do site oficial:



(Figura 8 – Logo marcas dos hospitais espirituais. Fonte: <http://www.nucleodemedicinaespiritual.com.br/> ).

A opção por essa vestimenta visa facilitar a sua identificação pelos pacientes. Algumas versões possuem a frase “*Espíritas, amai-vos e instruí-vos*” na parte de trás, e as mulheres tendem a customizar suas blusas adicionando detalhes – geralmente flores – pintados ou bordados tanto às bordas quanto ao entorno da logomarca. Assim como na Fraternidade Peixotinho estava sempre presente recomendações de cautela com a

---

<sup>82</sup> Não existe uma diretriz que restrinja os trabalhadores a vestirem somente esses padrões, contudo em todas as observações participantes foi notória a preferência por se apresentarem dessa forma ou com vestes em tons de verde e branco acompanhados majoritariamente por calças jeans e em raras ocasiões por saias longas.

<sup>83</sup> Com mangas, no estilo ‘T-shirts’ em algodão.

vestimenta, existe no MCM um cartaz logo na entrada do local onde constam as seguintes recomendações<sup>84</sup>:

“Não é permitido: roupa curta, transparente, decotada; short, bermuda, camiseta e blusa de alça.”

Assim como foi observado na Fraternidade, os frequentadores e trabalhadores são em sua maioria adultos acima dos 30 e em média até os 70 anos. Existe a presença de jovens adultos (na faixa dos 20 anos), adolescentes e crianças, mas em menor frequência. As crianças e jovens são vistas com mais frequência no sábado, dia em que se realizam as suas evangelizações, e nos dias em que se realizam atendimentos emergenciais. Porém, como muitas delas são também pacientes do local ou filhos de pacientes e/ou trabalhadores, em todos os dias é possível avista-las no hospital.

O público encontrado no MCM se divide em: pacientes e trabalhadores – os quais são todos voluntários sendo a grande maioria médiuns. Todos os que frequentam o local ou estão em tratamento ou a trabalho, não existem aqueles que vão só para assistir as palestras e curso sem vínculo porque ambos fazem parte do processo de cura espiritual.

Os dias em que o local atrai o maior número de pessoas são nos quais ocorrem tratamentos e as emergências, em ordem de maior para menor frequência poderíamos colocar na seguinte escala: domingos (tratamentos diversos durante o dia todo), sábados (evangelizações e tratamentos para crianças e gestantes, emergências), quintas-feiras (emergências). Nos demais dias as atividades são mais voltadas para os trabalhadores.

A sequência anual das atividades do MCM não abre muito espaço para eventos anuais, já que a prioridade de tudo que acontece no local são os tratamentos dos pacientes. Contudo pode-se destacar o Dia das Mães, Finados e no Natal como sendo os únicos nos quais as programações são suspensas. Seguindo, nesse ponto, a influência de Chico Xavier que propôs elevar a importância do Dia das Mães no movimento espírita que até então só reconhecia como data importante o Natal. Vale salientar também que durante o período do Carnaval, o hospital só funciona para emergência, de acordo com o que me disseram deve-se ao fato de durante esse período a atmosfera do planeta Terra

---

<sup>84</sup> Mesmo com todas essas orientações foi possível observar algumas advertências por parte das doutoras espirituais com relação à vestimenta de alguns trabalhadores – os pacientes também recebem esse tipo de alerta, mas nesse caso a intervenção não é feita só pela equipe espiritual, os trabalhadores procuram se encarregar de serem os primeiros a passar as recomendações.

estar permeada de “*eletromagnetismo negativo*”<sup>85</sup> que prejudica e coloca em perigo tanto os trabalhadores quanto os pacientes. Para ambos, principalmente aqueles que possuem sensibilidade mediúnica, a recomendação durante esse período é de reclusão completa – são instruídos a evitar até escutar as músicas e acompanhar as festividades pela televisão – o que denota um elevado grau de ascetismo intramundano<sup>86</sup> que remete a uma proximidade com diversas religiões protestantes que comumente promovem retiros religiosos durante essa época do ano.

Assim como observado na Fraternidade Peixotinho, os indivíduos são conhecidos e chamados pelos seus primeiros nomes e não pelo cargo que ocupam. Existem entre eles relações de afeto, carinho, preocupação e ajuda mútua. A posição dos trabalhadores remete também à *hierarquia de potencial* colocada por Cavalcanti (2008) e já comentada neste capítulo. A cada três meses mudam a escala dos trabalhadores que são remanejados para setores e equipes diversas porque de acordo com o dirigente o voluntário não deve se sentir “dono” da posição que ocupa e tem que estar apto a ajudar e a fazer um bom trabalho independentemente do cargo que esteja ocupando.

As regras da não interferência do trabalho do outro, da cooperação, da organização e limpeza do local de trabalho, também se aplicam nesse contexto. Cada um sabe bem quais são as suas funções e dentro delas tem autonomia contanto que sigam e se enquadrem nos ideais do hospital. O ambiente do MCM segue a lógica kardecista de procurar ter uma atmosfera harmônica; onde a paciência, a tolerância, a compreensão e o autocontrole são valorizados de tal forma que aspectos tais como revolta, discussões, falta de controle não são bem vistos e podem indicar tanto “inferioridade” como algum problema ou distúrbio espiritual, o que levará o trabalhador a passar por uma consulta com um dos médicos espirituais seguido de um tratamento para voltar à “normalidade” durante o qual o médium pode vir a ser afastado temporariamente das suas funções para não “contaminar” os pacientes.

---

<sup>85</sup> “O eletromagnetismo negativo se dá quando partículas fluídicas são modificadas pela ação do pensamento, transformando-se em correntes elétricas que chegam a contaminar todo organismo humano, destruindo principalmente as células nervosas e desestruturando todas as funções perispirituais. É altamente danoso à saúde humana.” (Apostila de Medicina Espiritual). Em outras palavras, são energias negativas provocadas pelos eventos da época carnavalesca que são condenados por algumas religiões cristãs o que denota a influências delas, principalmente de elementos do Catolicismo e do Protestantismo.

<sup>86</sup> No sentido weberiano.

Essas questões já foram mencionadas nesse capítulo com referência ao outro local pesquisado, logo, percebe-se que esses elementos estão presentes no movimento espírita como um todo, não sendo só algo ligado às normativas das federações. Contudo no HESMCM existe o agravante da suspensão por tempo indeterminado das atividades exercidas pelos indivíduos que são percebidos como estando desarmonizados com os demais e com o ambiente do hospital espiritual representando um perigo não só para si, mas também involuntariamente para os pacientes com quem mantém contato direto ou indireto – o cuidado deve englobar até aqueles cujo exercício é de catalogar, separar e organizar as fichas de receituários.

Percebeu-se também em ambos os contextos entre os *trabalhadores-voluntários* a forte presença do discurso de “instituição espírita séria” com referência ao local que frequentam em detrimento de outras instituições espíritas.

Passa por um processo do atendimento fraterno, depois para terapia de passe, de estudos dentro das obras de Kardec. Isso é num centro sério. Depois de um longo período que a gente frequenta e que procura também um trabalho que é importante na área da caridade. O leque que o centro tiver, você se integra. Então, basicamente é isso: o passe, o atendimento, o estudo e o trabalho na caridade. (Z., 68 anos, médium de incorporação, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho).

Em vários momentos essa noção apareceu como forma de legitimar a escolha do vínculo estabelecido – “porque eu percebi que aqui é um centro sério” – e de indicar aquilo que consideram como falhas de outras casas espíritas – “esse sistema que hoje questiona a gente lá fora, é que ele não quer mudar” (W. 43 anos, médium-fundador do MCM).

### **1.3 Glossário analítico.**

Devido à diversidade de termos nativos presentes ao longo deste trabalho, elaborei uma pequena tabela com os significados das expressões mais recorrentes facilitar o entendimento dos leitores, nela encontra-se discriminado se estão presentes no MCM e/ou no Peixotinho e se tratam de referências a seres encarnados ou desencarnados. Segue abaixo:

<b>Expressão</b>	<b>Significado</b>	<b>Encarnado</b>	<b>Desencarnado</b>	<b>Hospital M<sup>a</sup> Claudia Martins</b>	<b>Fraternidade Peixotinho</b>
Doutor (a) ou médico (a) Espiritual	Espíritos que realizam tratamentos e cirurgias espirituais. Geralmente tiveram como área de profissão a medicina tradicional em uma reencarnação passada.	N	S	P	A
Equipe Espiritual	Conjunto de espíritos que auxiliam tanto os encarnados quanto os desencarnados em todas as atividades mediúnicas.	N	S	P	P
Guia ou Mentor Espiritual	Espíritos que dentre as suas ocupações deve orientar e auxiliar um encarnado no seu processo reencarnatório. <sup>87</sup>	N	S	P	P
Dirigentes Espirituais	Espíritos que assumem a função de direcionar as atividades espirituais da instituição espírita. <sup>88</sup>	N	S	P	P
Dirigente de instituição espírita	Cargo ocupado por um dos trabalhadores-voluntários da casa espírita. É o administrador, portanto, tem como função garantir que tudo ocorra dentro dos objetivos e preceitos da instituição.	S	N	P	P

<sup>87</sup> No caso dos médiuns esses espíritos são vistos como responsáveis por dedicar boa parte do seu tempo ao preparo do médium para que ele realize as suas tarefas e ao mesmo tempo devem protegê-lo de energias e influências negativas. O seu grau de evolução é necessariamente mais elevado do que a quem orienta e não estão livres de sofrer novos processos reencarnatórios.

<sup>88</sup> Em algumas casas espíritas comandam também todas as demais atividades, sendo assim, todas as decisões devem – nesses casos – passar pelo seu crivo.

Doutrinador	Espécie de psicoterapeuta do espírito que incorpora nos médiuns. Deve dialogar com os desencarnados e procurar esclarecê-los com base no conhecimento na doutrina espírita.	S	N	P	P
Médium de Apoio	Sua função é manter o equilíbrio dos ambientes onde ocorrem atividades mediúnicas através de mentalizações e preces.	S	N	P	P
Médium Fundador	Aquele que por motivo de uma dissidência cria uma nova instituição espírita.	S	N	P	A
Exórdio	Leitura de um trecho de uma obra espírita, frequentemente o Evangelho Segundo o Espiritismo, antes de qualquer reunião doutrinária ou atividade mediúnica. Logo após pode ou não serem proferidos comentários sobre a leitura. <sup>89</sup>	NSA	NSA	P	P

(Tabela 1 - Glossário analítico. legenda: ‘S’ – sim, ‘N’ – não, ‘NSA’ – não se aplica; ‘A’ – ausente, ‘P’ – presente.)

Perante o que foi descrito nesse capítulo, é notável que a Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins e o Hospital Maria Cláudia Martins se adequam a diversas características do espiritismo kardecista brasileiro, englobando em maior ou menor adesão os seus diversos aspectos e preceitos que tentei descrever e comentar ao longo deste capítulo. Contudo é preciso ter atenção para as particularidades de cada local, advindas em sua maioria do fato de um (o primeiro) ser filiado à FEB e seguir as suas recomendações, enquanto o outro (segundo) por não ser associado às federações possui um sistema cujas semelhanças com o federativo são somente as que remetem às

<sup>89</sup> Considerado, junto à prece, uma etapa essencial para a harmonização e purificação do ambiente.

características do movimento espírita brasileiro. Uma das divergências que mais se destaca é a forma como cada instituição compreende o que é – e deve ser – uma prática espírita – seu conteúdo, principalmente no que tange aos tratamentos espirituais e ao processo de educação dos médiuns.

No próximo capítulo adentrarei nas questões relacionadas às categorias de médiuns e mediunidades, além da etnografia das práticas mediúnicas observadas e as funções atribuídas aos médiuns nesses contextos. As descrições serão feitas separadamente para cada local visando um maior detalhamento e uma análise mais aprofundada.

## CAPÍTULO II

### MÉDIUM, MEDIUNIDADES E PRÁTICAS MEDIÚNICAS

No capítulo anterior procurei fazer a descrição e análise dos aspectos mais gerais dos locais estudados – processo de fundação, estrutura das suas edificações, a proposta e objetivo de cada um, principais atividades e a sua distribuição no cronograma semanal, tipos de frequentadores, eventos comemorativos – assim como as relações que cada um deles estabelece dentro do movimento espírita brasileiro – adesão ou disputa com os órgãos federativos.

Pretendo focar neste capítulo três pontos: na categoria de médium, na de mediunidade com seus diversos tipos, e na descrição e análise das práticas mediúnicas observadas nos dois locais<sup>90</sup>. Dentro disso abordarei o processo de iniciação dos médiuns apontando as semelhanças e divergências, assim como as funções atribuídas aos mesmos nesses contextos.

#### 2.1 Médium e Mediunidade

Em o “Livro dos Médiuns”, encontra-se a seguinte definição para essa classe de indivíduos:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. E de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos. (KARDEC, 2009, p. 211).

Os médiuns são figuras de destaque dentro do movimento espírita, não só porque através deles que toda a codificação kardequiana e os principais livros doutrinadores

---

<sup>90</sup> Fraternidade Peixotinho e Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins.

foram revelados – ambos os conjuntos de escritos formam a base dos preceitos da doutrina espírita – como também os adeptos dessa religião acreditam que todos os seres humanos são dotados de sensibilidade mediúnica. Mediunidade é considerada como algo intrínseco, como Kardec determina no trecho acima exposto, reforçado pelo dirigente do MCM “*médium já nasce formado*”; ouvi também outro aspecto da mediunidade em ambos os locais pesquisados: “*mediunidade é algo natural, porém nem todos os seres humanos a manifestam na sua forma ostensiva*”. Nesse entendimento a naturalidade da faculdade mediúnica se relaciona com o fato dos espíritas acreditarem que os seres humanos já nascem portando-a na sua constituição corporal sendo uma característica intrínseca dos seres humanos, ou seja, condição de humanidade. Contudo, como dito pelos meus interlocutores, não são todos os casos em que ela se exhibe na sua forma ostensiva.

Cavalcanti (2008) resumiu a distinção que existe em médium e medianeiro:

Segundo o Espiritismo, todo homem é, [...], um médium, querendo-o ou não, sabendo-o ou não. Todavia, os espíritas distinguem entre o medianeiro, o médium nesse sentido amplo, e o médium ostensivo, aquele capaz de colocar-se explicitamente a serviço do Mundo Invisível. Trata-se, no primeiro caso, da comunicação espiritual, comunicação imperceptível, difusa, cotidiana, que os Espíritos travam com os homens por meio do pensamento. E, no segundo caso, da comunicação espírita propriamente dita. (CAVALCANTI, 2008, p. 52).

Logo todos podem sofrer influência do plano espiritual, mas somente aqueles que apresentam a mediunidade no estado ostensivo conseguem interagir de forma mais direta com os *desencarnados*. Os espíritas acreditam que com o processo evolutivo chegará um momento em que estaremos todos aptos a entrar em contato com os espíritos *desencarnados* sem precisar de qualquer tipo de mediação. Contudo, atualmente, é através da mediunidade e do seu veículo – os médiuns – que os dois mundos, o “visível” e o “invisível”, se comunicam.

Entretanto acredito ser mais esclarecedor e pertinente subdividir a natureza mediúnica em:

- a) Médium lato sensu – aquele que apresenta a mediunidade de forma latente, podendo vir a manifestar-se ou não. A comunicação através dele é mais sutil

e corriqueira, ocorrendo majoritariamente por intermédio do pensamento sendo, portanto, bastante difusa. Por exemplo: a intuição;

- b) *Médium stricto sensu* – aquele que apresenta a mediunidade de forma ostensiva, manifesta. É neste tipo que acontecem de fato as comunicações espirituais de forma mais consolidada, exclusivamente nos momentos de reuniões mediúnicas. A partir dela provêm os diversos tipos de mediunidade que irei descrever no próximo ponto.

Nos campos estudados existe a presença maior entre os trabalhadores do MCM da mediunidade do tipo ‘*stricto sensu*’, ao passo que na Fraternidade Peixotinho a grande maioria enquadra-se como ‘*lato sensu*’.

### 2.1.1 Tipos de Mediunidade.

Tendo em vista a diversidade de mediunidades descritas na literatura espírita segue abaixo um quadro-resumo com os principais tipos e uma breve descrição de cada um deles elaborada a partir da leitura dos dados coletados<sup>91</sup> nas duas pesquisas – 2011 e 2013.

<b>Tipos de Mediunidade</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Fraternidade Peixotinho</b>	<b>Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins</b>
Efeitos físicos	Capacidade de liberar ectoplasma.	+	++
Sensitiva ou impressionável	Capacidade de sentir a presença de um espírito.	+++	+++
Audiente	Capacidade de ouvir espíritos.	++	+++
Vidência	Capacidade de enxergar espíritos quando em vigília.	++	+++
Sonambúlica	Capacidade de em estado de sonambulismo entrar em contato com espíritos.	<b>O</b>	+
Cura	Capacidade de curar ou de aliviar o doente através da emissão de fluidos curadores pela imposição das mãos, ou pela prece.	++	+++
Pneumatografia, ou escrita direta.	Capacidade de receber diretamente dos espíritos mensagens por escrito sem o auxílio de um médium psicógrafo.	+	++

<sup>91</sup> Palestras, livros espíritas, conversas com nativos, vídeos.

<b>Tipos de Mediunidade</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Fraternidade Peixotinho</b>	<b>Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins</b>
Escrevente, ou psicografia.	Capacidade de escrever sob a influência de espíritos.	+	+++
Receitista.	Capacidade de psicografar prescrições médicas: medicamentos e tratamentos. Médiun só incorpora médicos espirituais.	<b>O</b>	++
Artística.	Capacidade de executar manifestações artísticas – pintura, música, desenho – sob a influência de espíritos.	+	+
Intuição.	Capacidade de comunicar-se com os espíritos pelo pensamento.	+++	+++
Inspiração.	Capacidade de receber sugestões dos espíritos por meio do pensamento.	+++	+++
Presentimento.	Capacidade de intuir vagamente acontecimentos futuros.	+	+
Falante, ou psicofonia.	Capacidade de comunicação oral de um espírito através do médium.	+++	+++
Profética.	Capacidade de prever eventos futuros.	<b>O</b>	<b>O</b>

(Tabela 2 - Tipos de Mediunidade. Legenda: frequência da presença das mediunidades em cada local pesquisado; + - poucos médiuns; ++ - médiuns em quantidade regular; +++ - muitos médiuns; O – não se teve registro).

É possível perceber pelo quadro acima que a presença de médiuns ostensivos é maior entre os trabalhadores do MCM em comparação com os da Fraternidade Peixotinho. Um dos fatos que explica essa distinção decorre das diferenças no foco que cada uma das instituições possui. O Hospital Espiritual tem suas atividades voltadas majoritariamente para tratamentos dos pacientes e cursos para treinar e orientar os médiuns, ou seja, as suas práticas giram mais em torno das reuniões mediúnicas. Em contrapartida, a proposta da Fraternidade Peixotinho tem como cerne a orientação e divulgação acerca da doutrina espírita, tendo um público mais difuso e direcionando os seus trabalhos para palestras e leituras.

O nível de prestígio dos médiuns é diretamente influenciado pela categoria à qual os espíritos comunicantes com quem interagem nas suas atividades mediúnicas e no seu

cotidiano pertencem: inferiores ou superiores. Os tipos de mediunidade também são qualificados pelo movimento espírita brasileiro diferenciadamente, por exemplo, a

psicografia pode ser aproximada, no plano da mediunidade, ao estudo, e aponta, [...] para um aspecto importante desse sistema religioso que é o da inovação doutrinária. A incorporação por sua vez aproxima-se da caridade, e revela outros aspectos da experiência mediúnica. (CAVALCANTI, 2008, p.113).

O intercâmbio entre os dois mundos – material e espiritual – possui implicações na doutrina espírita que passam pela prescrição de uma série de comportamentos e atitudes que incluem o controle do corpo:

Enfim, para compreender a lógica do corpo espírita é essencial a percepção de que para o espírita o corpo é instrumento de trabalho e renovação do espírito, assim ele não lhe pertence, consta como oportunidade de trabalho espiritual. Ele apresenta-se como a grande dádiva, sendo Deus seu maior credor. [...] O corpo deve ser controlado e equilibrado, pois há um plano para ele. (PAES, 2011, p.188).

Assim como o das emoções:

os médiuns devem seguir um padrão de transe fundado em *sobriedade, discrição, austeridade e simplicidade* (Cavalcanti 1983, p. 18, 69, 130), e evitar, em seu cotidiano, emoções não adequadas a este padrão de transe. Ora, os espíritas assinalam a existência de "*sentimentos reprováveis*, traduzíveis como sinais de inferioridade moral/espiritual"; dentre outros, assinala-se "inveja, ciúmes, mesquinhez, egoísmo" (Cavalcanti, 2003, p. 58/59 apud MADUREIRA<sup>92</sup>, 2010, p. 38).

Portanto a domesticação do corpo e das emoções no exercício da mediunidade são, junto com o estudo e a caridade, comportamentos exigidos do médium. A sua prática o denota como sendo um bom espírita, ou seja, que ele acata essas dimensões que são essenciais para a vivência religiosa espírita. Como Prandi enfatiza ao dizer que

“um médium é um aparelho e todas as suas partes são usadas na comunicação, inclusive o cérebro, como suporte material da inteligência. O defeito da máquina pode depreciar a obra. [...] Por isso mesmo, o médium deveria levar uma vida reta, orientada para o bem, para o amor ao próximo, pois somente melhorando a si mesmo ele poderia se oferecer aos espíritos como um meio de expressão mais aprimorado.” (2012, P. 64).

---

<sup>92</sup> É notória a influência dos trabalhos de Cavalcanti entre aqueles que pesquisam o Espiritismo, sendo Madureira mais uma dentre os que seguem a sua vertente de análise.

Apesar desses aspectos servirem para todos que desejam se tornarem espíritas, existe uma ênfase maior para que os médiuns não os percam de vista porque que a mediunidade é entendida como uma prova, um chamamento religioso maior por se tratar do testemunho do que a doutrina prega.

A mediunidade é, nesse sistema de crenças, uma missão na qual se concentram uma alta carga de provas e expiações. O médium é visto como um testemunho de que os preceitos do Espiritismo podem ser comprovados. As cobranças feitas a todos os espíritas quanto à busca constante por aprimoramento moral, comprometimento com a caridade e o estudo são ainda maiores quando se tratam dos médiuns. Além desses aspectos eles devem estar dispostos a dedicar-se longas horas – a maior quantidade que puderem – aos trabalhos mediúnicos. A presença do compromisso é uma exigência feita aos médiuns desde o início do processo, no momento em que começa a desenvolver a mediunidade e aprender a controlá-la<sup>93</sup> – etapa inicial que ocorre logo após a ‘descoberta’ da aptidão – e vai progressivamente aumentando a partir do momento em que é oferecida ao médium uma vaga entre os *trabalhadores da casa*<sup>94</sup>.

A *boa conduta* e adesão aos preceitos morais cristãos são exigências constantemente feitas aos médiuns, não só pelos seus mentores, mas também pelos membros da comunidade ao seu redor. Nesse ponto pode-se fazer uma correlação com a articulação feita por Eduardo Dullo (2010)<sup>95</sup> entre testemunho e exemplaridade:

Tanto o testemunho quanto a exemplaridade estão articulando o mesmo campo semântico, com diferença de ênfase: o primeiro a afirma pela palavra a transformação ocorrida na vida do sujeito, o segundo afirma pelas ações cotidianas – *Magis movent exempla quam verba*. (p. 7).

O médium deve servir de exemplo, principalmente, no seu cotidiano. Em diversas palestras doutrinadoras na Fraternidade Peixotinho era reforçada a ideia de que o trabalho voluntário em um centro espírita representava um contingente de horas muito

---

<sup>93</sup> Dentro da doutrina espírita é defendida a ideia de que as manifestações mediúnicas que possuem graus de inconsciência do médium só devem ocorrer dentro dos centros espíritas em horários específicos. Fora desse contexto ela deve se restringir às “inspirações” e “intuições” – formas mais sutis e frequentes de comunicação, episódios durante o sono ou sonhos e vibrações ou pensamentos positivos.

<sup>94</sup> Termo nativo usado para se referir à todos que trabalham como voluntários em qualquer atividade dentro de um centro espírita, apesar de geralmente ser utilizado mais como alusão aos médiuns.

<sup>95</sup> Elaborada no artigo “*Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade*”, em que analisa da interação de dois coletivos de agentes: os religiosos católicos que presidem o Centro Social Marista (CESOMAR) e os jovens atendidos por este Centro.

curto em comparação com as 24 horas diárias – nos sete dias da semana. São nesses momentos do dia-a-dia que as pessoas devem impulsionar os seus saltos evolutivos, porque para os espíritas são essas vivências que serão levadas em consideração no momento em que o espírito retornar ao *Mundo Invisível*.

Eu acho que o médium, o maior trabalho do médium é justamente na sociedade, não na casa espírita. Na casa espírita se você for perceber, uma vez por semana você trabalha em uma hora é muito pouco diante de tanta capacidade que você tem durante a sua vida inteira. Então, eu acho que muitas vezes com uma palavra, um médium está ajudando, com um comportamento, um médium que não muda o seu comportamento é um perigo para a sociedade. Eu acho também que ele beneficie inclusive até no seu próprio trabalho... a pessoa que tem a mediunidade ela pode também contribuir muito na vida social, em casa também. Eu acho que é onde a gente mais trabalha, fora da casa espírita. essa responsabilidade. (S.V., 42 anos; palestrante, passista e doutrinadora, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho).

A desordem para esse grupo representa um sinal de pouca elevação moral, e consequentemente espiritual, sendo recomendado aos médiuns, como comentado na fala acima, a modificação dos seus comportamentos que devem procurar se enquadrar nas diretrizes da doutrina espírita – resignação, tranquilidade, caridade. Mary Douglas defende na sua obra célebre que “idéias de separar, purificar, demarcar e punir transgressões têm como sua função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada.” (2012, p. 15).

A mediunidade é descrita como uma forma de “quitar” com maior rapidez as dívidas trazidas de outras existências, ou seja, um meio de purificação. Os médiuns são, ao contrário do que muitos pensam, percebidos como espíritos que possuem uma carga elevada de fracassos e imperfeições que precisam ser superados. Essa noção não se aplica aos médiuns ditos *missionários* ou *históricos*. Os dessa classificação assumem a faculdade mediúmica com o objetivo de atualizar e endossar os ensinamentos deixados por Kardec nos livros da codificação ajudando na expansão do movimento espírita. Portanto, mesmo todos os indivíduos tendo uma missão, nem todos são *missionários*. Atualmente, está cada vez mais escassa a quantidade de médiuns considerados de tal modalidade porque os adeptos da doutrina espírita no Brasil consideram que ela já foi devidamente revelada e comprovada. Percebo nesse ponto uma rotinização do carisma tendo em vista que o momento atual do movimento espírita preconiza a estabilidade e legitimação, entendimento esse que se aproxima daquele feito por Reesink (2007) no qual ao dialogar os seus dados de campo com perspectiva de Turner – enfatizando a

tradução que o autor faz das ideias de Weber – percebe a “possibilidade de interpretar o processo de rotinização do carisma também como busca de legitimidade.” (p. 594) .

Ao praticar a mediunidade, o médium encontra-se ajudando ao mesmo tempo a si mesmo e àquele – encarnado ou desencarnado – que se beneficia do seu trabalho mediúnico. Por tais motivos a humildade é essencial nesse contexto, dentro do modelo kardequiano existe uma forte repulsa ao endeusamento dos médiuns e cobrança de despersonalização por parte desses indivíduos, sendo a *psicografia* o tipo de mediunidade na qual esse elemento é mais enfatizado: “Nos livros psicografados, é o nome do espírito que consta como autor; o nome do médium aparece como agente da psicografia.” (PRANDI, 2012, P. 64-65).

Duas outras categorias religiosas extremamente importantes para a doutrina espírita, o estudo e a caridade, estão intrinsecamente conectadas à noção de mediunidade. Antes de exercer a sua aptidão mediúnica os iniciantes devem passar por longos períodos de estudo<sup>96</sup>, os quais são para a vida toda – devem ser contínuos e corriqueiros. A leitura das *obras da codificação*, principalmente o Livros dos Espíritos, Evangelho Segundo o Espiritismo, e Livro dos Médiuns, deve fazer parte do cotidiano do médium, assim como das obras psicografadas por Chico Xavier e qualquer outro livro indicado pela diretoria do centro espírita que frequenta<sup>97</sup>.

A importância do estudo remete às diretrizes organizacionais deixadas por Bezerra de Menezes, as quais os centros espíritas que desejassem filiar-se à Federação e se tornarem “legítimos” deveriam seguir. No item referente à relevância dos estudos encontra-se o seguinte direcionamento: “os grupos não podem dar um passo sem o conhecimento da doutrina; donde a obrigação, para todos, de dedicarem, sempre, uma parte de suas sessões àquele estudo. Um grupo que não conhece nem se preocupa com o estudo da doutrina pode ser tudo, menos um grupo espírita” (*O Reformador*, 15 fev. 1896 APUD ARRIBAS, 2010, P. 243).

Quanto à caridade, para os espíritas, ela não se restringe somente a ajuda material, devendo estar acompanhada de perto por um apoio espiritual. Uma conversa

---

<sup>96</sup> Comenta-se que Emmanuel, o guia espiritual de Chico Xavier, o fez passar cinco anos estudando e praticando a sua mediunidade antes de considera-lo pronto para iniciar a psicografia das obras que foram publicadas e ficaram famosas.

<sup>97</sup> Na Fraternidade Peixotinho, por exemplo, é fortemente indicada a leitura da biografia do médium ao qual o local presta homenagem.

que acalme, um gesto que conforte, uma atitude que demonstre preocupação, a divulgação dos ensinamentos de Jesus Cristo podem também servir como atitudes caridosas. A caridade para os seguidores dessa doutrina se enquadra no sentido de amor fraterno, ou como eles preferem, o amor ao próximo de acordo com os ensinamentos cristãos reinterpretados à luz do Espiritismo.

A noção de dádiva trazida por Roberta Campos (2003) a partir da sua pesquisa entre os “Ave de Jesus”<sup>98</sup> dialoga bem com o contexto aqui abordado. A dádiva para o grupo pesquisado por ela é o cerne das suas práticas sociais, por meio da qual os penitentes firmam o seu pertencimento aos “Ave de Jesus”. A reciprocidade, para eles, tem íntima ligação com os “valores comunais em oposição a uma moralidade fundada em princípios individualistas” (ibid., p.234). A dádiva nesse grupo é fortemente marcada pela ausência do cálculo, característica da qual os meus interlocutores se aproximam. Nesse sentido, a concepção de caridade espírita pressupõe uma prática sem visar um fim racional, não instrumentalizada, sendo essa a maneira que os grupos estudados a reconhecem como estando dentro dos padrões cristãos.

### **2.1.2 O processo de iniciação do médium espírita.**

O contato inicial dos indivíduos com os ambientes espíritas ocorre de forma diversa. Desde os casos em que possuem uma família espírita que os leva desde crianças a esse recinto, passando por aqueles que são incentivados por pessoas conhecidas – familiares, amigos, vizinhos – ou que tomam conhecimento através de alguma campanha de divulgação – campanha do quilo, distribuição de panfletos, palestrantes que fazem visitas a diversos centros, peças de teatro, grupos musicais – e até por intermédio da curiosidade pessoal.

A iniciação do médium espírita possui proximidades e divergências quando comparada a de outros contextos religiosos cristãos. Trata-se de um processo lento e gradual no qual a passagem de uma etapa para a seguinte implica em uma maior adesão ao modelo de vida kardecista e as suas restrições. O iniciado espírita continua participando das diversas atividades do local onde frequenta. O objetivo dos processos que o médium iniciante vivencia é a domesticação do corpo para o ‘recebimento’ das

---

<sup>98</sup> Grupo de penitentes do Juazeiro do Norte (CE).

entidades, onde no Espiritismo esse aspecto se refere ao espírito desencarnado que irá incorporar no médium.

### 2.1.2.1 Na Fraternidade Peixotinho.

Dentre os relatos dos médiuns que trabalham na Fraternidade Peixotinho poucos declararam ter tido o seu primeiro contato com o local por intermédio do atendimento fraterno e somente uma das entrevistadas comentou que foi nesse momento em que lhe foi revelada a sua aptidão mediúnica:

Passa por um processo do atendimento fraterno, depois para terapia de passe, de estudos dentro das obras de Kardec. Isso é num centro sério. Depois de um longo período que a gente frequenta e que procura também um trabalho que é importante na área da caridade. O leque que o centro tiver, você se integra. Então, basicamente é isso: o passe, o atendimento, o estudo e o trabalho na caridade. Então, quando eu fui receber, como ele chamava, o resultado daquele atendimento. Disseram: não. o atendimento não era para seu irmão, é para você. Você é portadora de uma coisa chamada mediunidade. E justamente o que eu estou dizendo a você, eu comecei a estudar e nesta noite eu fui colocada numa mesa, e eu comecei a servir meu lado físico para que as entidades pudessem se colocar. (Z., 68 anos, médium de incorporação, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho).

De maneira geral o processo de *iniciação* do médium em um centro espírita ligado às federações possui as seguintes etapas:

1) contato inicial: pode ocorrer através da indicação da FEP (Federação Espírita Pernambucana), de alguma pessoa conhecida (familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos), ou ainda pela tomada de conhecimento da existência do local através da campanha do quilo – momento em que os voluntários se espalham em sinais de trânsito nos arredores da Fraternidade e distribuem um panfleto onde consta uma mensagem diferente a cada semana (de um lado) e do outro as atividades e respectivos horários-dias em um quadro organizado cronologicamente além do endereço e dos meios para contato;

2) o estudo da doutrina<sup>99</sup> e a prática de alguma atividade de caridade dentre as que são ofertadas no centro espírita – no caso da Fraternidade Peixotinho trata-se da

---

<sup>99</sup> Feito de forma direcionada nas sessões de **estudo da mediunidade** que ocorrem nas quartas-feiras à noite e são ministradas pelo dirigente da Fraternidade.

distribuição de alimentos, visitas a lugares diversos (asilos, hospitais, orfanatos), dar aulas de reforço, campanhas do quilo, trabalho na cantina e na livraria. A sessão de **estudos mediúnicos**, como já descrita em Leite (2011) consiste na

leitura acompanhada e comentada de algum livro espírita psicografado, normalmente os livros ditados pelo espírito André Luiz a Chico Xavier. A palestra consiste, portanto, da leitura de capítulos da obra escolhida, o que pode levar vários meses já que o foco é explicar os conceitos do Espiritismo presentes nos romances. A escolha por esse tipo de literatura está ligada à sua forma didática de expor os conceitos da doutrina espírita: por meio de histórias e personagens com os quais os leitores podem se identificar. Com isso os aspectos defendidos pelo Espiritismo são diluídos e contextualizados facilitando o seu entendimento; e, ao contrário dos livros codificados por Kardec, chegam a um número maior de pessoas, inclusive aquelas que não são espíritas. Neste ritual cabe ao dirigente fazer a leitura acompanhada dos livros abordados na palestra: o palestrante lê um trecho do livro e o comenta ou explica. Foi por iniciativa dele que esta sessão foi incorporada ao quadro de atividades do centro espírita e por tal razão assumiu a função de executá-la (P. 31);

3) *curso de passe*<sup>100</sup>;

4) **educação mediúnica**<sup>101</sup>;

5) **reunião mediúnica**.

A passagem da etapa 2 para as demais depende do indivíduo frequentar as sessões de **estudo da mediunidade** por um ano e comprovar a sua assiduidade por meio da assinatura de um caderno<sup>102</sup> que é repassado entre os presentes no início da exposição e posteriormente colocado na mesa localizada na tribuna.

A progressão das etapas no contexto observado varia muito. Apesar de existir na Fraternidade Peixotinho a recomendação de que os médiuns devem frequentar a reunião de **estudo da mediunidade** por um ano antes de avançar para o próximo momento esse não é um fator determinante, pois de qualquer forma todos devem continuar frequentando essas sessões de **estudo da mediunidade**, mesmo aqueles que já

---

<sup>100</sup> Durante o período da pesquisa de campo não ocorreram um cursos de passe. Eles não possuem uma frequência e periodicidade pré-determinada, variam de acordo com a demanda e a procura.

<sup>101</sup> Serão descritas com mais detalhes no tópico “2.2.3 Reuniões da Fraternidade Peixotinho” neste capítulo.

<sup>102</sup> Esse mesmo caderno é utilizado para sortear o nome daquele que irá proferir a prece inicial dessas sessões. O dirigente pede a um dos presentes – escolhido aleatoriamente – para dizer um número e então faz a leitura do nome ao qual corresponde na lista. A pessoa escolhida tem a opção de proferir a prece no lugar onde está sentada ou de se aproximar da tribuna e utilizar o microfone.

trabalham há anos nas sessões mediúnicas. Aqueles que chegam ao local já apresentando sinais claros de *mediunidade ostensiva*<sup>103</sup> além de também participar dessas palestras são direcionados para frequentarem imediatamente a **educação mediúnica**; existem pessoas que mesmo sendo assíduas há anos no **estudo** ainda não lhe foi autorizado participar das sessões de **educação** ou de **reuniões mediúnicas**. Portanto os ciclos ocorrem com periodicidades específicas<sup>104</sup> para cada médium, sendo as suas transições fortemente marcadas por convites e sugestões que partem dos responsáveis pelas atividades que envolvem manifestações mediúnicas e pelas sugestões dos dirigentes da Fraternidade.

O único momento de todo o percurso de iniciação mais abrangente são os cursos de passes que não tem uma recorrência com periodicidade determinada podendo ter em um ano e não no seguinte. Neles existe também uma abertura para a participação daqueles que não possuem mediunidade ostensiva, haja vista que para os espíritas todos nós possuímos mediunidade e somos capazes de doar fluidos – mesmo que minimamente.

Outro ponto a ressaltar é que ao contrário de em outros contextos – como já sinalizado, por exemplo, as religiões afro-brasileiras – não existe uma segregação entre as tarefas durante o progresso da iniciação, à medida que o indivíduo passa para uma nova etapa ocorre a acumulação das funções que já exerce: trabalhos voluntários, participação nas reuniões públicas e de estudos. Não se faz presente momentos de separação e recolhimento tais como as teorizadas por Van Gennepe<sup>105</sup>, os iniciados progredem nas etapas conciliando a sua disponibilidade de tempo com as recomendações que lhes são feitas ao ponto de existirem alguns – normalmente os aposentados – que participam de todas as atividades do centro espírita ao passo de outros terem a liberdade de se afastarem ou reduzirem a sua carga-horária por motivos

---

<sup>103</sup> Podem se caracterizar por: incorporações fora de uma reunião mediúnica, irritação, sonolência excessiva, dores físicas sem diagnóstico definido, crises de choro e pânico.

<sup>104</sup> Por exemplo, nos casos em que o médium já trabalhava em outro centro espírita como integrante da equipe envolvida com atividades mediúnicas, tais como reuniões de desobsessão, ocorre uma supressão das etapas iniciais. Situações como a de Z., que chegou ao Peixotinho através de um processo de afastamento em massa de outro centro espírita por mediação de um frequentador que já tenha contato com os responsáveis pelo setor de **reuniões mediúnicas**.

<sup>105</sup> Os Ritos de Passagem, 2011.

diversos – cuidar de parentes doentes e idosos, iniciar novo curso, mudança de emprego, etc..

### **2.1.2.2 No Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins.**

Os hospitais espirituais nesse quesito se distinguem fortemente da Fraternidade Peixotinho. A começar pelo motivo que leva à procura por esse tipo específico de recinto: a cura. Aqueles que optam por frequentar esses lugares são indivíduos que passam por processos de desordem que pode ser tanto físicos quanto emocionais, psicológicos e espirituais. Tendem a tomar conhecimento da existência desses locais via conhecidos, familiares, amigos que são normalmente ex-pacientes ou até mesmo *trabalhadores-voluntários*. Logo, o momento de *iniciação* em um hospital espiritual está estreitamente relacionado ao tratamento espiritual pelo qual os indivíduos passam, pois nele todos os incômodos do recém-chegado são preenchidos com novos sentidos e significados a partir do instante em que ao receber o ‘diagnóstico’ dos *doutores espirituais*<sup>106</sup> são informados que possuem *sensibilidade mediúnica*<sup>107</sup>. Como aponta Prandi (2012) “ao longo dos períodos de consulta e tratamento, o paciente não espírita vai aprendendo uma nova maneira de explicar a dor, a doença, o sentido da morte e da vida, vai assimilando uma nova visão de mundo.” (P.82).

Aqueles que escutam dos doutores espirituais essas duas palavras possuem de antemão uma série de recomendações que já fazem parte do seu processo de *iniciação*. A primeira consta em fazer o tratamento geral comum a todos os pacientes, médiuns ou não, que consiste em assistir palestras públicas, receber passes específicos<sup>108</sup>, passar por cirurgias espirituais<sup>109</sup> e ingerir água fluidificada, além das revisões a cada quatro sessões de tratamento consecutivas.

---

<sup>106</sup> Espíritos desencarnados que são responsáveis pelos diagnósticos e tratamentos nos hospitais espirituais. Em geral possuíam a profissão de médico em alguma de suas reencarnações passadas.

<sup>107</sup> Termo usado pelos membros do MCM para indicar que o indivíduo possui *mediunidade ostensiva*.

<sup>108</sup> Para cada caso medicam uma compilação de diversos passes psicografados pelo *médium receitista* na ficha do paciente.

<sup>109</sup> Quando necessário.

Dado certo momento<sup>110</sup> começa o diferencial, a pessoa que possui *sensibilidade mediúnica* recebe a liberação – durante uma revisão feita com o médico espiritual que é responsável pelo seu tratamento – para frequentar<sup>111</sup> o **curso de medicina espiritual** onde ocorre o segundo momento da *iniciação*. Nas palavras do dirigente:

**“O Curso de Medicina Espiritual, que não ensina apenas as técnicas fluídicas, mas todo um conjunto de informações técnicas de funcionamento dos plexos, inclusive conhecimento de manipulação fluídica de auto-defesa, é obrigatório para todo e qualquer trabalhador-voluntário - médium passista, médium de psicografia, médium de psicofonia, médium doutrinador e médium receitista.”**

O curso tem duração média de um ano e consiste em dois momentos:

1º - parte teórica: composta por aulas proferidas pelo médium-fundador do MCM na qual ele faz a leitura de um trecho da apostila<sup>112</sup> e explicado através de exemplos que observou ao longo da sua experiência como trabalhador em centro espírita e nos hospitais espirituais. Os áudios das aulas são gravados e disponibilizados na homepage do hospital espiritual.

2º - parte prática: nesse momento os iniciados aprendem a aplicar os diversos estilos de passes, como fluidificar água, o uso dos eletrodos<sup>113</sup> e algodão nos tratamentos, enfim; todas as técnicas necessárias para atuarem como médiuns dentro do contexto hospitalar. São orientados pela equipe formada por médiuns que já são trabalhadores do local e realizam as práticas entre si por meio de revezamentos – um representa o paciente e o outro o médium que realiza o atendimento.

---

<sup>110</sup> Não possui uma periodicidade prescrita variando de acordo com cada paciente, pode ser poucos meses após o início do tratamento, ou até mesmo um ano depois.

<sup>111</sup> Em boa parte dos casos observados os pacientes participam do curso sem ter recebido alta do seu tratamento, este passa a ocorrer no momento do passe antes das palestras educativas. São divididos dois grupos nesse momento: um que recebe um passe mais abrangente em um ambiente por trás de onde ocorrem as aulas do curso; e outro que é encaminhado para uma sala no primeiro andar onde são chamados pelo nome das suas fichas de receituário e lhes são aplicados os passes ali prescritos.

<sup>112</sup> Recomenda-se que todos os participantes do curso adquiram o material na cantina do MCM ou tirem cópias. Pedem também que cada um leve uma mídia – CD, DVD, pen-drive, mp3 ou mp4 player – para que sejam passados os áudios das sessões. Incentivam os iniciados a lerem a apostila e a escutarem os áudios ao longo da semana – dentro do carro, com fones de ouvido no ônibus, nas suas residências.

<sup>113</sup> Pilhas descarregadas.

Ao final do curso os iniciados são encaixados na escala de horários e funções<sup>114</sup> do MCM, de acordo com uma das entrevistadas a escolha ocorre por determinação da equipe espiritual:

Todo trabalhador que passam aqui, ele tem curso de medicina espiritual que fez a revisão com a doutora e comprovada que tá apto a *trabalhar* em qualquer setor. Porque aqui a gente não tem posto fixo em setor nenhum. A médica não permite isso porque você ficar só naquele setor, vai se sentir já dona do pedaço. Por isso a gente tem que fazer de tudo, aprender de tudo. Depois dessa escala... Quem tá no passe vai para coordenação, quem tá na coordenação vai para o passe... Então, quem faz essa escala é a médica espiritual Dra. Cristina. Mas de acordo também com a nossa mediunidade, porque tem pessoas também que tem uma mediunidade que não é para aquele setor, aí também não é escalado para aquele setor. Porque isso nós somos muito avaliados pelo médico espiritual. Trabalhador nenhum faz trabalho sem a médica avaliar e dar o aval de que está em condições de participar daquele trabalho. Porque é um trabalho que tá em risco a nossa saúde e ela não quer ajudar e prejudicar os trabalhadores. (M.A., 53 anos).

Assim como na Fraternidade, não existe uma separação entre as tarefas executadas pelos iniciados, o **desenvolvimento mediúnico** ocorre concomitantemente ao trabalho voluntário dos médiuns nos atendimentos aos pacientes onde horários e momentos são diferentes e se encaixam na escala de atividades dos trabalhadores. Contudo, ao contrário da Fraternidade onde todos os médiuns passam pelo desenvolvimento em um mesmo ambiente e ali esperasse que suas aptidões se manifestem espontânea e livremente, no HESMCM existem horários e salas distintas para que ele ocorra e o foco são dois tipos de mediunidade: a psicografia e a psicofonia. De acordo com o dirigente N.C. e o médium fundador W. do MCM a separação ocorre para evitar mistificação e animismo, além de ser uma forma de garantir que as sessões transcorram da forma mais ordenada possível.

No contexto do Espiritismo essas duas preocupações se referem a falseamentos da comunicação mediúnica, sendo a primeira por parte do espírito comunicante – “tentativa de Espíritos inferiores de se fazerem passar por superiores.” (CAVALCANTI, 2008, P. 106) – e a segunda pelo médium. Podem acontecer tanto pela ação dos próprios indivíduos – encarnados e desencarnados – quanto pela ingenuidade e falta de experiência do médium em ter senso crítico quanto às comunicações que transmite:

---

<sup>114</sup> Variam a cada três meses.

a interferência do Espírito do médium na comunicação espírita é antes que um empecilho, um dado, parte do desenvolvimento da mediunidade. O "será que é", "será que não é?" é, segundo os espíritas, uma dúvida que persegue o médium a vida inteira. Com o passar do tempo, o médium aprende a distinguir, mas o grau de "pureza" na transmissão de uma comunicação espiritual permanece sempre em alguma medida problemático. (CAVALCANTI, 2008, P. 108)

Apesar de existir a preocupação e o alerta constante quanto a essas questões em ambos os contextos pesquisados, somente no MCM foi criada uma metodologia específica para evitar que isso aconteça. Nesse local todas as psicografias são revisadas pelo dirigente do hospital espiritual e/ou pela pessoa responsável por coordenar a sessão em que são realizadas em busca de pequenos erros e falhas – na linguagem, na mensagem, nos termos usado, o nível de conhecimento sobre os assuntos abordados – que possam denotar a influência da personalidade do médium no que foi escrito.

Cabe aqui pontuar outros dois diferenciais do hospital espiritual, o primeiro se trata do fato de todos os médiuns dos hospitais espirituais serem considerados como portadores de mediunidade de cura e a colocarem em prática sempre que realizam as atividades nos tratamentos. O segundo ponto versa sobre a luminosidade das sessões, nenhuma ocorre na penumbra nem com luzes de cores diferentes da branca. O dirigente N.C. e o médium-fundador W. sempre reforçaram essa noção explicando que o médium comum – salvo o sonambúlico – precisa da luz para exercer as suas funções sem ter a sua visão prejudicada, e no caso dos iniciantes a pouca iluminação gera insegurança que pode levar a um bloqueio psicológico e eventualmente interferir no seu trabalho.

Neste processo de transição a passagem do iniciado do **desenvolvimento mediúnico**<sup>115</sup> para as **reuniões mediúnicas**<sup>116</sup> ocorre novamente a partir de uma avaliação com a Dra. Cristina Santos e de acordo com o médium-fundador não existe uma periodicidade definida para esse momento:

---

<sup>115</sup> As entidades que o médium incorpora são os pacientes desencarnados que já se encontram em tratamento no hospital espiritual. Os iniciados psicografam mensagens de despedidas desses internados, pois esses pacientes possuem a liberação para proferir uma comunicação aos seus parentes no momento em que recebem alta do seu tratamento.

<sup>116</sup> Nas reuniões mediúnicas os *trabalhadores-voluntários* do MCM dizem lidar com todo tipo de entidade por meio de evocações. Logo, o grau de evolução e provável perturbação desses espíritos são considerados bastante variados, por essa razão somente aqueles médiuns que já possuem bastante treinamento e experiência podem participar dessas sessões.

De três em três meses todos eles são avaliados de novo pela médica espiritual. Aí, nessa avaliação ela vai perguntar a ele se ele tem facilidade de comunicação; se ele tem dificuldade na comunicação; o que é preciso para ele melhorar as comunicações dele. então, ele relata individualmente para médica espiritual, qual a dificuldade que ele está tendo na mesa. Então, essa dificuldade vai ser levada ao doutrinador para que venha a *trabalhar* ele para que o desenvolvimento dela seja tranquilo. Aí, o médium tendo passado pela reunião, como de tratamento de apoio espiritual que ela falou né? No mínimo ele tem que ter prática. Não é anos meses, entendeu? Ele tem que ter prática no que ele faz. Então, quem está numa mediúncia, mesmo que ele receba uma orientação, mas ele não domina a prática da comunicação ainda, ele não passa a comunicação sem falha... Ele pode estar ali há cinco, seis anos, para os médicos espirituais é desenvolvimento também. Ele não tem capacidade de sair dali ainda. Já existem outros que já traz isso na questão inata. Com três meses, ele sai dali com a reunião mais grave. Mas é dele próprio.

Porém, apesar da defesa da autonomia do médium sobre o seu próprio desenvolvimento, são os médiuns mais antigos e os doutores espirituais que avaliam e separam as comunicações entre perfeitas ou imperfeitas.

A dicotomia perfeição-imperfeição é muito cara ao Espiritismo, principalmente no que tange o processo evolutivo dos espíritos. Para os adeptos dessa doutrina existe um

ponto inicial, um ‘ponto zero’ no qual há uma igualdade inicial na imperfeição e no caminho que deverão percorrer; e um ponto final, ‘infinito + relativo’ (‘porque infinito absoluto só Deus’), que todos um dia, não importa quando, alcançarão, e que representa a possibilidade de uma igualdade na perfeição. (CAVALCANTI, 2008, P. 29).

## **2.2 Práticas Mediúnicas.**

Existe entre os kadercistas uma forte repulsa pelo termo “ritual”, em todos os momentos em que utilizei a palavra para exemplificar um dos elementos que pretendia pesquisar escutava frases do tipo “Mas no Espiritismo não tem rituais”; “Nós não temos aqueles rituais formais e repetitivos”. No entendimento dos adeptos da doutrina espírita ela não possui rituais, muito menos símbolos ou formas peculiares, sendo a ênfase dada à simplicidade e naturalidade das suas práticas. Cavalcanti resumiu de forma direta essa questão a partir das observações feitas no centro espírita que estudou, elementos que se repetem em outros locais – como pude observar na minha primeira pesquisa (2010/2011) e na que fiz recentemente (2013):

os espíritas entendem ritual num sentido partidário, como sinônimo de conformidade vazia, de atos cuja sequência se repete mecanicamente sem se saber por que ou para quê. (...) O anti-ritualismo espírita, contudo, lança luz sobre uma característica central do Espiritismo. Ao distinguir entre um ‘culto externo’, equivalente ao ‘cerimonial, às prescrições de adoração’, e um ‘culto interno’ corresponde ao ‘ato de consciência sem medo ou interesse materiais’, e ao valorizar negativamente o primeiro e positivamente o segundo, o Espiritismo elege como foco de sua ação a pessoa moral. (CAVALCANTI, 2008, p.42).

O discurso vigente no movimento espírita é o de que no Espiritismo não são encontrados rituais repetidos de forma mecânica nos quais os praticantes não se preocupam com o seu sentido, e conseqüentemente, sem o aprendizado necessário para o aprimoramento moral dos indivíduos – ponto defendido pela doutrina espírita como sendo crucial na sua cosmologia. Os objetos rituais compõem-se basicamente de cadeiras, mesas, relógios, copos e garrafas com água<sup>117</sup>, dependendo da sessão é usado o projetor de imagens, algumas tem uma câmera para registrar o evento<sup>118</sup>, além de caneta e papel.

O centro espírita e o hospital espiritual são, portanto, os locais tidos como ideais para que os espíritas pratiquem a doutrina na sua totalidade e da forma mais apropriada, já que nele existe um rígido controle e direcionamento das atividades realizadas. Além disso, o centro espírita – ou o hospital espiritual – é considerado “um lugar privilegiado para a mediação entre o Mundo Visível e o Mundo Invisível. Ele representa, no Mundo Visível, o lugar mais puro”. (CAVALCANTI, 2008, P. 43). É nele que a mediunidade pode ser praticada em todas as suas facetas, pois os espíritas consideram existir nesses contextos todos os aparatos necessários para o controle das manifestações.

A execução de qualquer tipo de comunicação e aproximação entre os dois planos – material e espiritual – é permeada de perigos – principalmente para os médiuns, pois eles são afetados diretamente pelas energias envolvidas nesse intercâmbio por serem os agentes que possibilitam qualquer forma de aproximação entre as duas dimensões. Portanto é somente no centro espírita ou no hospital espiritual que se encontram o

---

<sup>117</sup> Os espíritas acreditam que ao longo das sessões e reuniões realizadas nos centros a água presente no ambiente torna-se *fluidificada*, que é a água convencional acrescida de fluidos curadores presentes nesses ambientes ou emitidos por meio de *passes* específicos.

<sup>118</sup> Esse fenômeno ocorre somente nas sessões abertas ao público e o material costuma ser posteriormente compartilhado na página virtual dos locais.

ambiente e a equipe – tanto de *encarnados* como de *desencarnados* – melhor preparados e bem amparados para lidar com esse tipo de situação e qualquer eventualidade. Por isso, são os locais ideais – mais puros – e recomendados pela FEB para que ocorram os rituais fechados aos não iniciados: as *sessões mediúnicas*<sup>119</sup> - engloba também as *cirurgias*<sup>120</sup> e *tratamentos*<sup>121</sup>, as *sessões de irradiação*<sup>122</sup>; e os rituais abertos aos não iniciados: as **reuniões públicas** e as de **estudos mediúnicos**. Essa restrição de local para a prática da comunicação mediúnica tem em vista principalmente àqueles espíritas que praticam o *Evangelho no Lar*, sendo sempre enfatizado que este último deve se restringir à realização de uma prece seguida da leitura e estudo de pequenos trechos do Evangelho Segundo o Espiritismo.

O início de qualquer sessão é dado pela preparação do ambiente para que ele seja purificado, por tal motivo preconiza-se uma conduta de respeito e comportamento comedido entre os participantes na qual as pessoas devem ficar devidamente sentadas nas suas cadeiras procurando fazer o mínimo de barulho possível; ao passo que os espíritas acreditam estarem sendo executados procedimentos das forças espirituais amigas e protetoras. Entre elas se encontram o mentor<sup>123</sup> ou mentora<sup>124</sup> espiritual da instituição, assim como outras entidades que trabalham e protegem o local. É notória a relevância das categorias pureza e ordem dentro do contexto espírita, principalmente no que tange médiuns, mediunidades e práticas mediúnicas.

---

<sup>119</sup> Tratam-se das reuniões onde são feitos os trabalhos espirituais da casa espírita. Nos locais estudados, elas se dividem em dois tipos: 1- tratamento *desobsessivo*, e 2-desenvolvimento mediúnico. Tratam de momentos nos quais os médiuns do centro espírita procuram, na primeira, ajudar os desencarnados a progredirem espiritualmente (por exemplo: desapegar das coisas materiais, perdoar os que tiverem cometido alguma injustiça com ele, aceitar a sua passagem para o outro); na segunda, é feita a leitura e estudo do Livro dos Médiuns e alguns exercícios voltados para os médiuns que ainda são iniciantes.

<sup>120</sup> Rituais específicos dos hospitais espirituais.

<sup>121</sup> Rituais específicos dos hospitais espirituais.

<sup>122</sup> Segundo os nativos, trata-se de sessões nas quais um grupo de pessoas – geralmente médiuns – reúnem-se para mandar pensamentos positivos – que são entendidos pelos espíritas como geradores de *vibrações e irradiações* positivas que possuem a capacidade de ajudar os indivíduos em qualquer que seja a dificuldade que eles apresentem – por meio de preces em prol de espíritos encarnados ou desencarnados. Os espíritos ajudados são indicações feitas por frequentadores do centro, ou pessoas que conhecem seus participantes e sabem da existência desse tipo de sessão. Não me foi concedida permissão para observar esses eventos.

<sup>123</sup> Na Fraternidade Espírita trata-se do médium desencarnado Peixotinho.

<sup>124</sup> No Hospital Espiritual estudado trata-se do espírito chamado Doutora Maria Claudia Martins.

As equipes espirituais – compostas por mentores e trabalhadores desencarnados – que atuam em qualquer centro espírita são descritos como espíritos que já atingiram níveis mais elevados do que os encarnados – médiuns, pacientes, frequentadores, voluntários – que participam da casa espírita. As decisões mais importantes partem delas, principalmente dos *mentores espirituais*, porque os espíritas os percebem como sendo mais capacitados, moralizados e intelectualizados para assumir decisões de comando do centro espírita. São descritos como os mais sensatos para tomadas de decisões, sendo a ponte ideal para a comunicação com o plano espiritual ao tratar-se de assuntos que envolvam as práticas espirituais no plano terreno.

Contudo os dirigentes e os indivíduos que possuem um longo tempo de adesão à doutrina espírita e trabalham com frequência como voluntários nas instituições também possuem uma posição mais elevada que os demais *encarnados* dentro da hierarquia comentada no capítulo anterior. Porém os *desencarnados* que trabalham em centros espíritas só podem executar atividades que auxiliem os *encarnados* que frequentam as instituições a partir da autorização atribuída ao que os espíritas denominam de Espiritualidade Superior<sup>125</sup>.

Dentro desse contexto a pontualidade<sup>126</sup> é algo extremamente importante. Os relógios de parede estão sempre presentes para lembrar aos trabalhadores a hora devida do começo e termino de qualquer atividade. Rara será a situação em que uma sessão mediúcnica ultrapasse o horário, porém o mesmo nem sempre ocorre com as palestras públicas<sup>127</sup>.

De acordo com a explicação nativa, existem duas razões para este rigor. Uma é a de que os espíritos *desencarnados* que auxiliam nas sessões são considerados como extremamente ocupados, possuindo outros lugares e tarefas para realizar. A outra versa sobre a mesma questão, só que trata dos frequentadores *encarnados*, porque cada indivíduo possui suas obrigações pessoais, horários a cumprir. Sendo assim, ambos

---

<sup>125</sup> Grupo de espíritos desencarnados tidos como aqueles que atingiram os maiores graus de evolução espiritual, tanto que não precisam mais reencarnar visto que já pagaram suas dívidas e aprenderam tudo que deveriam aprender, ou seja, absorveram e praticaram os ensinamentos de Jesus Cristo descritos no Evangelho e codificados por Allan Kardec.

<sup>126</sup> Aubréé & Laplantine (2009), e Cavalcanti (2008) também comentam sobre esse aspecto.

<sup>127</sup> Observou-se, majoritariamente na Fraternidade Peixotinho, algumas palestras ultrapassando o horário de termino devido a longa extensão da **prece final**.

podem organizar-se ao saber que as reuniões possuem um horário previamente fixado para o seu início e fim<sup>128</sup>.

Quanto às sessões elas podem variar de tipo e número de acordo com o centro espírita. As variações se dão basicamente devido à individualidade dos dirigentes espirituais, assim como o quadro de médiuns e tipo de mediunidade de cada um pode variar bastante, além de no caso desta pesquisa se tratar de um centro espírita convencional e um hospital espiritual. Aubrée e Laplantine (2009) resumem bem esse ponto:

Cada centro, muitas vezes de acordo com o modo de ser do seu dirigente, tem personalidade própria. Alguns são mais voltados para a saúde (às vezes são cirúrgicos), outros mais doutrinários, outros mais evangélicos, outros enfim, são mais artísticos. Cada qual combina esses diferentes aspectos, mas de diferentes maneiras. Encontramos sempre, entretanto, os diversos elementos constituintes do espiritismo brasileiro: a educação (dos participantes, mas também dos Espíritos inferiores); a troca de fluidos (entre os participantes e os Espíritos superiores), a assistência social e espiritual. (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p. 208)

Na Fraternidade Peixotinho o enfoque maior reside na educação, visto que a maioria das suas atividades<sup>129</sup> gira em torno das aulas de reforço para crianças da comunidade carente que existe próxima ao local, e em palestras diárias cujo objetivo é a divulgação da doutrina espírita para o esclarecimento dos frequentadores.

Apesar de no Hospital Maria Claudia Martins também existir a preocupação com a educação – neste caso mais voltada à parte espírita e mediúnica – o foco são os tratamentos.

### **2.2.1 Observando as práticas mediúnicas: Eu no campo.**

Na primeira pesquisa<sup>130</sup> que realizei na Fraternidade Peixotinho vetaram a minha participação nas sessões mediúnicas com a justificativa de que eles exigem preparo e sintonia<sup>131</sup> entre os participantes, podendo um indivíduo destoante atrapalhar o curso

---

<sup>128</sup> LEITE, 2011.

<sup>129</sup> Elencadas no primeiro capítulo.

<sup>130</sup> Em 2010/2011.

<sup>131</sup> “Estar em sintonia implica que os participantes compartilhem de uma linha de pensamentos que inclui preces cristãs – tais como o “Pai Nosso”, orações incluídas no Livro dos Espíritos e em outros livros

dessas atividades. Porém acredito que o fato de ter frequentado o local por um período razoável – 12 de Outubro de 2010 a 24 de Março de 2011 – e o recorrente contato cordial com o dirigente (A. L.) – responsável pela Fraternidade Peixotinho na época da pesquisa e meu principal interlocutor, possibilitaram tornar-me uma pessoa conhecida e respeitada.

Devido a isso, quando voltei a campo para a pesquisa do mestrado – em 2013 – procurei diretamente por A.L. para conversar sobre o meu interesse de pesquisar novamente a Fraternidade Peixotinho desta vez com o foco nos médiuns e nas atividades mediúnicas. Ele prontamente me encaminhou ao responsável por coordenar (L.C.M.) esse setor com a indicação de que eu era uma pessoa bem recomendada. Logo, nenhuma objeção foi feita quanto às minhas observações participantes, contanto que me sentasse em algum local que fosse indicado e não atrapalhasse o transcorrer da reunião – não podia me levantar nem fazer barulho, qualquer dúvida que tivesse só poderia ser esclarecida ao final da sessão. Eu deveria nesta pesquisa me reportar sempre ao L.C.M. e não mais ao A.L. como na anterior.

Em contrapartida, no Hospital Espiritual desde o primeiro contato nunca foi colocado nenhum empecilho para a realização da pesquisa e das observações participantes. O primeiro procedimento foi uma consulta espiritual com a Dra Cristina Santos. Foi marcado um dia e horário no qual deveria comparecer ao hospital espiritual, me encaminharam ao dirigente (N.C.) que passou o seu endereço eletrônico para facilitar futuros contatos e procedeu a conversa com explicações mais gerais sobre o MCM, os objetivos dos hospitais espirituais, a diferença básica entre hospital e centro espírita, médiuns e mediunidades, os *trabalhadores-voluntários* e inclusive um breve relato pessoal sobre a sua chegada ao hospital.

Em seguida subimos para o primeiro andar e ficamos do lado de fora da sala onde o médium fundador incorporaria a Dra Cristina. Assim como em todas as visitas posteriores que fiz ao local recebi um *passé* assim que adentrei o ambiente, me explicaram que esse rito era necessário para todos os indivíduos quando eles entravam (e retornavam) ao recinto como medida purificadora e higienizadora – similar à noção

---

psicografados dentro do movimento espírita – e canções/hinos espíritas, mentalizar figuras importantes para esse movimento – Jesus Cristo, e a Ave Maria – e pensar nos ensinamentos de cada um que constam na literatura católica.” (LEITE, 2011, p. 24).

de desinfecção e assepsia em um hospital convencional. Chamaram a minha atenção quanto às pernas estarem ‘cruzadas’: “atrapalha o fluxo energético do corpo”; não se deve ficar nessa posição em nenhum momento dentro do hospital espiritual, principalmente durante o passe – o mesmo vale para braços cruzados. Chegado o momento um dos *trabalhadores-voluntários* se aproximou de onde estávamos sentados e comunicaram “a doutora já está a postos”.

Aproximei-me de uma escrivanhinha onde o médium já se encontrava sentado e incorporado, me sentei em uma cadeira à sua frente. *Ele-Ela* lia o documento que eu havia deixado previamente no MCM onde constava a solicitação exigida pelos membros do hospital espiritual com a descrição dos objetivos da minha pesquisa e a assinatura da minha orientadora. A sua expressão era tranquila, fazia a leitura com bastante calma e ponderou bastante antes de levantar o olhar e me dirigir à palavra. O tom de voz do médium incorporado era mais lento, baixo e agudo do que a sua voz normal, próximo ao que costumamos classificar como feminino. Seu olhar parecia distante e seus olhos piscavam sem pressa. Aqueles que presenciam essa incorporação pela primeira vez dificilmente percebem as diferenças porque elas são bastante sutis e encaradas pelos *trabalhadores-voluntários* com bastante naturalidade. Foi possível observar que diversos deslizos de linguagem que o médium possui – concordância nominal, verbal – apareciam também nas falas do espírito.

Ao iniciar a conversa logo me informou que para o meu próprio bem-estar eu deveria fazer um tratamento preventivo<sup>132</sup> - com revisões<sup>133</sup> feitas por ela mesma a cada quatro visitas – e tomar passe assim que chegasse à instituição.

Recomendou aos *trabalhadores-voluntários* que se encontravam por perto que fizessem para mim uma ficha de paciente para manter o registro dessas consultas, contudo informei que já possuía ficha de um tratamento feito anteriormente – período em que tive o primeiro contato pessoal com o MCM. Imediatamente um dos *trabalhadores-voluntários* foi até os arquivos procurar este documento. Ao chegar com

---

<sup>132</sup> Os interlocutores ao me considerar como possuidora de “*sensibilidade mediúnica*” atentavam para os riscos que eu correria sem um tratamento de apoio, já que ficaria exposta aos diversos tipos de fluidos provenientes dos pacientes.

<sup>133</sup> Nova consulta com a doutora espiritual para relatar como estava me sentindo e passar por uma reavaliação.

a ficha foi evidenciado que nela constava “*sensibilidade mediúnica*” e a minha desistência antes do recebimento da “alta”.

Esse ponto chamou atenção do dirigente N.C. e da Dra. Cristina, porém como a proposta dessas visitas eram somente a execução da pesquisa a doutora declarou “*ela é equilibrada*”<sup>134</sup> para tal e em nenhum momento me foi cobrado vínculo institucional mais profundo. Apesar de existir certa expectativa a cada revisão, quanto ao que eu estava sentindo, já que não relatei nenhum sintoma que eles costumemente enquadravam como relacionado a sensibilidade mediúnica não treinada – dores de cabeça, problemas do sono, ou qualquer outro que já constava na minha ficha do tratamento anterior.

Não impôs impedimentos quanto à gravação de áudios – palestras, entrevistas, tratamentos observados – nem trabalhadores com os quais não poderia conversar ou a divulgação de seus nomes, sobre isso disse “*médium que aceita fazer parte da pesquisa não deve se esconder*”. Considerou importante conversar com os pacientes para escutar relatos de cura que comprovam a eficácia dos métodos utilizados no MCM, porém expliquei que esse não era o foco da pesquisa.

A orientação do espírito para as minhas visitas foram: apresentar-me a algum trabalhador que iria pegar minha ficha e meu crachá<sup>135</sup>; receber o tratamento; ser encaminhada para falar com o dirigente ou o médium-fundador que me indicariam o local que eu faria a observação participante. Posteriormente, solicitei autorização para iniciar as entrevistas e então eles apontavam com quais trabalhadores eu deveria conversar – preconizaram que eu tivesse a oportunidade de conversar com todos os médiuns receitistas e aqueles com mais anos de vínculo com a instituição, porém, nem sempre isso era possível e em vários momentos pude entrevistar os que estavam disponíveis no ambiente.

Ocorreram inclusive momentos nas observações participantes em que os médiuns *incorporados* – com as doutoras espirituais – me explicavam o passo a passo da atividade que estavam executando, ou o próprio dirigente assumia essa função.

---

<sup>134</sup> Contudo, fizeram questão de me informar que abririam uma pasta e nela seriam arquivados todos os documentos e mensagens eletrônicas trocados entre nós e a minha ficha de atendimento.

<sup>135</sup> Não poderia circular nos ambientes sem uma identificação. No crachá constava o meu nome, sobrenome e o dizer “Pesquisadora” logo abaixo.

Existia, portanto, uma constante preocupação de que as situações observadas estivessem sendo devidamente compreendidas dentro da proposta do MCM.

### 2.2.2 A prece.

Em ambos os locais estudados, todas as sessões são precedidas e encerradas com uma **prece (inicial e final, respectivamente)**. A categoria da prece esteve presente no trabalho anterior gerado pela pesquisa na Fraternidade Espirita Peixotinho, na qual observei que “os espíritas atribuem à prece o elo que possibilita a ligação aos pensamentos e sentimentos mais sublimes, que para eles são os espirituais, e assim torna-se possível a conexão com as figuras mais importantes para essa religião: Deus, Jesus Cristo<sup>136</sup> e os Espíritos “Superiores” (ou “elevados”)” (LEITE, 2011, p. 29).

Reforço o entendimento feito anteriormente da prece espírita como um gesto mínimo descrito por Reesink (2009):

Quando se fala em *mínimo*, pretende-se sobretudo evocar o fato de que a estética da prece, sua performance, exige um mínimo de gestos, em comparação a outros rituais. [...] Nesse sentido, é com relação à economia de gestos na prece, e não em outros aspectos, que se faz referência a um mínimo, ao mesmo tempo em que se considera que, mesmo nesse caso particular, a prece subsiste plena de beleza, complexidade e, principalmente, de sentido. (REESINK, 2009, p. 35).

Estando sentado ou em pé, geralmente quem professa uma **prece espírita** tende a abaixar a cabeça, fechar os olhos – caso os deixe abertos, o rosto do indivíduo assume expressão que mistura concentração e serenidade – e em raros casos gesticula os braços de forma comedida. O tom de voz geralmente é baixo – poucos são os que emitem somente sussurros, porque o conteúdo da **prece** deve ser compreendido – e a fala é caracterizada pela preponderância do ritmo pausado com breves e incomuns momentos de exaltação e animação. Anselmo Paes (2011) ao pensar sobre a questão do corpo no Espiritismo elucida uma boa explicação para essas expressões:

Devemos considerar que o corpo, como espelho do social que é, também no Espiritismo será requisitado como palco da expressão do domínio de si: suas palavras comedidas (se não puder optar pelo silêncio), os gestos mínimos e controlados, o rosto sereno, a evitação cuidadosa de movimentos bruscos, a boa aparência e higiene. Todos

---

<sup>136</sup> Apesar de também ser um espírito superior, Jesus se diferencia pelo fato de ser o mais ligado aos seres humanos e à Terra, já que além de ter vivido entre eles é pessoalmente responsável pelas suas evoluções.

são expressões deste trabalho sobre si que devem refletir o aperfeiçoamento moral. (PAES, 2011, p.209).

Nas sessões mediúnicas as preces são breves, isso ocorre porque o tempo delas deve ser majoritariamente ocupado pelos atendimentos ou desenvolvimento das mediunidades – a depender do seu propósito – e esses momentos possuem um controle maior no horário de início e término por contarem com a participação da equipe espiritual. O conteúdo observado na Fraternidade Peixotinho permanece semelhante àquele etnografado em 2011:

normalmente começam com alguma alusão a Jesus Cristo, seja para enaltecer as suas qualidades (“irmão”, “guia”, “exemplo”, “mestre”), ou para fazer pedidos (benção, força, paz, luz), e são feitos também agradecimentos (pelos ensinamentos, pelas oportunidades na vida, pelo amor e crença nos seres humanos, etc.). Outras figuras também costumam ser citadas nas preces, tendo ênfases similares às dadas em Jesus, mas nunca com tamanha magnitude<sup>137</sup>. Logo, a figura de Deus (“Pai Celestial”) aparece como o responsável por tudo que nos rodeia, merecendo assim diversos agradecimentos. Os Espíritos Superiores também são exaltados e a eles são proferidas palavras de gratidão, e são feitos igualmente pedidos de auxílio e perdão pelos possíveis erros cometidos. (LEITE, 2011, P. 32-33)

As preces no MCM são mais breves e objetivas do que as proferidas na Fraternidade Peixotinho. A inicial é frequentemente a seguinte expressão: “Em nome de Deus, Jesus, Maria Santíssima, damos por iniciados os trabalhos desta sessão. Assim Seja.”. Com poucas modificações, na prece final ocorre basicamente a troca do termo “iniciados” por “encerrados”. A Dra. Cristina possui uma prece inicial bem particular – só ela a proferia – “Que a paz do Divino Mestre nos envolva de hoje, agora e sempre.”.

Além dos conteúdos de preces aqui comentados, no MCM tanto os trabalhadores quanto os pacientes recebem a indicação de ler repetidas vezes durante o dia o Salmo 91<sup>138</sup> e a Prece de Cáritas:

---

<sup>137</sup> No MCM existe uma figura que recebe ênfase no mesmo nível: Nossa Senhora, ou “Maria Santíssima” – como os interlocutores do local preferem chama-la. A devoção mariana tem forte presença entre os membros do hospital espiritual.

<sup>138</sup> “*Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Todo-Poderoso descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio. Porque ele te livra do laço do passarinho, e da peste perniciososa. Ele te cobre com as suas penas, e debaixo das suas asas encontra refúgio; a sua verdade é escudo e broquel. Não temerás os terrores da noite, nem a seta que voe de dia, nem peste que anda na escuridão, nem mortandade que assole ao meio-dia. Mil poderão cair ao teu lado, e dez mil à tua direita; mas tu não serás atingido. Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios. Porquanto fizeste do Senhor o teu refúgio, e do Altíssimo a tua habitação,*

“Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai a força àquele que passa pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade!/Deus, Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso./Pai, Dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, e ao órfão o pai!/Senhor, que a Vossa Bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aquele que vos não conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa Bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte, a paz, a esperança, a fé./Deus! Um raio, uma faísca do Vosso Amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão./E um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor./Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh Poder!, oh Bondade!, oh Beleza!, oh Perfeição!, e queremos de alguma sorte merecer a Vossa Divina Misericórdia./Deus, dai-nos a força para ajudar o progresso, afim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Divina e Santa Imagem./Assim Seja.”

Depois da prece, pede-se também proteção, esclarecimento, tranquilidade para que as sessões mediúnicas transcorram bem sem prejudicar os médiuns e que nelas os espíritos possam encontrar a ajuda que almejam. Enquadra-se, portanto, como um ato de caridade o qual percebido como demonstração de generosidade e preocupação com o próximo. Gera naquele que a profere uma sensação de estar praticando o bem, e existe a crença no contexto espírita de que a prece suscita boas vibrações para quem ela foi dirigida. Além disso, quando feita de forma sincera e sem a espera do retorno é significada como um sinal de evolução espiritual. Esse ato representa no contexto observado tanto um canal de comunicação (REESINK, 2009) quanto de purificação.

A **prece** encontra-se juntamente com o estudo dos livros da codificação entre as práticas mais incentivadas para aqueles que buscam desenvolver a sua mediunidade e manter uma relação saudável e serena com ela. A recomendação dita que não existe hora e local específicos para realizar ambas as ações, principalmente a prece para a qual basta “elevar o pensamento para o Alto/Maria Santíssima/Jesus”

---

nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te susterrão nas suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra. Pisarás o leão e a áspide; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente. Pois que tanto me amou, eu o livrarei; pô-lo-ei num alto retiro, porque ele conhece o meu nome. Quando ele me invocar, eu lhe responderei; estarei com ele na angústia, livrá-lo-ei, e o honrarei. Com longura de dias fartá-lo-ei, e lhe mostrarei a minha salvação.” (copiado do folheto entregue aos pacientes no HESMCM.)

### 2.2.3 Reuniões da Fraternidade Peixotinho.

Na Fraternidade as reuniões exclusivas para trabalhadores da casa que tive acesso foram as da segunda-feira: a **educação mediúnica**, a **reunião mediúnica** (tratamento desobsessivo) e as **reuniões de estudos** que antecediam cada uma.

Apesar dessas **reuniões de estudos** acontecerem uma hora antes de cada sessão mediúnica, poucos são os trabalhadores que se envolvem nesse tipo de atividade<sup>139</sup> que participavam de ambas<sup>140</sup>, o que gerava a formação de duas equipes distintas<sup>141</sup>. Mesmo com essa singela diferenciação, o conteúdo das sessões de estudo era o mesmo: leitura comentada e debatida de trechos do *Livro dos Médiuns* e da biografia do Peixotinho<sup>142</sup>. O desenrolar delas também era bastante similar, ambas se iniciavam com uma **prece inicial** seguida das leituras – feitas em rodízio, em uma sessão várias pessoas liam trechos diferentes e era permitida a interrupção para fazer comentários, citar exemplos e contar relatos pessoais – realizadas até chegar o horário da atividade seguinte – **educação mediúnica** ou **reunião de desobsessão**.

A sala (01) onde as reuniões de estudos ocorrem é pequena, toda fechada possuindo três portas – uma (1) na qual existe uma escada em espiral de acesso à entrada<sup>143</sup> do centro espírita, outra (2) que faz ligação com a tribuna, e a última (3) leva a um ambiente pequeno<sup>144</sup> onde se encontra uma escada em espiral de acesso ao segundo andar onde se encontra a sala na qual acontecem as **sessões mediúnicas (educação e desobsessão)**, como ilustra a imagem abaixo. Possui paredes brancas

---

<sup>139</sup> No centro espírita convencional nem todo trabalhador é médium ou doutrinador. Muitos não possuem aptidões mediúnicas ostensivas, sendo somente adeptos da doutrina espírita que optam por serem voluntários e se engajam nas diversas atividades de assistência oferecidas – comentadas no primeiro capítulo – no local de acordo com a sua preferência e aptidão.

<sup>140</sup> Aqueles médiuns e doutrinadores que ainda não eram considerados como devidamente desenvolvidos não tinham autorização para participar das reuniões de desobsessão.

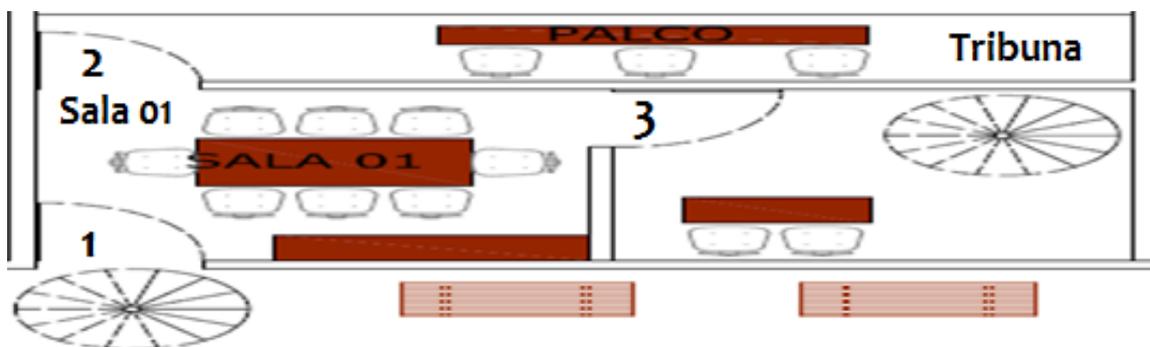
<sup>141</sup> Salvo pelo coordenador dessas atividades, o L.C.M., que estava presente sempre em ambas as sessões.

<sup>142</sup> “Materialização do Amor” (2003).

<sup>143</sup> Os trabalhadores costumam optar por entrar, e principalmente sair, por essa via para não chamar atenção no salão principal e tirar a atenção do palestrante e da plateia. A passagem desse ambiente para outro onde acontecem as sessões mediúnicas é dada por um curto e fechado corredor.

<sup>144</sup> Onde realizei boa parte das entrevistas porque elas ocorreram ao mesmo tempo em que os estudos estavam em curso no recinto ao lado.

sendo os demais detalhes – porta, mesa, janela – em azul escuro, o ambiente é iluminado por luz artificial branca.



(Figura 9 – Recorte do primeiro andar da Fraternidade Peixotinho.)

A **educação mediúnica** e a **reunião de desobsessão** não diferem nas etapas básicas. Ambas se iniciam com posicionamento dos participantes por sugestão dos coordenadores da sessão, o ideal é um doutrinador para cada médium, por vezes um doutrinador fica responsável por *trabalhar* com dois médiuns ao mesmo tempo. Cada médium se senta em uma cadeira e o doutrinador se posiciona no assento mais próximo ao dele, mas com uma pequena distância que pode ou não ser diminuída a critério da interação criada entre ambos no momento das incorporações.

Em todas as sessões é feita a leitura dos nomes a quem a reunião se intenciona, tratam-se de nomes indicados pelos trabalhadores de conhecidos ou parentes a quem pretendem ajudar ou de pessoas – podem ser encarnadas ou desencarnadas – que estão passando pelo atendimento fraterno; e em seguida a leitura de um trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo que é aberto em uma página aleatória. Após esses momentos a luz branca é apagada da luz branca e é acesa uma fraca luz azulada que deixa o ambiente na penumbra. Uma pessoa é convidada, aleatoriamente, pelo coordenador L.C.M. para proferir a prece inicial.

O fechar dos olhos dos médiuns, a mudança para uma respiração mais profunda e seu posicionamento com a coluna ereta indicam o início das incorporações. A cada momento em que uma delas ocorre o médium respira profundamente, aguarda alguns segundos – período no qual o doutrinador percebe a ocorrência da incorporação e se aproxima do incorporado – e logo após o espírito incorporado começa a se comunicar e ocorrem as conversas doutrinárias. Apesar de em algumas sessões existir a relação dois

médiuns para um doutrinador não observei em nenhuma delas a ocorrência desses dois médiuns incorporarem ao mesmo tempo, sempre ocorria uma alternância e enquanto um estava incorporado se comunicando e dialogando com o doutrinador o outro permanecia em silêncio com os olhos fechados.

Nas incorporações diversas reações foram presenciadas: algumas eram calmas, tranquilas, com gestos comedidos, tom de voz baixo e pausado; outras eram agitadas, com gestos exaltados, tom de voz elevado, grunhidos, ranger dos dentes, respiração forte e ofegante. Os doutrinadores usam sempre o tom de voz baixo, calmo porque estão sempre procurando tranquilizar o espírito e tentam entender o que está se passando com eles – é a partir daquilo que os espíritos falam que o doutrinador vai construindo o diálogo e incluindo elementos doutrinários e religiosos nas suas afirmações - porém eles são firmes, gesticulam pouco e evitam tocar no médium enquanto ele estiver incorporado. Devido ao seu tom de voz baixo e à recomendação de que eu mantivesse um pouco de distância dos *trabalhadores-voluntários* nesses momentos, não foi possível distinguir com clareza trechos das falas ou diálogos completos.

Aos poucos os médiuns cessam as manifestações por intermédio de uma respiração profunda seguida da abertura lenta e gradual dos seus olhos. Geralmente os doutrinadores perguntam aos médiuns com quem trabalharam nas sessões se eles estão se sentindo bem, em casos de médiuns experientes foi possível notar uma leve feição de atordoamento como se eles demorassem alguns segundos para se recordarem de onde estão.

Quando todos os indivíduos retornam à normalidade, é feita a prece final. Os coordenadores da sessão perguntam, então, se todos estão se sentindo bem e abre-se espaço para comentários e relatos acerca de fatos que acabaram de ocorrer e são considerados relevantes para todo o grupo – por exemplo: momentos de sintonia e cumplicidade entre o médium e o doutrinador nos quais a interação entre ambos é compreendida como tendo ocorrido com bastante congruência de opiniões e ideias. Ainda com a luz apagada, os participantes vão pouco a pouco (e em silêncio) deixando o ambiente e se dispersando.

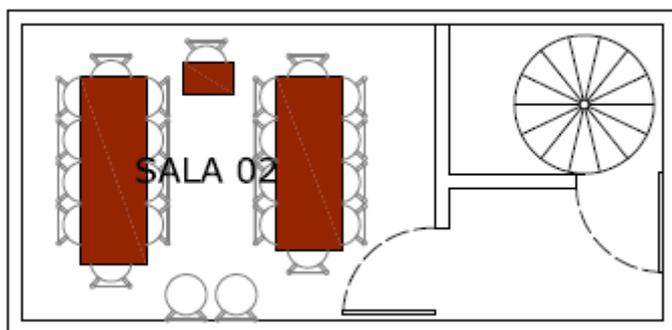
Em uma reunião diversas mediunidades são desenvolvidas e colocadas em prática – psicografia, psicofonia, incorporação, etc. – ao mesmo tempo, ao contrário do que observei no hospital espiritual. Presenciei também a aplicação de passes, sempre

por parte dos doutrinadores nos médiuns, que se levantavam e posicionavam de frente para as costas das cadeiras onde os médiuns estavam sentados. Ocorriam sem momento prescrito sendo executados a partir de uma decisão pessoal dos doutrinadores que julgavam ser ou não necessário, mas que normalmente estavam interligadas a incorporações mais exaustivas nas quais os espíritos relatavam estar sofrendo bastante – tanto emocional quanto fisicamente – e conseqüentemente o médium passava por um breve momento de instabilidade. A possibilidade de existirem rompantes de descontrole - por exemplo, um espírito se recusar a sair do corpo do médium - não deve ser completamente descartada, contudo, tudo é arquitetado para que esses momentos ocorram com raridade.

Apesar de ocorrerem em momentos e com equipes diferentes, o conteúdo das sessões é basicamente o mesmo: orientar espíritos desencarnados. Porém, no primeiro tipo de ritual, a **educação mediúnica**, os médiuns apresentam uma gestualidade do corpo e das emoções que apresentam rompantes de agitação e elevação no tom de voz. Já as **reuniões de desobsessão**, eram compostas por médiuns que demonstravam maior controle e contenção nas suas incorporações, algo já esperado tendo em vista que esse momento é considerado a etapa mais elevada na trajetória dos médiuns que trabalham na Fraternidade Peixotinho. Considerando o corpo como um espelho social, Anselmo Paes (2011) aponta que no Espiritismo ele

será requisitado como palco da expressão do domínio de si: suas palavras comedidas (se não puder optar pelo silêncio), os gestos mínimos e controlados, o rosto sereno, a evitação cuidadosa de movimentos bruscos, a boa aparência e higiene. Todos são expressões deste trabalho sobre si que devem refletir o aperfeiçoamento moral. (PAES, 2011, P. 209).

A sala (02) onde estes dois rituais ocorrem também é a mesma. Está localizada no segundo andar da instituição, e o único meio para adentrá-la é passando pela sala onde ocorrem as sessões de estudos que antecedem as mediúnicas. Compõe-se por duas mesas longas rodeada de cadeiras de vime, no meio existe uma escrivaninha onde todos colocam os seus pertences – livros, óculos, anéis, pulseiras, relógios, bolsas. Encostadas em uma das paredes ficam cadeiras extras de onde observei boa parte dessas sessões. Numa das paredes existe um relógio, cuja visibilidade é extremamente reduzida quando o ambiente encontra-se na penumbra durante a sessão, mas mesmo assim os coordenadores conseguem precisar quando se aproxima a hora de terminar a reunião.



(Figura 10 – Recorte do segundo andar da Fraternidade Peixotinho.)

O sigilo acerca dos fatos ocorridos nessas sessões é algo extremamente importante. Não se deve comentar nada com pessoas “de fora”, desde os próprios colegas do centro espírita até os familiares e amigos mais próximos. A justificativa dada é a importância da preservação da intimidade dos espíritos desencarnados e dos médiuns, uma conotação de segredo que não deve ser violada. Por isso, os meus interlocutores confiaram no meu discernimento e aceitação dessa prerrogativa para que não ocorresse a exposição desses relatos particulares. O mesmo se aplica ao MCM no qual não se deve comentar acerca das situações dos pacientes e seus tratamentos.

#### **2.2.4 Sessões do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins.**

No MCM fui autorizada a observar diversas atividades praticadas pelos médiuns. Coloco aqui uma importante distinção: grande parte dos trabalhadores do MCM possuem alguma sensibilidade mediúnica, de acordo com o dirigente o número fica entre 80 e 90% dos voluntários. Esse fenômeno ocorre porque a maioria deles inicia o seu contato com o local como pacientes, passam pelo tratamento que para os médiuns inclui – além das palestras e passes específicos – o curso de medicina espiritual ao final do qual todos são convidados a exercerem sua mediunidade dentro do próprio hospital para manterem o seu bem-estar e não adoecerem novamente<sup>145</sup>. Os médiuns se dividem basicamente em dois grupos: os receitistas – que incorporam os doutores espirituais<sup>146</sup> – e os de apoio – que incorporam entidades diversas e aplicam os tratamentos.

<sup>145</sup> Muitas doenças e queixas são diagnosticadas como sensibilidade mediúnica ou fluídos mediúnicos retidos no corpo que precisam ser doados a outras pessoas.

<sup>146</sup> São os doutores espirituais que concedem os diagnósticos, prescrevem os tratamentos, realizam as cirurgias espirituais e atendem nos horários de emergências.

Observei as seguintes sessões: **desenvolvimento mediúnico da psicografia, cirurgias espirituais, curso de medicina espiritual** (parte teórica), e **tratamentos**. O procedimento inicial é o mesmo para todas: à medida que os médiuns vão chegando ao local um pouco antes do horário em que as sessões começam, procuram um lugar para sentar mantendo o silêncio e pegam a cópia do Evangelho Segundo o Espiritismo mais próxima da sua cadeira para dar início ao seu preparo pessoal. Quando é chegada a hora do início uma das pessoas se levanta com um Evangelho na mão, faz a leitura de um trecho e um breve comentário – os trabalhadores dão a esse ritual o nome de “Exórdio”. Em seguida alguém dentre os presentes é convidado a proferir a prece inicial.

O **curso de medicina espiritual** é composto por uma parte teórica que dura mais ou menos um ano na qual os futuros trabalhadores adquirem uma apostila e em cada aula um item é lido, explicado, comentado e após a explanação abre-se espaço para a plateia fazer perguntas e tirar dúvidas.

Os áudios são gravados, e os médiuns que fazem o curso são incentivados a levarem CDs ou pen-drives para que a equipe os salve e eles possam escutar as aulas novamente em casa ou no carro durante a semana como uma espécie de revisão dos conteúdos vistos. Todos devem tomar *passse*<sup>147</sup> antes do início dessa atividade. Aqueles que por recomendações dos médicos espirituais encontram-se em tratamento sobem para uma sala no primeiro andar com as suas fichas médicas para receber o procedimento específico. Os demais recebem um *passse* padronizado numa parte reservada no salão principal – onde acontecem as aulas do próprio curso.

Na parte teórica, que ocorre no salão, são ensinadas todas as orientações e termologias básicas para a realização dos procedimentos indicados pelos médicos espirituais durante os tratamentos: os tipos de *passse*; de mecanismos de defesa contra energias negativas provenientes de espíritos inferiores – mentalização; sintomas e sinais de alguns quadros de doenças espirituais; conceitos da física – força de repulsão, atração, correntes centrífuga e centrípeta, magnetismo; memória perispiritual; contaminações; hipnotismo; terapias – hidro, fluido e eletro; cirurgias espirituais<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> No MCM os trabalhadores tomam *passse* antes de qualquer atividade a ser realizada. Caso saiam do ambiente onde estavam e retornem, precisam passar pelo *passse* novamente. É considerado um procedimento de higienização.

<sup>148</sup> Tópicos que constam na apostila do curso cedida pelo dirigente N.C..

Os **tratamentos** são compostos por dois momentos: no primeiro os pacientes assistem às palestras públicas, em seguida permanecem sentados (no salão principal) ou se encaminham para o local mais perto (corredor do térreo) da sala (01) onde são chamados em grupos de cinco a sete<sup>149</sup> para receber as suas medicações e serem posteriormente liberados. Os seus nomes são anunciados, eles recebem as suas fichas de tratamento e são direcionados a se sentarem em cadeiras plásticas ‘sem braço’. Para cada paciente existe um médium que irá aplicar os passes e demais técnicas específicas a partir do que constam no receituário. Diferentemente do outro centro espírita pesquisado, no MCM existe – por exemplo – a técnica de absorção com algodão: nela o médium estende um pedaço de algodão na área em que o paciente fez queixas de algum incomodo e mantém o braço esticado próximo ao local (sem encostar) durante alguns segundos.

Em geral os médiuns recém-iniciados apresentam dúvidas na leitura dessas receitas, por isso existe sempre um médium mais experiente por perto servindo de apoio para esclarecer e orientá-los.

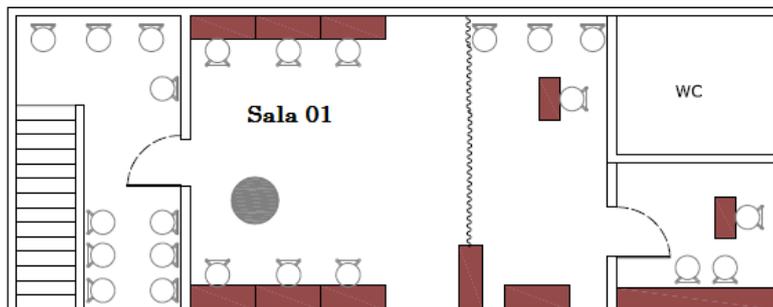
As medicações são prescritas pelos médicos espirituais e podem conter procedimentos variados: 1) a aplicação de passes diversos com a presença de algodão nas mãos dos médiuns, entendido como um agente que facilita na absorção dos fluidos negativos; 2) o uso de eletrodos – são pilhas descarregadas, tanto as palito como as achatadas. As achatadas são mais usadas na nuca e no peitoral como atração ou repulsão<sup>150</sup> de fluidos porque esses pontos são considerados como locais onde o fluxo de energias é maior. Já as pilhas em formato de palito são utilizadas exclusivamente nas mãos – necessariamente nas duas ao mesmo tempo – para manutenção do equilíbrio energético; 3) a aplicação de ectoplasma por meio de seringas – que aparentam estar vazias, a não ser pela presença de um pedaço de algodão; 4) a aplicação de eletrolaser e de radio terapia – o primeiro é feito com uma lanterna pequena e o segundo com uma seringa “vazia” com apenas um *eletrodo* achatado; 5) o consumo de água fluidificada – o paciente leva uma garrafa plástica transparente com 1 litro de água que é fluidificada

---

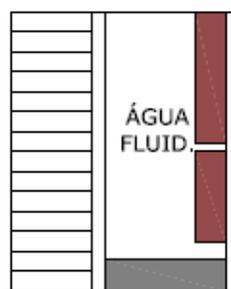
<sup>149</sup> Número varia de acordo com a quantidade de médiuns disponíveis para aplicar o tratamento. A relação é um médium para cada paciente.

<sup>150</sup> Para cada finalidade um dos lados da pilha fica virado para a pele.

em uma área específica do hospital (ao lado da escada de acesso ao primeiro andar) devendo ser entregue antes da palestra e coletada após o atendimento.



(Figura 11 – Recorte do primeiro andar do Hospital Maria Claudia Martins.)



(Figura 12 – Recorte do térreo do Hospital Maria Claudia Martins.)

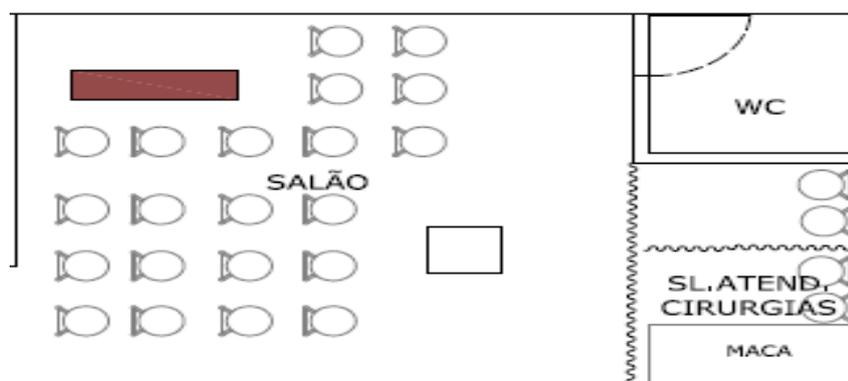
A ordem dos atendimentos é determinada pelo médico responsável pelo tratamento – ouvi frequentemente a justificativa “Os doutores sabem da prioridade e urgência de cada um.” – e possuem o costume de ficar de plantão no local caso algum paciente ou médium queira tirar dúvidas. Em um mesmo horário acontecem atendimentos de três equipes diferentes, das Doutoras Cristina Santos e Patricia Bacelar e do Doutor Oscar Smith. Os da Dra. Cristina são normalmente realizados no salão principal

As **cirurgias espirituais** são majoritariamente realizadas pela Dra. Cristina Santos, que em raras ocasiões é substituída pela Dra. Patricia Bacelar. Ocorrem após todos os outros tratamentos, e para elas os pacientes são chamados individualmente e o local no corpo onde a cirurgia será realizada determina se serão convidados a sentarem em uma cadeira de plástico – cirurgias em áreas da cabeça tais como nariz, olhos, pescoço – ou a deitar em uma maca forrada com lençóis verdes – procedimentos realizados do pescoço para baixo. Os procedimentos das cirurgias não ultrapassam os cinco minutos nos quais as doutoras espirituais utilizam somente uma lanterna pequena

e chumaços de algodão. A lanterna funciona como um bisturi, nos procedimentos que observei tanto a Dra. Cristina quanto a Dra. Patrícia usarem primeiro para fazer ‘incisões’ no perísprito<sup>151</sup> do paciente. Em seguida solicitavam aos ajudantes – sempre estava presente uma média de 5 a 6 médiuns que se revezavam entre entregar os utensílios para as doutoras espirituais e fazer a limpeza ou o descarte daqueles que já haviam sido utilizados – pedaços de algodão para fazer alguma limpeza e as seringas – citadas anteriormente – para aplicar e/ou retirar alguma substância.

Os médiuns que possuem vidência ao observarem os procedimentos relatam enxergar a manipulação do perísprito do paciente, assim como os cortes das incisões, a eventual saída de algum fluido ou a retirada de objetos estranhos, além da aplicação das substâncias. Contudo, para aqueles que não possuem a faculdade mediúnica que permite enxergar o mundo espiritual, a impressão é de não estar acontecendo nada com o corpo do paciente.

A depender da região do corpo onde o procedimento tiver sido realizado o paciente sai do local em uma cadeira de rodas sendo levado até umas cadeiras plásticas que ficam posicionadas logo ao lado, no salão principal, onde devem permanecer e aguardar a liberação da médica – esse tempo é entendido como necessário para passar o efeito da “anestesia”. O paciente recebe recomendações de repouso – não fazer esforço, não pegar peso, só dirigir depois de X dias – e aviso de restrições – não fumar, não beber, alimentos que não podem ser consumidos – a serem obedecidas, e deve retornar no domingo seguinte para fazer uma revisão da operação.



(Figura 13 - Recorte do primeiro andar do Hospital Maria Claudia Martins.)

<sup>151</sup> É uma substância semimaterial, composta por *ectoplasma* que liga o espírito ao corpo físico. É nele que ficam arquivadas todas as informações provenientes das diversas vivências encarnadas do espírito, assim como a sua personalidade. (LEITE, 2011, P. 60).

Com relação à forma como os médiuns executam os procedimentos de cura e utilizam os instrumentos rituais pode-se fazer uma aproximação ao trabalho de Evans-Pritchard entre os Azandes, no qual também foram observadas técnicas nas quais o antropólogo procurou fazer o esforço de perceber quais eram as lógicas internas de diversos mecanismos suscitados nas sessões. Portanto, apesar de visualmente verificar que as seringas estavam sempre ‘vazias’ e os algodões ‘limpos’, busquei compreender a coerência interna do grupo nas explicações acerca de contaminação.

A reunião de **psicografia** se divide em dois momentos, são constituídas tanto por médiuns em desenvolvimento quanto por médiuns de apoio<sup>152</sup>, e contam com a presença de um médico espiritual – geralmente trata-se da Dra. Cristina Santos. A responsabilidade de decidir a quais pacientes desencarnados<sup>153</sup> será dada a oportunidade de enviar uma mensagem aos seus parentes através dos médiuns é uma decisão feita exclusivamente pelos doutores espirituais. Fatores como tempo e causa do óbito, além do período no qual encontra-se em tratamento no hospital espiritual são levantados como motivos para a escolha de alguns em detrimento de outros.

Na primeira parte da sessão os médiuns realizam a escrita das mensagens dos pacientes desencarnados do MCM, posteriormente, são psicografados textos de espíritos que são considerados como voluntários do mundo espiritual cuja contribuição visa somente o aprimoramento da técnica psicográfica. Nessa atividade mediúnica praticamente todos os médiuns se posicionam com a cabeça abaixada e apoiada em um dos braços – que se encontra com o cotovelo na mesa, num estilo bem parecido com o do médium mineiro Chico Xavier – passando também a maior parte do tempo com os olhos fechados.

É preciso comentar acerca da eficácia dessas práticas, questão bastante pertinente e que gera muita curiosidade entre os não-adeptos. Claude Lévi-Strauss possui um texto clássico sobre esse tópico, “O feiticeiro e sua magia”, no qual defende a ideia de que não se deve achar duvidosa a eficiência de certas práticas ‘mágicas’; mas atentar que

---

<sup>152</sup> Concedem assistência ao médiuns psicográficos através da aplicação de passes.

<sup>153</sup> Esses tratamentos ocorrem a pedido de parentes encarnados, principalmente quando a morte dos entes queridos ocorre devido a grandes traumas e doenças graves, que levam o atestado de óbito e atendem às palestras e recebem passes em nome dos desencarnados.

“a eficácia da magia implica a crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; depois, a do doente de que ele trata ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e, por fim, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.” (LÉVI-STRAUSS, 2008, P. 182).

Esses três elementos são essenciais para o entendimento da lógica existente nas práticas mediúnicas, e são importantes para a análise das trajetórias individuais dos médiuns que serão trabalhadas no próximo capítulo.

### **2.3 O papel dos médiuns: centro espírita e sociedade.**

Como debatido nesse capítulo, os médiuns são figuras centrais no movimento espírita. Qualquer tratamento espiritual requer a presença de um médium – ou um grupo de médiuns – devidamente informados e treinados para lidar com os diversos casos possíveis (LEITE, 2011). Portanto a existência de um centro espírita sem médiuns ostensivos é algo considerado como praticamente impossível.

Sendo assim, os *trabalhadores-voluntários* expuseram as seguintes opiniões acerca de qual é o papel e as funções do médium em um centro espírita:

“O papel do médium dentro do centro é trabalho, oração, orar um pelo outro... ajudar um ao outro. é a oração, é a vigilância, é a indulgência. é ser indulgente com ele mesmo.” (M.F., 53 anos, médium ostensiva, *trabalhadora-voluntária* do MCM.)

“O papel do médium no centro espírita, eu acho que é vivenciar o amor que Jesus pregou através das atitudes em relação ao que já veio para Terra. Vivenciar esse amor que Jesus falou e um leque de coisas que a gente sabe que todas as pessoas que chegam no centro espírita, chegam através da dor.” (Z., 68 anos, médium de incorporação, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho).

“Ele tá ali para ajudar aquele irmão que vem e procura. Então, o médium é o instrumento de ajuda porque muitas pessoas chegam aqui e não sabem nem o que é isso, tá com um irmão no canto, tá doente e não sabe. Através de um médium que chega, que se aproxima e vai ser tratado. Então, o médium é um instrumento para ajudar quem precisa.”(M.S., 53 anos, médium ostensiva, *trabalhadora-voluntária* do MCM).

“O papel do médium dentro do centro espírita é ajudar. é fazer caridade sem cobrar nada a ninguém.” (A.J., 43 anos, médium ostensivo, *trabalhador-voluntário* do MCM).

Com relação às atribuições dos médiuns na sociedade, sendo o papel social aquele que vários consideram como o mais importante:

“O médium é o exemplo. É um exemplo de disciplina, de amor, de organização e a gente dando um exemplo, tanto em casa, no trabalho e em qualquer lugar então, há inspiração para os outros irmãos, encarnados e desencarnados, verem e querer seguir. Como alguns desencarnados e encarnados que a gente convive, a nossa família, por exemplo, e os irmãos quando passam pelos campos magnéticos eles captam tudo aquilo e insere e vai.” (G., 36 anos, médium de incorporação e passista, *trabalhadora-voluntária* do MCM).

“Eu acho que o médium, o maior trabalho do médium é justamente na sociedade, não na casa espírita. Na casa espírita se você for perceber, uma vez por semana você trabalha em uma hora é muito pouco diante de tanta capacidade que você tem durante a sua vida inteira. então, eu acho que muitas vezes com uma palavra, um médium está ajudando, com um comportamento, um médium que não muda o seu comportamento é um perigo para a sociedade. Eu acho também que ele beneficie inclusive até no seu próprio trabalho... a pessoa que tem a mediunidade ela pode também contribuir muito na vida social, em casa também. Eu acho que é onde a gente mais trabalha, fora da casa espírita. essa responsabilidade.” (S.V., 42 anos; palestrante, passista e doutrinadora, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho).

“Eu acho que é passar, eu acho que não é nem provar que o Espiritismo existe, mas trazer o que há de bom, que tem do outro lado para cá para Terra. Porque a gente quando nascemos não sabemos realmente o que somos, para onde vamos, o que vamos ser, mas temos a certeza de que viemos de algum lugar e que vamos para algum lugar. Porque vamos morrer. Então, acho que o papel do médium dentro de uma sociedade não é provar, mas sim demonstrar que há um outro mundo além desse.” (V., 19 anos, médium de incorporação, *trabalhadora-voluntária* do MCM).

Os trechos acima reforçam as categorias de testemunho e exemplaridade (DULLO, 2010) abordadas neste capítulo colocando de maneira definitiva que os espíritas kardecistas percebem os médiuns como figuras centrais da sua cosmologia.

“E: Seria possível existir um centro espírita sem médium?”

S.V.: Seria, mas é exatamente uma forma de você esconder talentos.. e não aquele talento que vai aparecer para o público, o talento que eu digo é aquele talento de Jesus. Que ele fala que todos nós temos os nossos talentos. você esconder o tesouro, é o cúmulo do egoísmo. você numa casa espírita que não atende esses espíritos sofredores, uma casa espírita que não utiliza dos médiuns para doar energia do passe, os fluidos de amor... realmente para mim é completamente fora

do proposito.” (S.V., 42 anos; palestrante, passista e doutrinadora, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho).

Procurei, nesse capítulo, tecer questionamentos relacionados às categorias de médiuns e mediunidade, através deles levantei a importância das noções de controle do corpo e das emoções, exemplaridade, pureza, perfeição, da tríade espírita – caridade, prece e estudo – no entendimento desses elementos importantes e fundadores na doutrina espírita. Tudo isso foi feito em torno das descrições dos diversos procedimentos das práticas mediúnicas observadas, a partir das quais elaborei a sistematização do processo de iniciação dos médiuns nos dois contextos estudados – Fraternidade Peixotinho e Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins.

No próximo capítulo ampliarei as questões aqui levantadas a partir de um maior detalhamento das especificidades observadas nos locais pesquisados. Utilizarei como fundamento as trajetórias individuais coletadas por meio de entrevistas com *trabalhadores-voluntários*.

## **CAPÍTULO III**

### **OS CAMINHOS DA MEDIUNIDADE: MÉDIUNS E SUAS TRAJETÓRIAS**

Neste capítulo aprofundarei a discussão acerca da categoria de médium, feita no capítulo anterior, previamente a partir das entrevistas realizadas nas duas instituições pesquisadas. Coletei trajetórias e opiniões de diversos indivíduos que são *trabalhadores-voluntários* nas atividades mediúnicas descritas no capítulo anterior nos respectivos locais. Dentro das discussões a serem levantadas, pretendo analisar a categoria de médium apontando as questões envolvidas na sua vocação e a importância do tripé espírita – caridade, estudo e mediunidade – na vivência dessa figura religiosa. No debate levanto notas sobre como a noção de pessoa, de corpo e a questão das emoções ajudam a entender toda essa discussão.

Como já comentei no capítulo anterior, as entrevistas coletadas para este trabalho foram todas realizadas com pessoas indicadas pelos responsáveis dos departamentos de atividades mediúnicas de cada local pesquisado. Mesmo diante desse fato, foi possível agrupar um contingente de informações bastante diverso com peculiaridades interessantes e relevantes.

#### **3.1 Os encarnados e os desencarnados.**

O Espiritismo distingue em duas formas básicas a maneira como os espíritos podem ser encontrados: encarnado (Mundo Visível) ou desencarnado (Mundo Invisível). A primeira representa aqueles que possuem um corpo e estão vivenciando uma experiência terrena. Já a segunda se refere aos que passaram pelo processo de desencarnação – morte do corpo – e retornam ao mundo espiritual.

Dentro da discussão do tema deste trabalho aponto à relevância dos trabalhadores-voluntários de ambas as instituições pesquisadas – os encarnados – e dos doutores e falanges espirituais do MCM – os desencarnados.

##### **3.1.1 Os *Trabalhadores-voluntários*.**

Dentre os *trabalhadores-voluntários* entrevistados as mulheres representam o grupo maior de indivíduos (65%), principalmente entre as que foram realizadas no MCM (70%) – local onde, como já comentei anteriormente, é notória uma presença maior delas em comparação aos homens. Os indivíduos casados também foram maioria (60%),

seguidos pelos separados (20%), viúvos (12%) e somente 8% se declarou como solteiro. A faixa etária dos trabalhadores do Peixotinho é mais elevada e menos abrangente do que os do HESMCM; na primeira gira em torno dos 40 anos até um pouco além dos 70 anos, enquanto no segundo a médium mais nova entrevistada possuía 19 anos e o mais velho estava com 74 anos.

Poucas pessoas dentre os entrevistados declararam não ter filhos (12%), e aqueles que os tinham variavam de um a quatro crianças em ambos os contextos. A questão da adoção apareceu de forma pontual, somente um afirmou ter acolhido duas meninas que eram filhas de uma sobrinha da sua esposa. Dentre todos só um indivíduo fez questão de enfatizar que tem netos e qual a sua quantidade. Ponto bastante mencionando: presença de filhos médiuns; praticamente todos (80%) os indivíduos com quem conversei apontavam a presença da mediunidade na sua família que ia para além deles mesmos. Este fato os coloca em proximidade com a análise da crença dos Azande feita por Evans-Pritchard (2005) na qual a bruxaria é um fenômeno orgânico e hereditário, já que existe entre os adeptos do movimento espírita a crença de que o número de médiuns tende a aumentar na nossa sociedade a partir do aparecimento de cada vez mais indivíduos com essa aptidão nos núcleos familiares – principalmente naqueles em que se faz presente o conhecimento e contato com a doutrina espírita.

Apesar da heterogeneidade nas atividades profissionais entre as posições ocupadas pelos membros do Peixotinho estavam: empresários, gerentes, chef de cozinha, militares, advogados, médicos, pensionistas; já nas do MCM encontravam-se donas de casa, profissionais autônomos, assistentes, profissionais técnicos, funcionários públicos. Em ambos os locais existem aposentados e professores, porém a distinção dos bairros onde residem levam a entender que mesmo todos sendo economicamente enquadrados na ‘classe média’ os patamares são diferenciados. A Fraternidade Peixotinho por estar localizada em um bairro com custo de vida mais elevado que aquele do MCM tende a atrair pessoas que residem majoritariamente no seu entorno, ao passo que o espectro abrangido pelo hospital espiritual se estende a vários outros bairros da RMR<sup>154</sup>, não só aquele no qual se localiza, levando a uma maior heterogeneidade.

---

<sup>154</sup> Região Metropolitana de Recife.

De ambos os locais aqueles que detinham alguma formação universitária e pós-graduação eram os que entendiam de maneira mais direta os motivos da pesquisa estar sendo feita e as etapas que a envolviam.

Em termos de religião da família ou a que seguiam antes de se converter ao Kardecismo, a Católica se apresentou com maior frequência. Em seguida estavam aqueles que já provinham de um ambiente domiciliar afiliado ao Espiritismo. Somente dois indivíduos declaram terem sido evangélicos, e uma pessoa comentou já ter participado de um centro de Umbanda.

### **3.1.1.2 A vocação dos médiuns stricto sensu.**

Meu propósito nesse momento é refletir de forma mais próxima sobre as trajetórias de alguns *trabalhadores-voluntários*, para melhor compreender a descoberta daquilo que enquadrado como “vocações”. Os pontos a serem analisados neste tópico são provenientes de trechos das entrevistas de alguns *trabalhadores-voluntários* onde eles tecem relatos sobre os seus primeiros contatos com os locais pesquisados e os interpretarei como processos vocacionais.

Foi mencionado de forma sucinta e geral as maneiras pelas quais os indivíduos tomam conhecimento acerca da existência de alguns centros espíritas e hospitais espirituais e são levados ou se encaminham a essas instituições: indicação de pessoas conhecidas – familiares, amigos, colegas de trabalho; curiosidade, busca por tratamento ou conforto espiritual diante de uma perda ou problema pessoal, etc.; fatores que reforçam a importância das relações interpessoais na procura por esses locais de culto.

- “V: Conheci, eu tinha onze anos. Foi quando a minha mediunidade começou a desabrochar. Foi bem no começo da minha adolescência.

E.: Mas tu veio porque tava passando por algum problema?

V.: Tava passando por vários problemas que foram confundidos com problemas materiais. Minha mãe me levou para vários médicos e nenhum diagnosticava o que era. Então, como minha tia já frequentava, ela me indicou.” (V., 19 anos, solteira e sem filhos, estudante; médium de incorporação, *trabalhadora-voluntária* do MCM)

- “A participação da gente se deu desde o evangelho no lar que é uma prática da casa dos meus pais que há 54 anos fazem isso. Todo domingo às 19h. então, a gente iniciou nosso conhecimento espírita

dentro de nossa casa mesmo e quando o Peixotinho foi fundado era natural que a gente migrasse além da reunião dos domingos, que a gente frequentasse o grupo. Eu era adolescente, mas para mim era tão natural que não era o esforço que eu às vezes tenho para trazer meus filhos, eu não tinha na minha casa. Porque era muito natural. Apesar dos meus filhos já terem nascido com o Peixotinho, eles não tinham esse costume de vê-lo nascer. E para mim foi muito natural. É uma continuidade. Engraçado que uma vez meu filho tava aqui correndo muito, gritando muito e uma senhora da casa disse: Parece de correr, você pensa que está onde? - Eu tô na casa do meu bisavô. Virou uma extensão.” (S.V., neta de Peixotinho e filha dos fundadores da Fraternidade Peixotinho, 42 anos, divorciada, quatro filhos, chef de cozinha; palestrante, passista e doutrinadora, trabalhadora-voluntária da Fraternidade Peixotinho)

- “Z: A minha chegada aqui já veio de outro templo, o lar espírita Chico Xavier que desde os anos 90 eu iniciei o meu trabalho efetivamente começado no centro Caminhando para Jesus.

E: Mas você acabou vindo aqui para o Peixotinho por indicação de alguém de lá?

Z: Na verdade houve um processo de vários médiuns que se afastaram da casa, 35 médiuns vieram para cá... E os demais fundaram um centro aí em Piedade. Mas eu fui encaminhada para cá e aqui chegando eu fui apresentada a M. e ele como, eu já fazia parte da desobsessão no centro Chico Xavier, aí eu fui encaminhada para seu C. que era o anterior dirigente daqui da reunião. Ele se afastou por motivos de saúde. (...) M. me passou logo para essa reunião de 20h. Não passei para a anterior de 18h não. Porque eu já vim com 15 anos trabalhando na desobsessão no Chico Xavier.” (Z., 68 anos, casada, duas filhas, aposentada - professora estadual; médium de incorporação, trabalhadora-voluntária da Fraternidade Peixotinho)

- “Eu conheci o hospital através de uma contaminação fluídica que se passa de uma outra casa, que era uma casa umbandista e eu não tinha o mesmo conhecimento daquilo. Mas a minha mãe, tinha a mediunidade dela a florada e já se desenvolvendo nessa casa eu comecei a participar dessa casa e comecei a ter a contaminação. Aí como eu estava e nenhum médico diagnosticava, ela me trouxe para cá. E aqui eu fiquei.” (A.P., 38 anos, solteira e sem filhos, ex-praticante da Umbanda; médium ostensiva de incorporação, passista, trabalhadora-voluntária do MCM)

Percebe-se que a presença de problemas de saúde – materiais – é muito mais forte entre os *trabalhadores-voluntários* do MCM sendo, portanto, a forma mais recorrente de procura por essa instituição. Por consequência é no ato do diagnóstico onde vários constatam a existência da sua ‘*sensibilidade mediúnica*’, haja vista que

muitos disseram desconfiar do diferencial daquilo que sentiam e percebiam do ambiente ao seu redor.

Contudo, persistia sempre a ressalva entre os dirigentes e coordenadores do MCM – e até mesmo os doutores espirituais – de que nem todos os desconfortos corporais e emoções sentidas devem ser atribuídos à ‘*sensibilidade mediúnica*’, muitas vezes as causas são de ordem material, física e deve ser solucionada através da procura pela medicina tradicional. Não raramente presenciei os doutores espirituais se dirigirem aos pacientes com frases do tipo “isso que você está sentindo não tem nada de espiritual envolvido, é material, vá procurar o seu médico...”.

Em boa parte dos casos esses pacientes ainda não estavam familiarizados com as diretrizes de distinção entre o que é decorrente da mediunidade e aquilo que não é. Em geral, a mediunidade só se apresenta de forma conturbada no seu período inicial, de chamamento e desenvolvimento; esse processo se aproxima daquele da trajetória dos xamãs discutido por Ioan Lewis (1977) no qual: “A experiência inicial da possessão, em particular, é com frequência uma experiência perturbadora, traumática mesmo, e não raro uma resposta à aflição pessoal e à adversidade” (P. 79). Lewis denomina essa etapa de ‘incontrolada’. De acordo com a leitura feita por Reesink (2003), “essa fase é muitas vezes interpretada como anormalidade ou mesmo doença, é aqui que os xamãs mais experientes entram para ajudar o “paciente” a domar ou controlar os espíritos” (P. 99).

É recorrente entre aqueles que não eram familiarizados com a doutrina espírita a presença de termos tais como “susto”, “surpresa”, “pavor”, “medo” no relato das suas primeiras reações ao ‘prognóstico’ (“sensibilidade mediúnica”) e em alguns casos até mesmo momentos de recusa e desconfiança.

- “E: Quando tu recebeu a notícia que tinha sensibilidade mediúnica você lembra qual foi tua primeira reação?”

M.S.: Olhe, não foi aqui. Foi em casa que eu recebi. Como eu sou médium consciente que é aquele médium que recebe a comunicação e lá na memória ainda fica, então eu fiquei apavorada porque eu era evangélica e isso me deixou apavorada. Mas quando eu cheguei aqui que tive o esclarecimento tudinho, aí já gostei de saber que eu podia ajudar aqueles irmãos desencarnados e aquilo só me fez bem. E eu faço até hoje. Saber que eu posso ajudar os irmãos.” (M.S., 53 anos, divorciada, dois filhos adolescentes, ex-adepta do Protestantismo; médium ostensiva, passista, *trabalhadora-voluntária* do MCM)

- “A minha primeira reação foi de procurar entender, porque o que eu sentia tinha nome: chamava labirintite. Quando me disseram que não era labirintite e sim sensibilidade magnética aí eu comecei sim a fazer um trabalho de estudo para identificar o que é isso no ser humano. Aí eu fui atrás de quem é que sente, porque sente, o que sente...e fui encontrar no próprio Livro dos Médiuns, dentro da doutrina espírita, ‘o que é o médium sensitivo’; ‘porque ele é médium sensitivo’. E isso tem dentro do Livro dos Médiuns em um item próprio, o item 164<sup>155</sup> fala de quem sente (...)Eu que não sentia nada para mim foi um susto de repente começar a sentir...” (N.C., 61 anos, casado, quatro filhos e cinco netos, aposentado -funcionário da CHESF; médium intuitivo e doutrinador, *trabalhador-voluntário* do MCM)

- “E.S.L.: A princípio a gente não sabe assim dizer o que é. Então, eu fui estudar para me esclarecer. Apesar de como minha família era espiritualista, eu ouvia sempre falar sobre reencarnação, mediunidade, mas assim, na prática mesmo só quando eu comecei a *trabalhar*.

E.: Mas você sentiu medo no início ou não?

E.S.L.L: Quando a gente começa e quando não tem esclarecimento a gente fica com um pouco de medo. Porque tudo aquilo que é desconhecido para nós, a gente fica assim. E assim, na parte de incorporação que tem coisa que eu nem lembro muito... Eu ficava ‘ai, meu Deus eu não quero incorporar’ essas coisas assim. Tem coisas que realmente eu nem lembro direito e a gente sempre brinca com isso. Porque a gente não sabe direito como vai ser e como é a reação. É tudo desconhecido, tudo novo para gente. Só com o tempo que a gente vai tendo uma adaptação e conhecimento.” (E.S.L, 51 anos, casada, um filho adulto, professora; médium de incorporação e receitista, *trabalhadora-voluntária* do MCM)

- “E: Você falou que via gente seguindo na tua casa. Qual foi a tua primeira reação quando você se deu conta que era um médium?

J.S.: Eu era muito medroso. Tinha um medo danado. Aí, por causa dessas pessoas me seguindo. Eu conversando com um menino: "ó rapaz, eu tô em casa de repente, tava num sei quem me seguindo." Era uma pessoa que morava com a gente e tinha falecido. E que tava me

---

<sup>155</sup>“2. Médiuns sensitivos, ou impressionáveis. 164. Chamam-se assim às pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual preciso é não seja confundida, porquanto, pessoas há que não têm nervos delicados e que sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, do mesmo modo que outras, muito irritáveis, absolutamente não os pressentem. Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei quê, a aproximação de tal ou tal pessoa. Torna-se, com relação aos Espíritos, verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiada, desagradável. Há como que um cheiro de impureza.” (KARDEC, 2009, P. 217).

protegendo e eu não sabia o que fazer. Ele queria até que eu fosse padre.” (J.S., 69 anos, casado, três filhos (dos quais dois são médiuns); médium ostensivo de incorporação, *trabalhador-voluntário* da Fraternidade Peixotinho)

Medo e receio são reações comuns entre aqueles que recebem o chamamento da mediunidade. Uma razão para essas respostas decorre “não só do compromisso de envolvimento como agente religioso que isso implica, mas também pela insegurança da ideia de pôr-se à prova da experiência do transe” (PRANDI, 2012, p. 83) inicialmente através do processo de desenvolvimento mediúnico que costuma ser uma das primeiras etapas recomendadas aos indivíduos assim que a sensibilidade mediúnica torna-se um fato estabelecido.

Narrativas de doenças e distúrbios – corporais ou emocionais – que não eram solucionados pela medicina tradicional são comuns, principalmente no contexto do hospital espiritual. Ao adentrarem esses recintos pela mediação de um tratamento ou atendimento fraterno é apresentado aos futuros iniciados uma nova forma de perceber o ambiente ao seu redor, e conseqüentemente as situações que vivenciam:

a cura é acidental num discurso convincente e significativo que traga uma transformação das condições fenomenológicas sob as quais o paciente vive e experimenta o sofrimento e a angústia. Pode-se mostrar que a retórica reorienta a atenção do suplicante para novos aspectos de ações e experiências, ou o persuade olhar para as costumeiras características de ações e experiências a partir de novas perspectivas... Na medida em que este novo sentido compreende a experiência de vida da pessoa, a cura vai também criando para ele uma nova realidade ou mundo fenomenológico. Ao entrar neste novo mundo o suplicante é curado, não no sentido de ser reintegrado ao estado em que existia antes do surto dos sintomas da doença, mas no sentido de ser retoricamente ‘transportado’ para um estado dissemelhante tanto da realidade anterior quanto da realidade posterior à doença... (CSORDAS 1983: 346 *apud* GREENFIELD, 1999, p.83-84).

O novo mundo, neste caso, é o mundo fenomenológico do Espiritismo. A partir dele e de suas explicações, as pessoas passam a entender o seu problema de saúde de uma maneira que lhes oferece conforto e alívio necessários para a cura dos sintomas. E essa mudança ocorre de tal forma que em alguns casos os indivíduos acabam se convertendo à religião espírita, ou seja, a cura religiosa também é um meio para conversão (LEITE, 2011). Ou seja, todos os rituais realizados em instituições espíritas,

especialmente aqueles que são direcionados aos médiuns, possuem como uma de suas características a dimensão de direcionar os sujeitos a um processo de conversão que é compreendido pelos iniciados como sendo algo que ocorre de forma espontânea e autônoma.

Alguns médiuns já possuíam familiaridade com a doutrina espírita e com os fenômenos mediúnicos, sendo a sua trajetória marcada por uma iniciação menos conturbada:

- “E.: Quando tu tomou conhecimento sobre a tua mediunidade, qual foi a tua primeira reação?”

V.: Na verdade, eu acho que eu já sabia. Desde pequena eu tenho visões, ouvia espíritos, então não foi muita novidade quando o médico disse que era mediunidade. Apesar de não conhecer, profundamente o que era mediunidade. Aí eu procurei estudar o conhecimento.” (V., 19 anos, solteira e sem filhos, estudante; médium de incorporação, *trabalhadora-voluntária* do MCM)

- “Eu já era criança, eu já tinha mediunidade desde criança. Assim, é uma coisa muito natural. Porque a minha mãe era médium também e a gente já foi dentro de um contexto familiar normal, natural. Sempre tive vidência de sonhar, de ver as coisas que vão acontecer e uma sensibilidade muito grande. Enfim, com naturalidade.” (L., 41 anos, casada, três filhos, professora universitária e advogada; médium ostensiva, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho)

- “A.J.: Eu não tive nenhuma reação não. Como eu disse a você, eu já tinha contato.

E: Você já desconfiava que poderia ter mediunidade?

A.J.: Da minha não. A do meu filho sim. Apurou meu lado artístico. Tanto que hoje, desenho e pinto os mentores da casa.” (A.J., 43 anos, casado, médium artístico, passista, *trabalhador-voluntário* do MCM)

Pode-se observar que nos grupos pesquisados foram relatados processos diferenciados de vocação: uns de forma natural e tranquila, outros através de problemas de saúde. Em ambos os casos, os indivíduos sentiram as mudanças advindas da sua vocação através dos seus corpos que passaram de um estado de insensibilidade para o *despertar* de uma diversidade de emoções e sensações às quais não estavam acostumados ou não concebiam uma classificação para elas – as percepções dos médiuns são todas atribuídas como advindas dos espíritos desencarnados. Ou seja, no processo de produção do médium espírita kardecista o momento da vocação é entendido

na linguagem nativa como uma situação do *despertar* da mediunidade já que para essa religião somos todos médiuns no lato sensu, contudo somente alguns se tornam médiuns stricto sensu.

Com relação aos pentecostais<sup>156</sup>, Maurício Junior (2014) denomina o entendimento de vocação por esse grupo religioso de “chamado”:

aquilo pelo qual foram designados por Deus para fazerem no mundo, sua participação direta no que chamam de “a obra de Deus” (“Eu tenho um chamado para...”, “Meu chamado é para...”). Podem referir-se a este chamado também como “o ministério de Deus (determinado por Deus) para as suas vidas” (“Meu ministério é...”, “O ministério de Deus para minha vida é...”)39. Quanto ao chamado para o pastorado pentecostal, foco deste trabalho, entendo caracterizar-se necessariamente pela **doutrina do eleito misticamente escolhido**. (MAURICIO JUNIOR, 2014, P. 48, grifo do autor).

Maurício Junior (2014) aponta que existem duas etapas nesse processo: primeiro contato, ou convocação<sup>157</sup>; e as confirmações<sup>158</sup>. Outras duas dimensões são extremamente importantes no contexto observado pelo autor: a profecia e o sonho; ambas reforçam o chamado do pastor pentecostal. A passagem da convocação para as confirmações

vai moldando as subjetividades dos candidatos, preparando-os para essa carreira, movendo-os de incertezas envolvidas em um conjunto de eventos confusos em um primeiro instante, em direção à construção de uma narrativa plena de significado, onde os pontos, outrora desconexos, já estão perfeitamente amarrados. Ou seja, que o vocacionado foi eleito, sem dúvida alguma, por Deus, para seguir o ministério de pregador da Palavra. (MAURÍCIO JÚNIOR, 2014, P. 53).

Percebe-se que a dinâmica da vocação – ou chamado – dos pastores pentecostais gira em torno de um diálogo constante (e reforçado) entre as profecias e sonhos proferidos pelos indivíduos ao construírem as narrativas. Assim como entre os médiuns espíritas, trata-se de uma trajetória bastante pessoal, que mesmo tendo pontos em comum com a de outros indivíduos são exaltadas as suas particularidades e

---

<sup>156</sup> Para o modelo entre os católicos ver Souza Neto (2014).

<sup>157</sup> “Nele o crente é, podemos assim dizer, avisado, convocado para assumir uma tarefa especial na obra de Deus.” (P. 49).

<sup>158</sup> “...as confirmações na vida do (agora) líder pentecostal nunca cessam. Há sempre “promessas” maiores a serem alcançadas e objetivos cada vez maiores a serem cumpridos.” (P. 51).

comprovações. Contudo, o termo “chamado” denota no modelo pentecostal um processo de vocação que possui como característica ser externa ao indivíduo, ao passo que o *despertar* no contexto espírita kardecista remete a algo que é interno, latente.

Passados os episódios de descontrole do *despertar* da mediunidade e do seu desenvolvimento, os médiuns recebem a prescrição de praticar a sua aptidão mediúnica da maneira considerada como correta e segura, ou seja: dentro de uma instituição espírita, nos horários pré-determinados e seguindo as recomendações e orientações recebidas durante os cursos. Ao seguir essas recomendações, o exercício de atividades mediúnicas não lhes causará nenhum desconforto nem problemas à saúde. Adentra, portanto, a fase “controlada” na qual possui o domínio dos espíritos que incorpora porque “conhece e controla o processo, mesmo estando submetido aos deuses” (REESINK, 2003, P. 99).

A semelhança entre as trajetórias pesquisadas na Fraternidade Peixotinho e no Hospital Espiritual M<sup>a</sup> Claudia Martins se fez notória, tanto no caso em que tiveram um começo conturbado e envolvendo problemas de saúde, como naqueles em que o processo ocorreu sem ser tumultuado. Portanto, pode-se categorizar a existência de dois modelos de iniciação no espiritismo kardecista: um caracterizado pela maior tranquilidade ou menor descontrole e o outro marcado pela perturbação ou maior descontrole; sendo ambos encontrados nos dois ambientes pesquisados.

### **3.1.1.3 Doutrinador ou Médiun lato sensu.**

Na Fraternidade Peixotinho o processo de descoberta da mediunidade é um pouco diferenciado, em alguns casos, já que a sucessão de etapas na trajetória é fortemente marcada por convites, como comentado no capítulo anterior. Portanto, a constatação de que o *trabalhador-voluntário* detém sensibilidade mediúnica ocorre de forma mais discreta através da própria prática – é autorizado a sua participação na reunião de educação mediúnica e espera-se que as habilidades mediúnicas se manifestem espontaneamente de forma aleatória, ao contrário do HESMCM onde o desenvolvimento das mediunidades é subdividido – foi dado o exemplo no segundo capítulo da separação da sessão de psicografia da de psicofonia. Porém, em ambos os locais surgem casos nos quais nada ocorre. O indivíduo passa então a se enquadrar como doutrinador e contribui na sessão a partir dessa posição. Os doutrinadores se

enquadram na categoria de médiuns intuitivos, lembrando que a intuição (LEITE, 2011; CAVALCANTI, 2008) é considerada pelos espíritas o tipo mais simples e corriqueiro.

“E: Você não tem mediunidade ostensiva?”

S.V.: Não. Ostensiva não. Eu entrei aqui na reunião mediúnica. A gente entra meio sem saber qual é a sua tarefa, porque esses episódios de fenômenos mediúnicos, eu já os tive. Mas com o decorrer da frequência e do estudo, eu me identifiquei mais com a doutrinação. Mas eu acho que a qualquer momento pode acontecer de atividades serem realmente mediúnicas. Eu estou feliz como doutrinadora.

E.: E como foi que aconteceu essa tua identificação com a doutrinação?

S.V.: Primeiro pelo conhecimento da doutrina desde pequena ter essa oportunidade de estar sempre discutindo, sempre conversando, sempre vendo doutrinações porque apesar de hoje ser uma prática que não é recomendada e nós não fazemos, no evangelho do lar sempre havia incorporação. Foi justamente por conta disso que a gente criou o Peixotinho, porque não se queria que houvessem reuniões mediúnicas dentro da nossa casa, porque não convém, não é interessante. Aí, com problemas de obsessão vindo de outros irmãos, de perturbação espiritual, no evangelho do lar, eu pequena sempre via doutrinação e a gente tinha sempre muita informação. E eu tenho muita intuição, quando eu estou conversando com o espírito, eu sinto a intuição do que dizer. A gente sabe que é muito amparado nesse trabalho. Não sou eu quem doutrino sozinha, eu não tenho essa pretensão de doutrinar nenhum espírito sofredor. Eu sei que eu tenho a intuição dos amigos espirituais. Então, isso é mediunidade, esse canal mediúnico ligado, mas eu não incorporo, eu sei o que dizer.” (S.V., neta de Peixotinho e filha dos fundadores da Fraternidade Peixotinho, 42 anos, divorciada, quatro filhos, chef de cozinha; palestrante, passista e doutrinadora, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho)

- “E: Mas você chegou a passar pelo desenvolvimento mediúnico?”

N.C.: Eu cheguei a passar pela psicografia, não acusou nada. Objetivamente nada. Eu não sei se eu não me permitia, mas eu não conseguia. Embora eu tenha a consciência de que pela intuição a gente faz o trabalho. Eu participei também da mesa de desenvolvimento de incorporação, mas também rapidamente foi dito que não dava não. Embora a sensibilidade dê uma falsa impressão de que você é. Porque você sente o que o irmão está sentindo, mas eu não necessariamente tinha o poder ou a predisposição para incorporar. Eu não incorporava, não tinha jeito. Ai foi visto que tinha uma área que eu poderia utilizar muito bem que era a área da fala. Aí fui para a doutrinação. Na doutrinação as coisas vão bem porque ali há uma captação pela intuição. É meramente intuitiva. A gente recebe a intuição, às vezes parece até que estão falando no nosso ouvido. De tão objetivo que é, a

gente sabe que aquela coisa não é da gente porque fui com uma naturalidade tão grande. A gente não está pensando em nada fora, só naquilo que está acontecendo, aí porque a concentração é tão importante...e estado de saúde também. Porque se eu tenho um problema, eu posso em cima do meu problema imaginar que é do irmão, porque se eu estou sentindo é meu. Então você tem que estar bem fisicamente, mentalmente e espiritualmente.” (N.C., 61 anos, casado, quatro filhos e cinco netos, aposentado -funcionário da CHESF; médium intuitivo e doutrinador, *trabalhador-voluntário* do MCM)

Em geral, as pessoas tendem a temer o despertamento da mediunidade ostensiva e se sentem menos aflitas ao perceber que não possuem essa predisposição, principalmente para a incorporação. Porém, isso não exclui a relevância das atividades de doutrinação, para as quais são exigidas algumas características dos indivíduos tais como: alto grau de moralidade – não ter um estilo de vida próximo ao que os espíritas consideram como ‘mundano’ que inclui, por exemplo, o consumo de álcool e o fumo - pois lidam diretamente com os espíritos; sensibilidade para entender a situação do espírito que incorpora nos médiuns, e profundo conhecimento dos preceitos da doutrina espírita para passar as orientações.

O desconhecido gera receios e medos que tendem a diminuir a partir do momento em que esses indivíduos aderem à doutrina espírita e começam o seu processo de iniciação, cuja primeira etapa compõe-se do tratamento e do curso de medicina espiritual – no caso do MCM – e das reuniões de estudos da mediunidade – na Fraternidade Peixotinho – nos quais recebem as primeiras orientações e são incentivados a criar o hábito da leitura das obras da codificação e dos principais livros psicografados<sup>159</sup>.

Acrescento o fato de que a larga maioria<sup>160</sup> dos *trabalhadores-voluntários* de um centro espírita aplicam passes, e mesmo existindo a denominação ‘médium passista’ ela não caracteriza uma mediunidade ostensiva. Já foi mencionada neste trabalho a crença dos grupos espíritas no fato de sermos todos médiuns, tendo isso em mente sofremos a influência das energias espirituais – comumente chamadas de eletromagnéticas – e podemos aprender a manipula-las.

---

<sup>159</sup> Majoritariamente os do médium Chico Xavier.

<sup>160</sup> Na Fraternidade Peixotinho é praticamente unanimidade.

### 3.1.2 Os agentes espirituais do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins.

Duas categorias de espíritos apareceram de forma recorrente durante a pesquisa no MCM: os doutores espirituais e as falanges espirituais. Nas pesquisas antropológicas mais recentes sobre o Espiritismo kardecista não existem registros de locais onde os doutores espirituais ainda se fazem presentes, e em nenhuma pude encontrar referência às falanges espirituais. Os primeiros representam os espíritos de elevado grau de desenvolvimento, tendo vivenciado diversas encarnações – alguns deles já atingiram o ponto máximo da escala evolutiva do Espiritismo e não precisam retornar mais – e se encontram nessa existência terrena na missão de auxiliar o grupo de médiuns do MCM a executar curas espirituais.

As falanges espirituais são compostas por espíritos inferiores que não seguem o ideal de boa conduta pregado pelo Espiritismo no qual as atitudes características são a prática da caridade, perdoar os seus desafetos, exercer a paciência, o controle das emoções e a renegação de vícios tais como fumo e consumo de álcool. Esses agentes são responsáveis pela desordem do plano material e por várias doenças nos *encarnados*.

#### 3.1.2.1 Os Doutores Espirituais.

No período em que esta pesquisa foi realizada atuavam<sup>161</sup> os seguintes espíritos na função de doutores espirituais: Dra. Cristina Santos, Dra. Patrícia Bacelar, Dr. Oscar Smith<sup>162</sup> e Dr. Ludymilly. Os três primeiros participam das atividades de medicina espiritual e cada um possui uma equipe distinta<sup>163</sup>. O último é referido com o título de “doutor” por se tratar de um cientista que é especializado na área de tecnologia<sup>164</sup> e concede a sua contribuição nesse âmbito nos hospitais espirituais.

A M<sup>a</sup> Claudia Martins é a mentora espiritual do médium fundador e sua participação nos hospitais espirituais ocorreu principalmente no início da trajetória

---

<sup>161</sup> A presença de espíritos desta ordem só foi encontrada no hospital espiritual.

<sup>162</sup> Pouco foi comentado a seu respeito. Sua participação no hospital espiritual refere-se majoritariamente aos tratamentos de clínica geral nos quais existe o uso de *ectoplasma*. Raramente profere uma palestra por meio de incorporação, e no site oficial não consta nenhuma psicografia de sua autoria.

<sup>163</sup> Ao determinar a escala periódica do MCM os médiuns são subdivididos nessas equipes e nas demais atividades do local.

<sup>164</sup> Direciona os setores correlacionados à comunicação e divulgação do material – gravação de palestras, psicografias digitalizadas – do MCM nas mídias sociais.

dessas instituições quando instruiu W. a inaugurar o projeto da rede de hospitais espirituais, atualmente a sua ligação com o local não é frequente. Apesar de não ser uma doutora espiritual, possui bastante prestígio no local sendo considerada um espírito evoluído.

Dra. Cristina Santos é, entre todos, aquela que apresenta o maior grau de evolução espiritual. Quando questionei a respeito do local onde ocorrera a sua última encarnação, W. informou que não sabia informar *“se eu lhe disser que sei estarei mentindo, porque ela vem de um mundo mais evoluído do que o nosso, um mundo de regeneração no 33º estágio, seria praticamente impossível.”*. Por tal razão, a presença dela no nosso planeta<sup>165</sup> configura uma missão espiritual, já que pelo grau evolutivo que ela se apresenta não necessita mais passar por processos reencarnatórios obrigatórios. Contudo, W. me informou que mesmo assim ela pretende retornar no ano de 2100 já possuindo uma reencarnação programada na região nordeste do Brasil. Entre os motivos para essa escolha está aquilo que W. considera como um histórico *“muito bonito”* desta região para com a fé cristã, a começar pelos padres missionários – Padre Cicero, Frei Damião – passando pela devoção mariana – *“Nossa Senhora tem a região nordeste como a sua casa”*<sup>166</sup>. A reencarnação de espíritos do nível evolutivo desta doutora denota a crença da futura prosperidade da região em comparação com as demais do Brasil: *“Com a vinda desses espíritos, que já começaram a aparecer, o nordeste vai crescer muito mais do que a região sul e sudeste”*.

A escolha do nome é do próprio espírito, eles optam ou por assumir uma identidade que já possuíram em encarnações pretéritas ou, como no caso das doutoras espirituais, se identificam com nomenclaturas de fácil entendimento e de uso comum junto àqueles encarnados com os quais interagem. Sendo espíritos considerados em grau de elevação maior ao daqueles que prestam assistência, possuem a liberdade de escolher uma identidade que não necessariamente tiveram anteriormente:

---

<sup>165</sup> Considerado como de semi-regeneração.

<sup>166</sup> Evidencia-se uma proximidade neste contexto espírita – do MCM – com uma característica bastante peculiar do Catolicismo: a devoção mariana. Para a discussão sobre devoção mariana consultar Steil, Maiz, Reesink (2003) - *“Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil”*.

“a gente tem certeza que eles não se chamam assim, são nomes adotados de acordo com a região. Esse é o ponto básico, porque se adotarem nomes de outros locais ficaria uma coisa muito mística. Por isso preferem optar por esses nomes.” (W.).

Encontra-se na questão da nomenclatura dos doutores espirituais uma distinção com relação aos primeiros momentos em que o Espiritismo se fez presente no Brasil, época na qual existia uma preponderância de espíritos de médicos que se identificavam como alemães – Dr. Fritz é um nome conhecido entre os pesquisadores dessa área. Isto teria ocorrido, de acordo com a análise de Sidney Greenfield (1999) por causa do estereótipo presente na cultura brasileira:

“Na mente popular, os alemães são caracterizados pela eficiência e pela autoridade. (...) A ciência e a medicina alemães são consideradas como padrão de organização e eficiência. Os médicos alemães, portanto, são tecnologicamente competentes, hábeis, e eficientes. Essas características lhes dão prestígio e lhes garantem autoridade.” (P. 207).

No site e no perfil do MCM nas redes sociais vem sendo lançadas ao longo do tempo quadros pintados, por intermédio do médium artístico A.J., dos doutores espirituais aqui mencionados – exceto pelo Dr. Ludymilly.



(Figura 14 – Quadro dos Doutores Espirituais do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins. Fontes: <https://www.facebook.com/nucleocentralhesmac> ; <http://www.nucleodemedicinaespiritual.com.br/> )

Ao questionar acerca da aparência física que ambas escolheram assumir, W. se adiantou para esclarecer que o tom de pele da Dra. Cristina Santos não é exatamente este que aparece na imagem, a sua pele tem tom de ouro:

“o quadro que você vê retrata mais ou menos os olhos, o cabelo, mas o tom de pele não! Por vir de um sistema de mundos diferentes, a pele dela é cor de ouro, acompanhando os olhos. É uma formação física muito diferenciada. Outra coisa nela é que na incorporação não é preciso me concentrar, porque ela se aproxima, desloca o meu espírito e assume a personalidade dela. Ela é capaz também de captar o seu pensamento na hora, saber o que você está pensando e retratar tudo. Para um espírito fazer isso ele precisa de muita experiência, não é qualquer um não.”

W. colocou também outras ressalvas na descrição da Dra. Cristina Santos:

“o vidente que a retratou colocou cores muito nordestinas. Se eu fosse retrata-la seria como eu a vejo: cabelos, olhos e pele cor de ouro. Mas essa foi a forma como ele preferiu retratar, apesar de também ter visto tudo nesse tom.”

W. acrescentou que até o surgimento dessas imagens só ele detinha o registro da feição real do espírito da Dra. Cristina guardado para eventuais confrontações com outros videntes que alegassem estarem a enxergando. Essas questões reforçam a sua centralidade e autoridade no contexto do MCM, ficando evidente que ele não se trata somente do fundador dessa rede de hospitais espirituais, mas também o médium principal.

A Dra. Cristina é responsável por boa parte dos tratamentos mais graves realizados nos hospitais espirituais, assim como pelas cirurgias, pelos cursos de treinamento dos médiuns, sendo também dentre os doutores a que mais realiza palestras e transmissão de psicografias – ambas por intermédio de incorporação no médium fundador W., o único que possui autorização para ‘*recebe-la*’.

Pode-se perceber que a autoridade neste contexto deriva dos espíritos, e não dos médiuns. É a incorporação de espíritos com grau mais elevado de prestígio ou que são considerados como ocupantes de altos patamares no processo de evolução espiritual – estão acima dos demais nessa hierarquia – que confere poder aos médiuns nos contextos que não seguem o padrão instituído pela FEB. No MCM ocorre uma combinação de autoridade entre a Dra. Cristina e W., na qual o carisma do médium fundador é reforçado e a sua posição ganha destaque e bastante respeito.

Já a Dra Patrícia é considerada como sendo muito nordestina, era professora e psicóloga além de administradora, tinha nove irmãos; sua última encarnação foi na região nordeste, mas não possuem registro de em qual parte. Consideram que

juntamente com a mentora M<sup>a</sup> Claudia Martins foi responsável por organizar o MCM desde a sua fundação. Ainda está sujeita a processo reencarnatório, apesar de ser tida como um espírito esclarecido. Atua no MCM majoritariamente na área de pediatria e realizando, eventualmente, cirurgias espirituais. Assim como a Dra Cristina profere algumas palestras e possui uma quantidade reduzida de psicografias divulgadas.

Ainda não possui a sua próxima encarnação programada porque participa ativamente na abertura dos novos hospitais espirituais juntamente com a mentora M<sup>a</sup> Claudia Martins, sendo esse processo considerado como mais importante no momento e a presença dela é essencial devido à sua formação na área de administração.

O Dr. Ludymylly teve a sua última reencarnação na Alemanha e ainda assume as características atribuídas a essa vivência: é exigente, disciplinado e disciplinador. O seu título de doutor decorre de formação acadêmica na área de tecnologia adquirida em outros mundos.

De acordo com W. os espíritos dos doutores se apresentam nos horários de atendimento portando roupas características de hospitais: brancas e com jalecos. Contudo, nas demais ocasiões optam por trajes que cobrem todo o corpo em tons de verde ou azul, como é possível perceber pelas pinturas.

Com relação à mentora M<sup>a</sup> Claudia Martins a sua última reencarnação foi no Japão. Era médium de cura e de bicorporeidade<sup>167</sup>. Seus pais foram pessoas bem sucedidas na sociedade, porém discordava do fato da sua mãe só se preocupar com status social e bens materiais o que levou a sua trajetória a ser marcada por renúncias e a primeira refere-se a sua opção de largar tudo e cuidar de moradores de rua, posteriormente foi morar junto a camponeses chineses para também ajuda-los.

No último relato que concedeu acerca da sua vivência anterior, descreveu ao médium fundador W. através de psicografia que havia surgido em um vilarejo o surto de uma doença bastante devastadora e contagiosa, e como esse espírito possuía mediunidade de cura decidiu se dirigir até o local para ajudar. Obteve sucesso na melhora de todos os habitantes da localidade, porém acabou ela mesma contraindo a

---

<sup>167</sup> Aptidão do médium de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

enfermidade. Para que a doença não retornasse, solicitou o seu próprio sacrifício e foi queimada viva dentro de uma cabana.

Ao solicitar a descrição da forma como ela se aparenta, W. no que trata da questão física só confirmou que se tratavam de feições orientais com os mesmos olhos diferenciados que o espírito da Dra Cristina possui. Contudo, em referencia aos atributos emotivos, enfatizou diversas vezes a serenidade, calma, paz e tranquilidade que o espírito da mentora lhe transmite: “*se eu morrer com dona M<sup>a</sup> Claudia junto eu não vou sentir nada.*”. A comunicação entre os dois ocorre através do pensamento por intermédio das faixas vibratórias<sup>168</sup> que são responsáveis por sintonizar “o espírito encarnado com espíritos de diferentes graus evolutivos.” (CAVALCANTI, 2006, P. 16).

Percebe-se neste ponto que o movimento espírita ainda apresenta com relação aos espíritos curadores o padrão relatado por Greenfield (1999) no qual as equipes são: “compostas de especialistas nos vários ramos da medicina e que viveram em diferentes nações e culturas durante períodos históricos diversos” (p. 194). Porém, é possível notar que no contexto do MCM esse modelo encontra-se em processo de mudanças que visam readaptá-lo de forma a manter os hospitais espirituais numa posição de distanciamento e diferenciação com relação ao movimento espírita brasileiro liderado pelas federações. Como indicador encontra-se a presença dentre os espíritos de destaque aqueles advindos de outras dimensões, além dos que tiveram reencarnações pretéritas na própria região onde os hospitais estão em processo de expansão: o nordeste.

Existem relatos da participação ocasional do espírito do conhecido membro do movimento espírita brasileiro - o Dr. Bezerra de Menezes<sup>169</sup> - em conjunto com a Dra. Cristina Santos ou a mentora M<sup>a</sup> Claudia Martins, principalmente em mensagens psicografadas.

---

<sup>168</sup> Para os espíritas pensamentos e emoções geram vibrações, que podem ser tanto positivas ou negativas quanto fortes ou fracas de acordo com a forma como são emanados. Essas vibrações formam os campos magnéticos através dos quais as comunicações espirituais ocorrem.

<sup>169</sup> “Proveniente de família bastante católica, foi médico do exército largando o posto para virar político, começa a flertar com a doutrina espírita após a morte da sua esposa, e anos depois adere ao movimento espírita por influência de curas obtidas através de tratamentos feitos por um *médium curador*.” (LEITE, 2011, p. 15)

### **3.1.2.2 As Falanges espirituais.**

Em contraposição aos espíritos evoluídos com os quais os médiuns mantêm contato existe a influência daqueles que estão nos níveis mais baixos da escala de evolução espiritual. Surgia com frequência no MCM comentários acerca de grupos de espíritos ‘baixos’ aos quais os meus interlocutores se referiam com o termo “falanges espirituais”.

Compostos por espíritos ‘inferiores’ cujo único propósito é promover o caos, a desordem e induzir os encarnados a cometerem atos considerados inapropriados para o contexto espírita kardecista – frequentar festas mundanas, consumir álcool e outras drogas, abusar da sexualidade. Vale salientar que o MCM possui uma postura ainda mais ascética do que aquela recomendada pelas Federações Espíritas; em épocas de festejos carnavalescos, por exemplo, chegam inclusive a recomendar que os médiuns só se afastem das suas residências para atividades estritamente essenciais e que evitem ligar os rádios e assistir programas televisivos que reportem a folia carnavalesca. Esse comportamento ascético os aproxima dos pentecostais, grupo religioso que promove acampamentos durante o período carnavalesco e é conhecido por também recomendar aos seus seguidores qualquer tipo de contato com eventos de natureza mundana.

A noção de falange espiritual indica apropriação do termo que também é usado na Umbanda, e demonstra mais um afastamento com relação ao modelo federado no qual essa classe de espíritos não é comentada. Em contraposição, em instituições vinculadas à FEB os problemas que os encarnados vivenciam são retratados como processos de causa-efeito, obsessões nas quais existe a preponderância de busca por vinganças e a falta do perdão-amor. Portanto, a relação entre o obsessor e o obsedado pode ser entendida como pessoal, ao contrário das falanges espirituais que assumem uma postura impessoal e atingem os encarnados indiscriminadamente.

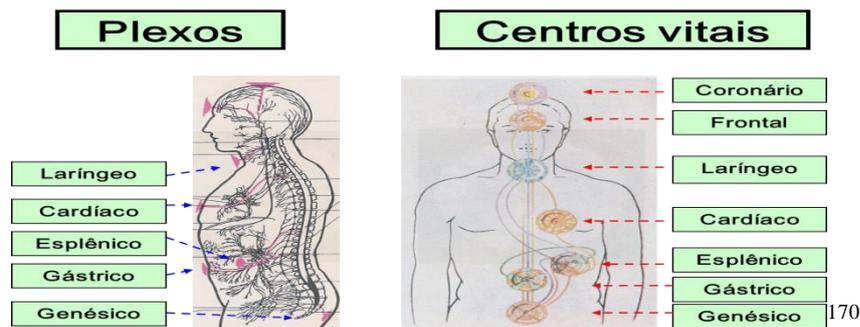
### **3.2 Aprofundando a relação da concepção de corpo, noção de pessoa e mediunidade no Espiritismo kardecista.**

Para pensar melhor a questão do médium é importante analisar a concepção de corpo no Espiritismo. Os espíritas dividem a formação do ser humano em três partes: espírito, o *períspírito* e o corpo. O primeiro é a força vital do universo, que sobrevive a várias existências materiais sempre em busca de aprimoramento pessoal e isso se dá a

partir das existências em um corpo físico. O segundo é uma substância semimaterial, composta por *ectoplasma* que liga o espírito ao corpo físico. É nele que ficam arquivadas todas as informações provenientes das diversas vivências encarnadas do espírito, assim como a sua personalidade. É também por meio dele que “as ordens separadas da realidade se juntam num só composto: corpo e espírito, parte sutil e parte grosseira, eterno e mortal” (GREENFIELD, 1999, P.33). O terceiro, corpo, é a parte material por meio da qual o espírito pode agir no mundo “visível” e assim passar pelas suas provas e cumprir a sua missão. Ele é tido pelos espíritas como uma prisão momentânea, por restringir boa parte da capacidade do espírito, algo que para eles é necessário dentro do quadro de provação e missão (LEITE, 2011, P. 65).

Segundo a análise de Paes (2011), o espírito encontra-se em posição de superioridade em relação ao corpo: “O espírito é fulcro de toda a existência, sendo o corpo a arena de aprimoramento, o veículo de passagem temporária por este mundo, não apresentando, enfim, relevância senão secundária, sua importância advém do espírito que com ele se relaciona, não possui assim autonomia no campo dos sentidos” (P. 189).

Cada parte do espírito tem a sua correspondente no corpo e o acoplamento de ambas pressupõe o encaixe em estruturas denominadas de *plexos*, ou *chacras* – partes do corpo humano nas quais estão presentes o agrupamento de nervos, veias e artérias. De todos os plexos existentes no corpo, sete são destacados pelos adeptos da doutrina espírita como sendo “centros de força” nos quais se concentra a energia daquela região corporal em particular, são eles: *coronário* (localizado no alto da cabeça), *frontal* (localizado na testa, corresponde à glândula hipófise ou pituitária), *laríngeo* (localizado na garganta), corresponde às glândulas da tireoide e paratireoides), *cardíaco* (localizado no coração), *esplênico* (localizado no baço), *gástrico* (localizado no estômago), *genésico* (plexo sexual ou hipogástrico) (LEITE, 2011, P. 65).



(Figura 15 - Plexos e Centros Vitais . Fonte:

<http://mediunidadeeapometria.blogspot.com/>)

Uma glândula do corpo, localizada no centro do cérebro, chamada pineal<sup>171</sup> é considerada pelo imaginário espírita como o epicentro da aptidão mediúnica: “a capacidade *mediúnica* e o centro de união entre matéria e espírito tem sua sede no corpo, na cabeça especificamente” (PAES, 2011, P.190). Esse seria o primeiro diferencial do corpo daqueles que possuem *sensibilidade mediúnica* para os demais indivíduos. A partir desse ponto os espíritas defendem a noção de que o corpo do médium é mais propenso fisicamente para a comunicação com o mundo espiritual servindo de ‘ponte’ entre as duas realidades.

No processo de desenvolvimento mediúnico os médiuns – e doutrinadores – se capacitam não só para saber diferenciar as suas sensações daqueles do espírito desencarnado, como para controla-lo e orienta-lo quando necessário. Esses momentos podem ou não ser plenos de percepções corporais e emocionais, conforme indicam os relatos:

- “M.S.: Nesse processo um médium sente, dependendo da sensibilidade, quando um irmão se aproxima, tudo o que o irmão sente passa para o médium. E tem dor de cabeça, sente mal estar... Mas não é nada que venha maltratar a gente e deixar a gente mal porque é ele querendo ajuda. Para ajudar a gente tem que passar o que ele está sentindo. Como eu sou um instrumento<sup>172</sup>, então passa para mim para poder a gente ajudar ele.

<sup>170</sup> Na apostila usada nos cursos de medicina espiritual do MCM – comentado no capítulo anterior – consta um quadro com o nome, a localização, os aspectos energéticos e a região física de cada um desses pontos. (Anexo 1)

<sup>171</sup> Influência do pensamento de Descartes (PAES, 2011, P. 190).

<sup>172</sup> Cavalcanti (2008) também trabalha com essa noção: “O médium é meio, canal, instrumento.” (P. 111).

E: E quanto a emoções? Você teve alguma que foi marcante aqui no seu desenvolvimento?

M.S.: Só de querer ajudar. Neste caso só de ajudar alguém que está precisando.” (M.S., 53 anos, divorciada, dois filhos adolescentes, ex-adepta do Protestantismo; médium ostensiva, passista, *trabalhadora-voluntária* do MCM)

- “A.T.: Olha, vem muitas vezes aqueles irmãos que parece que você se sente muito agressiva. Que eles vêm com aquela sensação de querer dar muito na mesa, de falar alto. Aí, nós que estudamos para controlar a voz, os impulsos, aí nós não podemos. Nós temos que nos controlar nessa hora mentalizando amor para eles. Transmitindo amor. Para que ele se acalme e se sintam amados.

E.: E você mesmo? Por exemplo, você sente alguma dor? Dor de cabeça, mal estar?

A.T.: Não. Não, porque se o médium não estiver bem tem que comunicar ao que está presidindo o trabalho. O que está dirigindo o trabalho. Então, nós temos que comunicar. Então, ele tem que fazer alguma coisa. Tirar da mesa, dar passe...” (A.T., 69 anos, casada, uma filha, pensionista, médium ostensiva, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho)

- “V.: Depende muito do momento, depende muito da entidade que se aproxima do campo, mas na maioria das vezes, eu senti uma aceleração do coração e minha cabeça ficava tonta e vinha a sensação que a vista ia se apagando e eu apagava completamente.

E.: Então, a tua mediunidade é inconsciente?

V.: É.” (V., 19 anos, solteira e sem filhos, estudante; médium de incorporação, *trabalhadora-voluntária* do MCM)

O primeiro ponto a comentar trata da distinção nativa de maneiras como a mediunidade pode se apresentar durante qualquer atividade são elas: *consciente*, *inconsciente*, e *semiconsciente*. A *intuição* é considerada como pertencente ao primeiro grupo, nela o médium se lembra de tudo que aconteceu e do que fez. Na categoria *semiconsciente* “o fluxo de pensamento e o impulso de escrever ou falar não concatenados” (CAVALCANTI, 2008, p.109), nela o médium não detém o controle das suas ações cedendo-o ao espírito *desencarnado* que deseja se comunicar mesmo possuindo discernimento do que acontece ao seu redor. Na *inconsciente* o médium coloca-se em um posicionamento *passivo* em relação ao espírito *desencarnado* sem a exercer nenhuma interferência, deixando que o desencarnado usufrua do seu aparato

corporal. Por tal motivo, ao cessar o período de incorporação o médium não se recorda de nada do que ocorreu durante o período em que se encontrava nessa condição.

Roberto Motta (1995) faz uma distinção entre o transe típico do Espiritismo e o que ele observa no Candomblé:

O transe de êxtase, típico do candomblé, significa alguma coisa de fundamentalmente diverso do transe de possessão, característico do espiritismo de origem européia (Motta, 1991). Não se trata do discurso de uma segunda personalidade, que vem substituir o discurso da personalidade ordinária do crente, mas da superação do discurso. Sua inteligência, sua afetividade, cada um de seus movimentos, que neste momento não são mais que dança ou gestos de dança, estão demasiadamente compenetrados pela irradiação do deus para que, ao fiel, sobre outra coisa além de um arrebatamento mudo. Trata-se de uma intuição supra-discursiva, ao mesmo tempo que estética. (MOTTA, Id., P.35).

Cabe aqui salientar também que os espíritas entendem *transe mediúnico* como um momento permeado de perigos a serem evitados. As mediunidades *inconscientes* são cada vez mais escassas, porque o Espiritismo kardecista é - como um todo<sup>173</sup> - um movimento que prega o elevado controle do corpo e das emoções durante os seus rituais. Nesse sentido as mediunidades *conscientes* e *semiconscientes* tendem a ser mais valorizadas, ou evoluídas, apesar disso não ser algo comentado abertamente pelos membros do movimento espírita (LEITE, 2011). Portanto, a noção de controle do corpo debatida no capítulo anterior é fortemente representada pelos elementos trazidos por esses relatos.

As emoções também representam um tema pertinente à questão da mediunidade. Apesar de ter em mente que as emoções estão dentro do universo de noções inseridas pelo senso comum como aspectos “naturais” e “individuais” dos seres humanos, a abordagem de Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho (2010) as trata como “representações” que variam de uma sociedade para a outra visto que diferentes culturas, grupos sociais e religiões possuem teorizações diferentes para as emoções e tendem a valorizar e estimular algumas, ao passo que outras devem ser controladas, reprimidas.

---

<sup>173</sup> Mesmo no MCM essa característica é encontrada, nele somente os três médiuns que incorporam os doutores espirituais possuem mediunidade *inconsciente*.

### 3.2.1 Reflexões sobre a categoria “corpo”.

Percebo o corpo como uma categoria interessante para analisar a cultura e o indivíduo (LEITE, 2011). Ele representa uma abordagem relevante para compreender aspectos que envolvem as práticas mediúnicas além das particularidades do que o corpo é constituído no Espiritismo, especialmente o corpo do médium.

Dentro da literatura antropológica, o debate em torno dessa temática tem em Marcel Mauss análises seminais nas quais a relevância das técnicas corporais e da noção de pessoa para o entendimento de uma cultura são apontadas:

Eu digo *as* técnicas do corpo, porque se pode fazer a teoria *da* técnica do corpo a partir de um estudo, de uma exposição, de uma descrição pura e simples *das* técnicas do corpo. Entendo por essa expressão as maneiras como os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. (MAUSS, 2003, p.401).

O autor aprofunda a sua explicação nesse mesmo ensaio afirmando que denomina

de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição (...). O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo. (MAUSS, 2003, P. 407).

Ao utilizar o conceito de Mauss para analisar a Renovação Carismática Católica, Maués (2000) levanta o questionamento de se considerar ou não uma distinção entre *técnicas* e *expressões* corporais. Nas primeiras se enquadrariam as “ações eficazes num sentido mais estrito, isto é, aquelas que, efetivamente, visando explicitamente a um fim prático, têm, por isso, caráter performativo.” (P. 137-138). O autor considera que estabelecer diferenças entre essas duas categorias é algo bastante complicado porque as ações que provem do uso do corpo como instrumento – falar, proferir uma prece, aplicar um passe, etc. – mesmo tendo ao primeiro olhar um traço meramente estético,

no contexto do ritual religioso não pode deixar de ser pensado como uma *performance* ou *desempenho* (que pode ser definido, entre outras formulações, como “execução de um trabalho, atividade, empreendimento, etc., que exige *competência e/ou eficiência*”). (MAUÉS, 2000, P.138 – grifos do autor).

Para Maués existe um “caráter polissêmico” nas técnicas ou expressões corporais, além dos “caráter de eficiência (ou eficácia)” e de “tradicionalidade” presentes na

definição maussiana, pois no contexto pesquisado por ele – como também no meu campo – aquilo que poderia ser compreendido como uma simples expressão corporal,

uma ação do corpo como instrumento ritual é, sempre, uma técnica, pois, apesar de estética (ou, aparentemente, desprovida de significação pragmática), comporta, se bem analisada, também um significado prático (como, aliás, nesse mesmo contexto, tudo o que, aparentemente, é apenas de caráter prático, comporta outrossim elementos estéticos e de outras ordens). (MAUÉS, 2000, P.138).

Csordas é outro autor que aborda elementos interessantes no que diz respeito à categoria do corpo a partir do seu campo empírico das terapias religiosas, no qual a maneira como os indivíduos vivenciam seus processos de cura e a relação com aqueles indivíduos que os auxiliam nessa experiência. A partir do “paradigma da corporeidade”, possibilita elaborar uma análise complementar à antropologia simbólica e interpretativa, no qual o autor tem como argumento principal

colapsar as dualidades metodológicas, mas, ao contrário de grande parte da literatura acadêmica contemporânea que destaca a dicotomia cartesiana de corpo e mente, eu focalizo as relações entre sujeito e objeto e entre estrutura e prática. (CSORDAS, 2008, P. 21).

O corpo é para Csordas o fundamento existencial da cultura, logo, um interessante ponto haja vista que é nele que se encontram a experiência e a formação do self. A corporeidade é a “encarnação” da cultura, ou para entrar no modo de argumentação do autor, o corpo “incorpora” os elementos culturais que vivencia. Nesse sentido,

não é apenas essencialmente biológico, mas igualmente religioso, linguístico, histórico, cognitivo, emocional e artístico. Por outro lado, se a linguagem pode ser apresentada como o surgimento da corporeidade e não apenas da função representativa do *cogito* cartesiano, o caminho estaria aberto para definir cultura, não só em termos de símbolos, esquemas, traços, regras, costumes, textos ou comunicação, mas igualmente em termos de sentido, movimento, intersubjetividade, espacialidade, paixão, desejo, evocação e intuição. (Csordas, 2008, p.19).

É nesse novo paradigma que o autor situa o colapso da dicotomia corpo-mente, sujeito-objeto sendo a maior singularidade da sua proposta teórico-metodológica. Contudo, ela entra em contraposição à mentalidade espírita que é pautada no pensamento tradicional e dicotômico. Porém, a ideia de que os corpos são produzidos culturalmente e o fato desse processo não ser tomado completamente pela linguagem

abre caminhos onde é possível pensar acerca das múltiplas maneiras em que as manifestações são incorporadas.

Como coloca Miriam Rabelo (2011), o termo “corporeidade (embodiment) estabeleceu-se na literatura para enfatizar a dimensão encarnada – corporificada – da cultura e das práticas sociais (do conhecimento, das emoções, da moral, etc.)” (p. 15). Em outro momento a autora comenta que “apenas quando tomamos a experiência sensível como um modo total de envolvimento significativo no mundo, podemos escapar da oposição entre sensibilidade e discurso.” (2005, p. 34), e atribui à reflexão fenomenológica a inclinação para reestabelecer a ligação entre

percepção e movimento – mostrando como a experiência sensível é tanto uma exploração ativa do mundo quando uma resposta (passiva) a seus apelos – e entre o corpo e o espaço-come-lugar – enfatizando, assim, não apenas a unidade dos sentidos no corpo próprio, como também a pertença e contínua orientação deste ao lugar<sup>174</sup>... (RABELO, 2005, p. 34).

Além disso, a noção levantada por Csordas de que o efeito básico da cura religiosa é o de redirecionar a atenção do paciente ao criar um novo sistema de significados se aproxima bastante da forma como os entrevistados compreendem a sua descoberta da mediunidade. As trajetórias dos indivíduos dentro do contexto espírita kardecista passam por um processo de ressignificação do mundo, em especial da figura denominada de “médium”, onde cada evento é ressignificado dentro do sistema de valores da religião espírita. No caso específico dos médiuns as suas sensações corporais, emoções e fatos da sua biografia adquirem, a partir da sua adesão a este sistema simbólico, novos significados e explicações.

### **3.2.2 Notas sobre a noção de pessoa.**

Como dito, Mauss (2003) elaborou um trabalho clássico e pioneiro no qual também reflete acerca da noção de pessoa e diz propor uma “visão mais precisa” acerca desse assunto. Logo no começo das suas reflexões ele coloca a ideia de que “nunca houve ser humano que não tenha tido o senso, não apenas do seu corpo, mas também da sua individualidade espiritual e corporal ao mesmo tempo” (P. 371).

---

<sup>174</sup> No contexto deste projeto o “lugar” trata-se de uma comunidade religiosa.

Acerca desse “senso” no Espiritismo kardecista. Cavalcanti (2006, 2008) comenta a respeito da distinção nativa de “Eu maior” e “Eu menor” também presente no campo feito por mim, no qual o primeiro seria a “entidade espiritual transcendente, que passa por muitas encarnações em seu percurso cósmico.” (P. 14). A ela se contrapõe o “Eu menor”: “a identidade encarnada, digamos assim, que a entidade espiritual transcendente adquirirá ao longo de uma única encarnação.” (P. 14).

Essa percepção encontra-se contrapõe-se à construção da noção de pessoa no candomblé, estudada por Márcio Goldman (1985), na qual o processo ocorre de forma lenta e processual por ser “efetuada em função de um complexo conjunto de rituais que se sucedem ao longo de um amplo período de tempo.” (P. 45). O conjunto de rituais remete ao processo de “assentamento” dos santos que é a fixação dos orixás na “cabeça” dos adeptos iniciados. Após um período de vinte e um (21) anos, ao ‘assentar’ o último santo “atinge-se um estado em que acontece uma possível liberação dos constrangimentos do transe; atinge-se igualmente a valorizada e desejada situação de tudo controlar, tornando-se ‘senhor de si’” (P. 45).

No Espiritismo não existe essa possibilidade de libertação completa do transe por parte do médium ao chegar a um determinado estado. O médium deve manter a sua contribuição nas atividades mediúnicas enquanto a sua condição física e de saúde lhe permitir, pois essa função é entendida como uma missão da qual não é recomendável que a pessoa desista, recuse e abandone porque ela já firmou um compromisso e esta é a sua forma de quitar as dívidas adquiridas em outras existências. Ou seja, uma vez passado o período de iniciação onde as incorporações são mais conturbadas, o médium assimila as noções de controle do corpo e das emoções pregadas pela doutrina espírita e assume a função de voluntário.

A pessoa para o Espiritismo é, portanto,

um ponto de convergência, uma vez que as passagens de um plano a outro são pensadas em termos de trajetórias pessoais, que se desdobram numa perspectiva cosmológica de longo prazo por meio de sucessivas encarnações, desencarnações e reencarnações. Concebidas como enredos que se desenvolvem em contextos particulares de relações sociais, historicamente delimitados, as narrativas dessas trajetórias traduzem a concepção espírita de pessoa como uma construção processual, onde a temporalidade funciona como modo de integração de identidades diversas, assumidas pelos sujeitos empíricos na transição de “um plano a outro”. (STOLL, 2009, P. 15).

Assim como debatido por Reesink (2003) entre católicos, não é possível para os espíritas elaborar uma noção de pessoa desvinculada da divindade cristã. Pois Deus é tanto o ponto de partida – onde tudo é criado – e de volta – para onde tudo retorna. Ao atingir a condição de espíritos puros e plenos não é mais necessário reencarnar sendo a “oposição entre os Mundos Visível e Invisível é definitivamente transcendida, e o Espírito, formalmente perfeito, retoma a seu ponto de partida: Deus.” (CAVALCANTI, 2008, P. 84).

É importante ressaltar que mesmo nos momentos de incorporação a individualidade dos médiuns é preservada, ficando separada daquela dos espíritos desencarnados com o qual entra em contato nas reuniões mediúnicas.

Tadvald procura contextualizar historicamente o ambiente no qual o Kardecismo surgiu para perceber a influência das ideias dessa época na forma como a doutrina espírita conceitua “corpo” e “pessoa”. O seu trabalho possui também uma discussão relevante acerca da possessão no Espiritismo e traz algumas reflexões importantes sobre a categoria do “controle” que para o autor deve ser relativizada já que em última instância o self que predomina no momento de tomar decisões é o do médium: “a última palavra passa sempre pelo crivo do *self* do espírito encarnado, do espírito do médium.” (2007, p. 129). Contudo ele lembra que existe sempre uma “anterioridade, dada pelo sistema de valores da doutrina espírita previamente internalizada por seus adeptos médiuns.” (2007, p.131).

A discussão da categoria corpo, noção de pessoa e das emoções ajudam a entender o processo de formação do médium espírita. Nele pude perceber que a mediunidade lato sensu é um componente fundamental do ser, na lógica espírita kardecista, sendo um elemento que constitui o corpo.

### **3.3 O tripé espírita: estudo, caridade e mediunidade.**

Duas categorias religiosas extremamente importantes para a doutrina espírita, o estudo e a caridade, estão intimamente relacionadas à prática da mediunidade funcionando como um tripé que sustenta os preceitos dessa doutrina. Em certa medida o estudo e a caridade são também entendidos como tarefas mediúnicas por dois motivos:

através delas estabelece-se o contato entre o Mundo Visível e o Invisível, e nelas o espírita é sempre um médium no sentido amplo<sup>175</sup>; por outro lado, o estudo e a caridade são componentes, tão relevantes como a experiência do transe, do desenvolvimento da mediunidade em sua acepção mais estrita. Um médium desenvolvido obrigatoriamente pratica a caridade e estuda regularmente. (CAVALCANTI, 2008, P. 55, nota minha).

Cavalcanti agrega a mediunidade a esses dois pontos colocando-os como principais meios pelos quais o espírita obtém a sua salvação. Logo, a articulação desses três eixos – mediunidade, caridade e estudo – deve estar sempre presente na vivência dos espíritas, sendo qualquer tipo de dissociação vista como uma falha já que não se pode fazer uma ou duas dessas atividades de forma isolada, é preciso executá-las como um todo (LEITE, 2011), por tal razão é importante incluir elucidacões acerca desses dois elementos neste capítulo.

A prece e a caridade são duas práticas que se juntam às leituras e ao estudo para compor o comportamento ideal de um espírita sendo a cobrança com relação aos médiuns ainda mais enfática já que eles podem exercer um tipo de auxílio que só é possível através das suas faculdades mediúnicas: o espiritual. Portanto, as reuniões mediúnicas são percebidas como momentos de esclarecimento, aprendizado e principalmente de auxílio para os desencarnados. Esses aspectos exercem influência mutua: servem tanto para eles como para os encarnados que se encontram envolvidos diretamente no trabalho mediúnico e aos que procuram os atendimentos e tratamentos.

- Nós é que temos que doutrinar os espíritos. Nós médiuns temos que fazer um pensamento positivo de caridade com aquele irmão. E que eles não venham com aquela raiva, com aquele rancor. Enquanto nós podemos está tratando eles pensando: Irmão, tenha paciência que Deus lhe ajuda. Tenha calma. Entendeu? Ficar assim nós mesmos. Enquanto o doutrinador também está nos ajudando. Quer dizer, tudo é uma forma de amor. O resumo é amor. (A.T., 69 anos, casada, uma filha, pensionista, médium ostensiva, *trabalhadora-voluntária* da Fraternidade Peixotinho)

Portanto, o médium de sucesso é aquele que procura estar sempre praticando atividades no âmbito da caridade, que não deixa os estudos da doutrina espírita – e

---

<sup>175</sup> O sentido amplo remete ao “medianeiro” *latu senso* – categoria já discutida no capítulo anterior – que abrangem todos os indivíduos, já que para o Espiritismo todos os seres humanos são médiuns, porém nesse caso a comunicação espiritual é “comunicação imperceptível, difusa, cotidiana, que os Espíritos travam com os homens por meio do pensamento” (CAVALCANTI, 2008, p.52).

principalmente o discurso de defesa da importância de estar sempre relendo as obras básicas – de lado.

Atualmente, o discurso das federações espíritas preconiza a racionalidade, a leitura das obras da codificação e das psicografadas – especialmente as dos médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco – como elemento primordial para a adesão dos indivíduos ao Espiritismo kardecista. Essa valorização da ‘razão’ se encontra presente desde as cinco obras fundamentais elaboradas por Kardec. A visão espírita do que é conhecimento se assemelha àquela da ciência ocidental, o qual progride a partir da relação entre seres humanos e espíritos. Existe, portanto, um aspecto divino porque

ele é revelado, e uma dimensão humana, pois para que a revelação se dê, e novas revelações ocorram, é preciso que os homens estejam à sua altura, que também conheçam. Estes dois fatores: o espaço propriamente humano nessa verdade que se detém, e o seu caráter incompleto, definem uma outra dimensão da vida religiosa espírita: o *estudo*. (CAVALCANTI, 2008, P. 62).

Aubreé e Laplantine reforçam a importância da complementariedade dos elementos que compõem o tripé no qual

a mediunidade supõe o estudo e a caridade, o estudo implica um corpus de revelações mediúnicas, ao passo que este tem por finalidade apenas a caridade. Finalmente, a caridade (ou prática social reformadora fundamentada nos ensinamentos morais de Jesus, reinterpretados à luz do espiritismo) é o estudo e a mediunidade em ação. (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, P. 228).

Portanto, compreendo que o médium para ser considerado completo deve manter os três elementos do tripé espírita – caridade, estudo e mediunidade – sempre em articulação. O tripé espírita, na produção do médium, se fundamenta no *despertar* – momento fundador – e se concretiza no *trabalhar* – momento cotidiano. É a partir da inter-relação dos três pilares no dia a dia do médium que ocorre a rotinização do seu carisma.

Este capítulo representou o esforço de aprofundar as discussões pinceladas no capítulo anterior ilustradas com as trajetórias aqui relatadas e comentadas. A partir delas foi possível perceber a centralidade do tripé estudo-caridade-mediunidade no *despertar* dos médiuns espíritas kardecistas, assim como as categorias de corpo, emoções e noção de pessoa são essenciais para o entendimento da formação do que compõe o ser do médium.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos três capítulos que compõem esta dissertação busquei mostrar a minha percepção do processo de formação do médium espírita kardecista a partir do meu trabalho de campo realizado na Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins e no Hospital Maria Claudia Martins. Realizei, também, a descrição etnográfica e análise de um campo até então não abordado na literatura antropológica, particularmente na que se refere ao Espiritismo: um hospital espiritual.

Dediquei o primeiro capítulo à elaboração do histórico – trajetória da fundação – e da descrição – estrutura das suas edificações, a proposta e objetivo de cada um, principais atividades realizadas e a sua distribuição no cronograma semanal, tipologia de frequentadores – das instituições estudadas, apontando suas semelhanças e particularidades. Percebo que tanto o MCM quanto a Fraternidade Peixotinho se enquadram em várias características do Espiritismo kardecista brasileiro.

Porém, ao atentar para as especificidades de cada local, notei que a Fraternidade Peixotinho, por ser associada à FEB, segue estritamente as suas recomendações: as atividades são formuladas com o objetivo de educação espiritual e nele existe o discurso de que a doutrina espírita deve ser divulgada através da razão – das obras psicografadas. Por sua vez, o MCM representa uma dissidência do modelo das federações e dos seus afiliados possuindo um sistema cujas semelhanças com os demais se restringe às características gerais do movimento espírita brasileiro. No MCM, é possível encontrar curas e cirurgias espirituais, aspectos que durante o processo de institucionalização da doutrina espírita no Brasil foram deixados de lado, tendo em vista estratégia de se afastar de outros contextos religiosos – majoritariamente de matriz africana – considerados no séc. XIX como pertencentes ao “baixo espiritismo”.

Dentre as divergências, a que mais se destacou nesta pesquisa é a forma como cada um desses locais entende o que é – e deve ser – uma prática espírita, principalmente qual o conteúdo que ela deve possuir. Isso se reflete nos tratamentos espirituais e no processo de educação dos médiuns que foram aqui descritos e debatidos.

O segundo capítulo girou em torno de três questões: a categoria de médium, a de mediunidade, e a descrição analítica das práticas mediúnicas observadas nos dois locais. Na categoria de médium defendi a subdivisão da natureza mediúnica em: médium lato

sensu e médium stricto sensu, por acreditar que sejam mais esclarecedoras e condizentes com os contextos observados. O primeiro abrange todos os seres humanos porque, dentro da lógica espírita, todos são médiuns, porém, na maioria da população a mediunidade não se manifesta – fica em estado ‘latente’. No segundo grupo, estão aqueles considerados médiuns de fato, nos quais a mediunidade se apresenta na forma ‘ostensiva’ e é por intermédio deles que ocorrem as comunicações espirituais. Elaborei um quadro-resumo das mediunidades mais descritas na literatura espírita contendo uma breve descrição de cada uma e indicando as suas recorrências nos locais pesquisados.

Inferi que a maior incidência de médiuns ostensivos é entre os trabalhadores do MCM do que entre aqueles da Fraternidade Peixotinho. Uma das explicações que aponte como razão para essa distinção incide nas diferenças de direcionamento dadas por cada uma das instituições. A Fraternidade Peixotinho, por estar vinculada às federações espíritas – pernambucana e brasileira –, tem como proposta central a orientação e divulgação da doutrina espírita, dos ensinamentos de Kardec, a partir do Pentateuco kardequiano e das obras psicografadas por Chico Xavier possuindo, portanto, um público mais difuso sendo o direcionamento dos seus trabalhos dado às palestras e leituras comentadas.

O MCM também possui a preocupação com a divulgação da doutrina espírita, porém, por ser uma dissidência do da FEB, procura incluir essa questão nos tratamentos espirituais e cursos para treinar e orientar os médiuns que realiza, ou seja, as suas práticas se firmam em torno das reuniões mediúnicas. Mesmo existindo, entre as prerrogativas dos recursos terapêuticos para aqueles que buscam auxílio espiritual, a obrigatoriedade de assistir a palestras doutrinárias, o foco das atividades do local são os processos de curas espirituais.

A partir desses tópicos cheguei ao processo de iniciação dos médiuns descrevendo como ele ocorre na Fraternidade Peixotinho e no MCM, por meio das suas etapas. Os percursos feitos pelos médiuns nesses dois contextos já possui como grande diferencial o seu ponto inicial: enquanto que no primeiro os indivíduos dificilmente chegam motivados por problemas de saúde ou psicológicos não solucionados pela medicina tradicional, no segundo é a busca por uma cura o pontapé para a aproximação com o MCM.

Outro ponto de divergência entre ambos é o fato de as etapas e ciclos daqueles que se iniciam como médiuns ou doutrinadores na Fraternidade Peixotinho possuir uma periodicidade particular. Seus momentos de transição ocorrem por intermédio de convites ou sugestões, que são proferidos ou pelos responsáveis pelas atividades que envolvem manifestações mediúnicas ou pelos dirigentes da Fraternidade. O iniciado vai acumulando funções – trabalho voluntário, aplicar passes, frequentar as reuniões públicas e as de estudos – de acordo com a sua disponibilidade de horários durante toda a semana.

Contudo, no MCM as etapas são bem claras e similares a todos os médiuns formados naquele local. O iniciado começa pelo tratamento, igual a todos os outros pacientes do hospital espiritual que consiste em frequentar as palestras públicas, receber as suas “medicações” – passes específicos indicados pelos doutores espirituais, ingestão de água fluidificada – e passar por uma revisão do tratamento a cada quatro sessões consecutivas. Em algum momento do tratamento – não possui prescrição de número exato de meses, varia de acordo com cada indivíduo –, a Dra. Cristina concede a liberação para que o iniciado possa frequentar o **curso de medicina espiritual**. Esse curso possui duração média de um ano, e ao final desse período, os iniciados são agregados ao quadro de *trabalhadores-voluntários* do MCM, assumindo um posto em uma escala que varia trimestralmente. Adentra também a etapa de **desenvolvimento mediúnico**, na qual descobrem quais são as suas aptidões mediúnicas: psicografia, psicofonia, ou somente a mediunidade de cura. A última transição consiste no médium se firmar como um participante de **reuniões mediúnicas** e depende, novamente, da avaliação e liberação da Dra. Cristina.

Detalhei, neste mesmo capítulo, as práticas mediúnicas observadas: como ocorrem; em que ambientes são realizadas e de que forma eles são estruturados; o posicionamento dos médiuns; e dos doutrinadores nessas atividades. As análises foram elaboradas em diálogo com as noções de controle do corpo e das emoções, exemplaridade, pureza e perfeição.

No terceiro e último capítulo, aprofundi as discussões acerca da categoria de médium levantadas no segundo capítulo, ilustrando-as por meio das trajetórias de diversos *trabalhadores-voluntários* que atuam nas atividades mediúnicas descritas no capítulo anterior, coletadas através de entrevistas semiestruturadas. Acrescentei ao

debate a noção de pessoa, colocando-a em relação à categoria de corpo e levando em consideração a questão das emoções. Defendi a importância dessas problematizações para o entendimento dos aspectos que envolvem a mediunidade, as práticas mediúnicas e principalmente a formação da figura do médium dentro do contexto espírita kardecista.

Acrescentei ao debate duas categorias nativas essenciais para a compreensão do processo de ‘produção’ do médium espírita: o *despertar* e o *trabalhar*. A primeira se refere à tradução nativa de uma conhecida categoria na antropologia da religião: a vocação. Essa é a maneira como os espíritas percebem o *chamado* divino para realizar um papel essencial dentro da lógica da doutrina espírita. O *trabalhar* representa percurso e o ápice da trajetória do médium, o momento no qual ele efetivamente participa das práticas mediúnicas.

Apontei a importância do tripé espírita – caridade, estudo e mediunidade – como sendo central para os iniciados alcançarem o patamar de “médium de sucesso”. Pois, o *trabalhar* dentro do contexto espírita kardecista implica em se manter constantemente na prática de atividades na área da caridade, sem deixar os estudos da doutrina espírita – especialmente o discurso de que é relevante reler frequentemente as obras básicas – de lado. Logo, o médium para adquirir o status de ‘completo’ deve manter esses três elementos – caridade, estudo e mediunidade – em ininterrupta articulação.

Assim sendo, espero ter conseguido através deste esforço dissertativo contribuir para amenizar a carência de trabalhos antropológicos no âmbito da religião, em particular das pesquisas sobre Espiritismo, que investiguem as peculiaridades do médium espírita kardecista.

## REFERÊNCIAS

ARRIBAS, C. da G. **Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. São Paulo: Alameda, 2010. 304p.

AUBREE, M. ; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro, e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre França e Brasil**. Maceió: Editora da UFAL, 2009 403p.

CAMPOS, R. B. C. . Utopia e Sociabilidade: imagem de sofrimento e caridade numa comunidade de penitentes do Juazeiro do Norte. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, p. 211-250, 2003.

CAVALCANTI, M. L. V. C. **O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. 2008. Disponível em <<http://www.bvce.org/LivrosBrasileiros.asp>>. Acessado em

\_\_\_\_\_. **O que é o Espiritismo: Segundo a visão antropológica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, 37p.

Dezembro 2010.

\_\_\_\_\_. Vida e Morte no Espiritismo. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 1, 2006. Disponível em <[http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872006000100003&lng=en&nrm=iso](http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872006000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 25 Mar. 2010.

CSORDAS, T. **Corpo, Significado, Cura**. 1ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, 463p.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012, 228p.

DULLO, E. Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade. In: **27 Reunião da Associação Brasileira de Antropologia**, 2010, Belém. 27 RBA. 2010. v. 1. p. 1-20.

FAVRET-SAAD, J. „Ser afetado”. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo: USP, FFLCH. n 13, ano 14, 2005. p.155-161.

GEERTZ, C. **O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 12ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, 255p.

GIUMBELLI, E. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v. 40, n.2, 1997.

GIUMBELLI, E. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, julho de 2003. p247-281.

GOLDMAN, M. A construção ritual da pessoa: a possessão no Candomblé. **Religião e Sociedade**, ano 12, n. 1, agosto 1985. p.22-54.

GREENFIELD, S. M. **Cirurgias do Além: pesquisas antropológicas sobre curas espirituais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KARDEC, A. **O livro dos médiuns**. 80ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 559p. 2009.

LEITE, E. **O corpo e o espírito: etnografia da história de vida, trajetória no movimento espírita e mediunidade de Francisco Peixoto Lins**. 2011. 71p. Monografia. UFPE.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008, 445p.

LEWGOY, B. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, July 2008 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872008000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 17 Maio 2010.

\_\_\_\_\_. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. 136p. Coleção Ciências Sociais.

LEWIS, I. **Êxtase Religioso**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1977. 268p.

MADUREIRA, A. Vassouras, Ciganas e Extraterrestres: Médiuns e Emoções no Campo Religioso Espírita de Natal (RN). 2010. 386p. Tese. UFPE.

MAURICIO JUNIOR, C. G. B. **Vasos nas mãos do Oleiro: A constituição do pastor pentecostal**. 2014. 126p. Dissertação. UFPE.

MAUÉS, R. H . Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, v. 2, p. 119-152, 2000.

\_\_\_\_\_. Bailando com o Senhor: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). **Revista de Antropologia (SP)**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 9-40, 2003.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. 4ª reimpressão. São Paulo: Cosac Naify, 2003, 535p.

MOTTA, R. Sacrifício, Mesa, Festa e Transe na Religião Afro-Brasileira. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS), Porto Alegre, n. 3, p. 31-38, 1995.

PAES, A. O Corpo da Alma: Cosmos, casa e corpo espírita kardecista. 2011. 315p. Tese. UFPA.

PRANDI, R. **Os mortos e os vivos**. São Paulo: Três Estrelas, 2012. 115p.

RABELO, M. C. M. ESTUDAR RELIGIÃO A PARTIR DO CORPO: algumas questões teórico-metodológicas. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 61, p. 15-28, Jan/Abr. 2011

\_\_\_\_\_. RODANDO COM O SANTO E QUEIMANDO NO ESPÍRITO: POSSESSÃO E A DINÂMICA DE LUGAR NO CANDOMBLÉ E PENTECOSTALISMO. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 11-37, setembro de 2005.

REESINK, M. “Rogai por Nós”: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 29 (2): 29-57. 2009.

\_\_\_\_\_. “Turner, Weber e o *Vidente*: reflexões sobre a institucionalização de uma aparição mariana.”, **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, SÃO PAULO, USP, 50 (2): 571-604. 2007.

REZENDE, C. B. ; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. v. 1. 136p .

SOUZA NETO, A. J. **Apontamentos sobre a vocação Católica**. Trabalho apresentado na II Jornadas do NERP. 2011. 7p.

STEIL, C. A.; MARIZ, C. L.; REESINK, M. L. **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, 286p.

STOLL, S. J. Encenando o Invisível: a construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de “auto-ajuda”. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v.29, n.1, 2009. p13-29.

\_\_\_\_\_. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 45, n. 2, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012002000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 27 Mar. 2010.

SWATOWISKI, C. W. Texto e Contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 27 (1): 114-131, 2007.

TADVALD, M. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 9, n. 9, p. 117-139, setembro de 2007

VASCONCELOS, H. **Materialização do Amor: vida e obra de Peixotinho**. 2ed. Recife: Doxa, 2003. 324p.

## ANEXO A

### QUADRO SINÓTICO DOS PLEXOS

Nome	Localização	Aspectos energéticos	Região Física / órgãos ou sistemas associados
Coronário	Topo da cabeça	Principal canal em que o ser se liga à dimensão espiritual. Rege todas as faculdades e sentidos espirituais, tendo ligação direta com as funções psicológicas e cerebrais.	Glândula Pineal Cérebro
Frontal	Está entre os olhos (3.º olho)	Sede dos pensamentos, processo do conhecimento, da intuição, da imaginação – sonhos e percepção.	Glândula Pituitária e Hipófise Cérebro Sistema Nervoso Órgãos do Sentido
Laríngeo	Garganta	Expressão e comunicação. Estabelece contato, percepção e ação. É o centro da cristividade.	Glândula Tireóide Órgãos do Sentido Aparelho Vocal Sistema Respiratório Sist. Digestivo Inicial
Cardíaco	Situa-se sobre o músculo cardíaco	Regula os sentimentos e a vontade. Tem ligação com o mundo e consigo mesmo através do campo emocional. Corresponde-se com o timo.	Sistema Circulatório Sistema Nervoso Parassimpático (nervo vago) Coração Pulmão
Esplênico	Baço	É o centro do equilíbrio. Auxilia na recomposição orgânica, especialmente na reconstituição de órgãos, ossos etc.	Coluna Vertebral Funções biliares Sistema Renal e excretor Circulação Ossos
Gástrico	Região, popularmente, conhecida como alto do estômago	É o centro vital por excelência. Estimula os processos de cura.	Sistema Digestivo Sistema Renal Metabolismo Sistema Nervoso Simpático
Genésico	Região pubiana Ventre	Regula as emoções e as atividades sexuais. Está relacionado à reprodução humana.	Sistema Reprodutor

(Tabela 3 – Quadro Sinótico dos Plexos. Fonte: Apostila do Curso de Medicina Espiritual do HESMCM.)